

COLETTE YVER

A HUMILDE SANTA BERNADETTE

2ª Edição



EDIÇÕES PAULINAS

† Livros Católicos para Download



Nihil obstat quominus imprimatur
Scti. Pauli, 27^o jan. MCMLVI
Matthaeum Garcez sac.
Censor

Imprima-se
São Paulo, 11 de Fevereiro de 1956
† Paulo Rolim Loureiro
Bispo Auxiliar

PREFÁCIO

Há pouco, no dia 8 de dezembro de 1954, na Cidade Eterna, na Roma imortal, o Sumo Pontífice Pio XII encerrava solenemente o Ano Marial, que êle anunciara e proclamara a 8 de setembro de 1953, pela memorável encíclica *Fulgens corona*.

Era a comemoração que se fazia em todo o mundo católico do primeiro centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, que Pio IX assim proclamava: *Definimos que é revelada por Deus e deve ser crida firme e constantemente pelos fiéis a doutrina que afirma ter sido a Beatíssima Virgem Maria imune de toda a mancha de pecado original, desde o primeiro instante de sua concepção, por singular privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Cristo Salvador do gênero humano*. Foi o ano de 1954 um ano de bênçãos, de graças abundantíssimas e foi também de imensa consolação para a inumerável multidão de sofredores, desta mísera geração, surgida entre duas guerras cruéis de extermínio.

Dentro de poucos anos se aprestará a Igreja para outra comemoração centenária, intimamente vinculada à que nos referimos acima — o centenário

rio das aparições de Nossa Senhora de Lourdes, na última das quais a Santíssima Virgem a si mesma se identificou, declarando: *Eu sou a Imaculada Conceição*.

Camponesa pobre e humilde, cândida, mas inamolgável, de fé simples, mas ardente e firme, foi Bernadette a escolhida pela Virgem Maria para as confidências do seu materno coração e para confirmar a verdade poucos anos antes solenemente definida pela suprema autoridade na Igreja — a Sua Imaculada Conceição.

A ilimitada confiança de Bernadette na Mãe de Deus evidencia-se nestas palavras que ao Santo Padre Pio IX escrevia, pouco depois: “Quando rezo pelas intenções de Vossa Santidade, tenho a impressão de que a Santíssima Virgem deve muitas vezes lançar seu olhar materno para a pessoa de Vossa Santidade, que a proclamou Imaculada. Quero crer que é Vossa Santidade particularmente querido desta boa Mãe, porque, quatro anos depois, Ela mesma veio à Terra para declarar: *Eu sou a Imaculada Conceição*. Eu não sabia então o que significavam tais palavras. Depois, refletindo, muitas vezes eu me disse a mim mesma: “Quanto é boa a Santíssima Virgem! Dir-se-ia que veio Ela confirmar a palavra do Santo Padre!”

É porque se quer tributar filial homenagem à Mãe de Deus e honrar à sua privilegiada vidente — Santa Bernadette — que se publicam estas pági-

nas em vernáculo, visando a que se torne mais conhecida entre o nosso bom povo.

Mira também a estimular a generosidade dos fiéis em benefício do templo votivo construído em honra da Vidente de Lourdes, na periferia da Capital e cujas obras estão chegando a bom termo.

Tem sua história a igreja de Santa Bernadette da Vila I. V. G. Quem traça estas linhas estava certo dia no início do ano de 1951 em seu gabinete de trabalho na Cúria Metropolitana de São Paulo, quando foi visitado pelo sr. Geraldo Marcondes, naquela data diretor-gerente da Imobiliária Vaz Guimarães, o qual, tendo conhecimento da existência da Obra Arquidiocesana das Novas Paróquias, cujo fim é traçar o planejamento e elaborar estudos para a construção de novas matrizes, igrejas e capelas nos bairros da Capital, vinha doar à Mitra Arquidiocesana uma espaçosa área de cerca de 1.500 metros quadrados para a igreja e a escola da nova povoação que se estava então formando.

Desejava saber qual seria o orago ou titular do novo templo que seria ali construído. Ora, poucos dias antes dessa visita, uma devota de Santa Bernadette, a veneranda Irmã Maria Inácia, da Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo, tinha oferecido à Cúria uma bela imagem de Santa Bernadette para uma das projetadas novas igrejas. Foi então sugerido ao generoso doador do mencionado terreno que poderia ser Santa Bernadette o titular da no-

va igreja, o **que** foi logo aceito pelo referido senhor.

Foram **as** obras postas em andamento com entusiasmo e auxiliadas pelo generoso óbolo do bom povo daquela vila, confiante e esperançoso de possuir dentro de pouco tempo a sua igreja, onde pudesse cumprir facilmente os seus deveres religiosos e receber de Deus as graças e bênçãos para um viver digno e cristão.

Em 14 de novembro de 1951, teve o signatário destas linhas a consolação de benzer e entregar ao culto público o novo templo, a primeira igreja que em honra de Santa Bernadette se erguia em São Paulo e quiçá em todo o Brasil. Bendito seja Deus!

Antes de terminar, queremos consignar aqui o nosso agradecimento ao benévolo tradutor, sr. Deodato Ferreira Leite, e às Revdas. Irmãs Paulinas que se prontificaram a imprimir e distribuir esta biografia de Santa Bernadette. Digne-se a Imaculada Virgem Maria abençoar a todos os que lerem e propagarem este opúsculo, destinado a tornar mais conhecida e venerada Santa Bernadette.

São Paulo, 11 de fevereiro de 1955, festivo aniversário da Aparição de Nossa Senhora de Lourdes.

† *Paulo Rolim Loureiro.*

Bispo Auxiliar

ABRINDO CAMINHO

Se tais fôsem as obras de Deus que fãcilmente coubessem nos conceitos do homem, por que entãõ chamá-las de maravilhosas de inefãveis? (Imitação L. IV, cap. 18).

Prezado leitor, ao tomares êste livro, não te fies na profissão de romancista que a Autora vive, não esperes encontrar nêle uma fantasia literãria e subjetiva sôbre o caso realmente encantador da pastorinha dos Pireneus bigorrenses; na sua leitura não prelibarás uma história romanceada, exploração agradável de lenda sem base, na qual se forceja meramente por tirar da ilusão alguma tesezinha de filosofia humana.

Quem procurar isso, não vá além destas páginas preliminares. Se não admites haver uma ordem superior aos nossos sentidos e que avassala o curso natural de nossa existência terrena; se não reconheces que os conhecimentos humanos são limitados, não se te pode contar a história autêntica de Bernadette. Excluído o sobrenatural, aquela vida não tem interêsse algum, nem sequer patológico; pois os achaques de que sofria a menina, isto é, a asma e a tuberculose, não explicam suas visões.

Cumpre, portanto, admitir o sobrenatural, se quisermos compreender o papel, naturalmente inexplicável, desempenhado por aquela camponesinha.

Não sei o que haja em nossas pastorinhas da França, nem que eco o Infinito depara em suas almas puras e sadias; mas se, como a Joana d'Arc, sua irmã na história e a ela muito parecida em sua fisionomia moral, também a Bernadette se sonegar o milagre a ambas concedido, esta escapará à compreensão. Esse milagre é aquela comunicação sensível que uma e outra teve com o mundo, ao qual nós, com nossa impotência em defini-lo, chamamos de celestial.

Esta tradução feita por alguém que quer ficar anônimo, foi revista, analisada e anotada pelo P. E. F. S. I. (Nota dos Editores)

OS SUBTERFÚGIOS DOS DESCRENTES

Todos os incapazes de suspeitarem a existência daquele mundo celeste, obrigados, julgam êles, pela sua razão a negá-lo, têm por isso que procurar causas meramente naturais às quais possam atribuir os fenômenos donde Lourdes, mediante Bernadette, veio a ser o que é hoje.

As primeiras dessas causas aventadas foram impostura e simulação por parte de Bernadette. Delas não falarei: eram coisa ridícula em se tratando de uma menina tão singela, e por isso ninguém ligou importância a tal explicação.

Outra causa muito mais verossímil à primeira vista (e confesso ter-me ela, durante largo tempo, trazido o espírito como que obsedado, enquanto não estudei os fatos) era ilusão, da qual teria sido vítima a Vidente, por estar influenciada com alucinações sensoriais. É aliás a única de que podem lançar mão os que não crêem que a Mãe de Cristo se tenha mostrado sensivelmente a Bernadette (e entre êles pode haver muitos católicos, visto que o fato das aparições não constitui um dogma. Prensados entre suas duas convicções, isto é, que por uma parte Bernadette julgou ver, e por outra, que ela não

podia ver, não lhes fica outra saída senão a de se valerem daquele estado mórbido bem conhecido dos neurólogos.

Vêem e ouvem os alucinados distintamente imagens e sons inexistentes. Tenho assistido e velado uma amiga alucinada. Afirmou-me ela que os vizinhos do andar superior lhe filmavam de continuo a vida mediante luz especial capaz de atravessar corpos opacos e cujo clarão, à noite, ela via nitidamente segui-la de um quarto para outro do seu apartamento. Percebia juntamente o ruído dos passos dêles que, de lá de cima, lhe acompanhavam as idas e vindas de alvoroçada. Estava eu junto dela. Não havia, já se entende, nem luz nem som: silêncio total, escuridão completa.

A especialidade das sensações nessas pessoas é o absurdo. Minha doente, esquecendo acaso que os indiscretos moravam no andar superior, alojava-os no andar correspondente ao dela, do outro lado do pátio, donde, a dar-lhe crédito, a tramóia dêles era a mesma.

Na casa de saúde em que depois a trataram, apontou-me esta ou aquela pessoa que ela ouvira claramente afirmar às escâncaras, fatos infamantes da vida passada dela, vida que fôra a mesma pureza. Garanto que aquelas pessoas eram incapazes de tais calúnias. Mas o Dr. F. neurologista muito conhecido que dela cuidava, capacitou-me de que êsses ditos

tinham sido percebidos pela doente tão nitidamente como se foram realmente proferidos.

Um ano mais tarde, minha infeliz amiga, que durante vinte anos me mostrara o mais terno afeto, morria persuadida e sentida de que eu, durante a sua permanência naquele estabelecimento lhe havia arrombado e saqueado o apartamento.

Não falo senão de um caso de alucinação do qual fui testemunha. Mas sei que a incoerência, desordem e insânia, que nêle notei, são constantes em todos os fenômenos dêsse estado, que não é a loucura, a ela porém, as mais das vêzes leva.

* * *

Acabo de viver intensamente, através dos lugares e dos livros, os trinta e cinco anos que Bernadette passou na terra. Não havia cérebro mais sadio, nem existiu nunca bom senso de camponês mais forte que o dela. É uma amostra típica daquela sabedoria de mulher lúdima e segura, que em algumas jamais desacerta. Sua vida breve, que iremos acompanhando, é um edifício perfeito quanto à harmonia e ao equilíbrio. Será nisto que se manifestam as nevrosadas?

EPISÓDIO COMPROVADOR

A evidente integridade mental de Bernadette unida à sua sinceridade, bem como a misteriosa perspicácia e harmonia com que se realizam as aparições, põem o cunho do sobrenatural nos fatos de Lourdes.

Um rico romano, Rafael Gennasi, sobrinho do Papa, viera no ano das aparições e, céptico, lhe ar-mava ciladas nos seus interrogatórios: “Eu lhe di-go que não viu a Virgem. Aliás, como podia vê-la?” Mas a menina, que naquela quadra mal começava a falar francês, lançou-lhe de repente, expontânea e direta como sempre, e não sem impaciência, esta réplica:

— Eu a vi com êstes meus olhos.

Narra-nos êste episódio uma testemunha ocu-lar, o Dr. Dozous, médico do lugar, na sua obra: A Gente de Lourdes. A êle dirigira-se o Sr. Rafael Gennasi, ao chegar, para travar relações com Ber-nadette. Pinta-nos seguidamente o clínico de que modo aquêlê senhor granfino, vindo para desvendar possíveis artimanhas, ficou estatelado pela menina.

* * *

Êsse colóquio entre a camponesinha e o nobre estrangeiro encerra, num como medalhão empol-gante, as duas compreensões eternamente antago-nistas, a do racional e a do sobrenatural. E é por-

que ambas se defrontam aqui, embora quase num relâmpago, que eu as coloco no limiar dêste livro.

Ê também por causa daquela nota de verdade segura, lançada nesta ocasião por Bernadette.

Seu eco vibra ainda em nossos peitos, e é fiador neste bradozinho de criança que o leitor e eu havemos de dar comêço a nosso peregrinar.

* * *

No decorrer desta peregrinação, que encetamos, teremos que estar sempre em leve contato com o mundo invisível.

Mas depararemos com muitas provas da sua existência. Amiúdo o inexplicável que nos sobresaltar será uma confirmação para nós, tanto a inexplicável moral quanto o inexplicável físico. Entretanto ambos são realidades.

Assim para exemplificarmos, impossível era para a ignorante Bernadette imaginar as palavras de todo inesperadas que a Visão pronunciou; o que ela, entretanto, teria que fazer se a Visão fôsse um fenómeno subjetivo, uma ilusão criada pelos sentidos da menina.

Outro fato maravilhoso também inexplicável é o seguinte: Bernadette era de índole fraquíssima, incapaz de esconder coisa alguma à mãe; na tarde da primeira aparição tinha jurado consigo que nada lhe diria; todavia ainda não chegara a noite que já tôda a gente em tôrno da menina sabia o

que ela vira. No entanto, durante vinte e um anos, soube a mesma Bernadette guardar o mais absoluto sigilo acêrca dos três segredos a ela confiados pela Senhora. E de certo não foi porque faltaram os indiscretos a rodeá-la, nem as armadilhas para obrigá-la a falar dêles. Nossa própria curiosidade, passados já setenta e cinco anos, ainda se alvoroça e nos tenta. Mas ninguém pôde sequer conjecturar a natureza do assunto a que aquelas confidências se relacionavam. Bernadette as sepultou consigo. Há nisto uma experiência psicológica que não é só aspecto de um temperamento excepcional. É o que me pareceu humanamente, menos explicável em Bernadette.

Como pode ser? Nem alusão que ponha na pista dos três segredos? nem alguma expressão reticente? nem alguma palavra velada? Não; antes, só mutismo de estadista, de profeta poderoso, naquela menina brincalhona e travêssa.

E, se não sairmos do plano terrestre e humano, enexplicável também será aquela sombria miséria em que voluntariamente se confinou a família Soubirous no pardieiro da rua das Valetas (Petits-Fossés), depois das aparições; pois então cada dia havia visitantes que lhe ofereciam bôlsas peçadas de ouro, como era em voga naquela época, bôlsas sempre repelidas pelo pai, pela mãe, pelos filhos com dignidade de reis, sistematicamente com misteriosa

obstinação, sem que jamais se lhes pegasse aos dedos alguma daquelas moedas de ouro.

Quem poderá dar uma explicação natural de tal procedimento?

* * *

Fenômenos físicos sem explicação natural: a fonte da Gruta. Chegaremos em seu tempo àquele episódio, no qual os dedinhos de uma menina mirrada foram vistos esgaravatar a terra penosamente uns centímetros e permitirem assim o forte ôlho d'água, torrente subterrânea, que talvez desde milênios se diluía no solo em múltiplas direções, jorrar quase repentinamente, por um só orifício, canalizar-se por si própria, domesticar-se de certo modo para dar doravante, já faz setenta e cinco anos, sua prodigiosa vazão regular de mais de cento e vinte mil litros diários.

E quem era naturalmente mais forte? O pêso dessas águas descidas dos Pireneus e que jamais até aquela hora puderam fazer saltar seu tampo de rochedos e pedras, ou os dez dedos de Bernadette a cavarem um buracinho — o têrmo é do Dr. Dozous, vindo para visitar a Gruta imediatamente após a aparição daquele dia, à qual estivera assistindo estupefato — buracinho por onde as águas, dóceis, ajuntando-se jorraram logo num só jacto!...

Nunca, desde então, houve quem desse uma explicação natural daquele fato, mesmo lançando mão

das “fôrças ainda desconhecidas”, às quais se recorre para atribuir a causa científica — em vez de causa sobrenatural — as curas de Lourdes.

AS CURAS

Que o sobrenatural, no caso de Bernadette, tem sua garantia na multiplicidade daquelas curas que, faz já mais de três quartos de século, trazem à medicina desnorteada e autenticam a manifestação da Virgem; isto não se diga aos obstinados materialistas, que continuam asseverando que “tudo é sempre natural”.

Verdade é que em outras religiões diversas do catolicismo se dão fatos que parecem maravilhosos, e também curandeiros e médicos curam por meio da psicoterapia. Mas de que modo êsses fatos, suposto que sejam reais e ultrapassem deveras as fôrças naturais, provam que as curas de Lourdes não são devidas à bondade da Mãe de Cristo?

Não pretende a religião católica proibir a Deus o querer bem àqueles que o procuram em outras confissões diferentes da nossa, nem o manifestar-se a eles por curas insólitas, recompensas da fé sincera.

Ainda bem para os materialistas: acharam o segrêdo das misteriosas curas de Lourdes.

Êsse segrêdo é a sugestão.

Os doentes em Lourdes vão sendo curados por sugestão. É a palavra em voga. Todos os incrédulos a repetem a boca cheia, a tal ponto que, para muitas pessoas só as paralisias de origem nervosa e não orgânica obedecem ao poder das águas de Lourdes ou do que vem chamado hipnose mística. A dar-lhes crédito, não haveria outros milagres fora dos dessa categoria.

Para tais pessoas seria desejável que se pudessem informar lendo alguns documentos positivos acêrca dos fatos que elas julgam com tanta desenvoltura; ler por exemplo os autos do “Bureau des Constatations Médicales” de Lourdes, onde se encontram não menos médicos incrédulos que crentes.

Ali se lhes deparariam, entre outros casos de curas, centenas de tuberculose pulmonar com cavidades (devidamente averiguadas pela radiografia), de tuberculose óssea com cárie das vértebras (mal de Pott), de colxagia tuberculosa, de lúpus tuberculoso, etc.

Centenas outrossim de casos de câncer: cânceres de superfície ou orgânicas; lúpus cancerosos, **úlceras dos membros**, etc. Centenas de curas de **surdez, de mela surdez**, de cegueira. Em geral, **cicatrização instantânea das chagas**, restauração imediata dos tecidos da célula orgânica, dos ossos.

MODO DE PENSAR DO DR. BERNHEIM

Além disto, saibam essas pessoas que não é tão fácil quanto se julga curar pelo hipnotismo e pela sugestão. A psicoterapia é uma ciência. Conhece e demarca ela própria seus limites. Determinou-se pela pena de um dos seus maiores professores, o Dr. Bernheim, chefe da célebre Escola de Nancy. Eu aqui o cito, servindo-me do livro que todos deveriam conhecer: “História Crítica de Lourdes”, de Jorge Bertrin, doutor em Direito, agregado à Universidade (de Bruxelas 1931).

Eis uns trechos por êle tomados de empréstimo ao mestre da psicoterapia:

“A sugestão é uma terapêutica quase exclusivamente funcional. Se consegue restabelecer as funções perturbadas, que chega a curar os órgãos doentes... A sugestão não pode recolocar um membro deslocado, descongestionar uma articulação inchada pelo reumatismo, nem refazer a substância cerebral destruída. Não se sugestiona tampouco aos tubérculos que desaparecem. A sugestão não pode restaurar o que está destruído”.

E se, deixando de parte o organismo, nos limitarmos à função:

“É forçoso confessá-lo, os resultados obtidos pela sugestão são transitórios. Pode a sugestão restabelecer a função enquanto esta não tiver sido su-

primida de todo pela lesão, enquanto a perturbação daquela fôr só dinâmica; pois a sugestão não suspende a evolução orgânica da doença”. (Bernheim, Hipnotismo, Sugestão, Psicoterapia, Paris 1903, págs. 320-350).

A HIPNOSE MÍSTICA DAS TURBAS

Mas, dirá alguém, então não conhecem a hipnose mística das multidões?

Respondemos: meditem-se os seguintes casos.

O conhecidíssimo belga, De Rudder, de quem se fala ainda Europa a fora, cuja perna esmagada pela queda de uma árvore desajeitadamente derribada sobre ele, guardara durante oito anos dupla fratura da tíbia e do perônio, com falta de parte do osso que fôra extrair, mais uma chaga constantemente ulcerada — ficou num segundo, “como de um tiro de espingarda” (a expressão é dêle) curado, sem ficar vestígio algum do seu coxear, não em Lourdes, mas sim em Ovstackers, perto de Gand, diante de uma imitação da Gruta de Lourdes, onde vinham romeiros. Foi curado enquanto sossegadamente rogava a Deus lhe perdoasse os pecados e lhe desse jeito ao menos para ganhar o sustento.

Vion Dury, cego, havia já sete anos, pelo deslocamento das duas retinas, sarou em 1890, aplicando-lhe água de Lourdes no hospital do Confort, junto de Bellegarde (Ain).

Catarina Lapeyre acometida de horroroso câncer na língua que lhe pendia da boca, ficou boa, radicalmente e sem recaída, após uma novena de preces a Nossa Senhora de Lourdes, rezada em seu quarto, na rua Sant'Ana, n. 2, em Tolosa, no ano 1889.

E tantos outros prodígios operados por Lourdes, mas em lugares afastados e que não posso citar embora sejam às vezes dos mais deslumbrantes.

O JUÍZO DE JESUS

Disse então Jesus: “Eu vim a êste mundo para um juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem fiquem cegos” (Jo. IX, 39).

Não posso abster-me de relembrear aqui esta sentença do Salvador pronunciada após o caso do cego de nascença e cujo sentido enigmático é tão triste. Nêle ressumbra o desalento ao realizar prodígios, ao dignar-se transtornar as leis eternas em prol do homem, ao dar-lhe provas com a igual, para, em troca, esbarrar nessa razão humana tergiversada, inimiga da evidência que a contraria, exigindo a apalpação do mistério para o crer, e, depois de o apalpar, dizendo displicente: “Isso não é o mistério”.

Repete-se a história perpétuamente.

Aquela, é em Jerusalém que sucedeu, no sábado após a festa dos Tabernáculos. Trouxeram a Jesus um cego de nascimento que esmolava pelas

ruas. Cuspiu no chão o Salvador, fêz com a saliva lodo que pôs sobre os olhos do cego, dizendo-lhe: “Vai e lava-te na fonte de Siloé”. Obedeceu incontinentemente o cego, e ao voltar, enxergou muito bem. Todos o conheciam em Jerusalém, por terem-no visto esmolar em seus bairros. Entretanto o povo, ao vê-lo não podia acreditar que fôsse ele, diz S. João. “É alguém parecido com ele”, comentavam. Mas ele acudia: “Não, sou eu mesmo”. Então a curiosidade os assaltou. Quiseram saber como fôra curado. Sem mais, ele dizia: “Um homem chamado Jesus fêz lodo, botou-mo sobre os olhos e disse-me: Vai à fonte de Siloé e lava-te. Fui, lavei-me, recobrei a vista. — Onde está aquêle homem? Perguntaram os circunstantes. — Não sei, respondeu ele”. (S. João, Cap. IX, vs. 11-12).

Que juízo fazer deste caso extraordinário? Cumpriria levá-lo ao conhecimento dos fariseus. Conduziram-lhes, pois, o bom homem. Eles, antes de tudo, repararam em que a cura fôra feita num sábado, dia de descanso. Novo interrogatório do milagrado:

Como é que se deu aquilo? — Pôs-me lodo sobre os olhos, fui lavar-me e enxerguei”. Nisto os fariseus entraram a deliberar (vs. 16-17). “Êsse homem não é enviado de Deus, pois não guarda o descanso do sábado. — Sim, mas como é que um pecador poderia fazer semelhantes prodígios?” — E iam discutindo com aspereza. Quiseram fazer passar por novo interrogatório o que fôra cego, saber

que conceito, na sua simpleza, fazia do taumaturgo. Lisonjeado sem dúvida por se ver feito árbitro, o mendigo afirmou: “ É um profeta! ”

Os judeus, prossegue S. João, não quiseram crer que aquêlê homem fôra cego e que recuperara a vista. Por isso mandaram chamar o pai e a mãe dêle. Perguntaram-lhes: “ E’ êste vosso filho que dizeis ter nascido cego? Como é que agora vê? ” Responderam os pais: “ Nós sabemos que êle é realmente nosso filho e que nasceu cego; mas como é que agora enxerga, isso nós ignoramos; quem lhe abriu os olhos não o sabemos. Interrogai-o vós mesmos: Tem idade. Responda acêrca do que lhe concerne ”.

Assim falaram os pais, acrescenta o Evangelista, porque tinham mêdo dos judeus.

Êstes mandam outra vez procurar o mendigo, para dirigir-lhe novas perguntas. Mas êle responde sempre da mesma forma: “ Só sei isto, que eu era cego e agora vejo. Já vo-lo disse. Por que quereis ouvi-lo mais vêzes? Acaso quereis tornar-vos discipulos daquele homem? ” Esta frase fêz com que os fariseus o cobrissem de impropérios. Êles eram discipulos de Moisés. Êsse aí não sabiam donde era. — “ Ê estranho que não saibais donde êle é. Entretanto abriu-me os olhos. Nunca se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença ”.

Os fariseus mandaram-no calar.

— “Tu nasceste todo no pecado e nos queres ensinar?”

E expulsaram-no. (Idem, v. 34).

* * *

Não mudou a humanidade. Continua dizendo como os escribas e fariseus: “Mestre, queremos ver um prodígio vosso. (Mt. XII, 32). E quanto mais ela estremece de afã e curiosidade perante o sobrenatural, tanto menos êste, quando lhe roça os sentidos, parece mover-lhe a alma. Dir-se-ia que o milagre é uma concessão feita a contragosto dos homens por Deus cansado da leviandade dêles e muito inteirado de que êsses negadores pertinazes sempre reclamarão a prova da prova.

Por isso é que Jesus dizia aos judeus: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas agora que dizeis: Nós vemos, vosso pecado fica”. (João, IX, 42).

O MILAGRE ESPIRITUAL DE LOURDES

Por isso também é que o sobrenatural tem outros meios para nos convencer além da manifestação sensível do prodígio, e eis porque o milagre espiritual permanente em Lourdes ilumina secretamente mais inteligências humanas que o milagre físico. É condão de fé mas pura o contentar-se para prova com a experiência metafísica.

Dizia Huysmans: “ Não sou propenso a ver milagres; sei muito bem que a Virgem os pode fazer em Lourdes e alhures; não se baseia minha fé nem na razão, nem nas percepções mais ou menos certas de meus sentidos; depende de um sentimento interno, de certeza adquirida com provas internas ”.

Pode sempre o crente pesquisar diretamente a ordem divina, com o ouvido cosido à fonte inefável do Espírito. Se o portento sobrevém, fulminante, o crente atira-se de joelhos, sacudido por visão mais deslumbrante, mais sensível. Entretanto, feliz daquele que não viu e creu.

“ Eu vim ao mundo para um juízo, a fim de que os que não vêem vejam e os que vêem fiquem cegos ”.

Acautelemo-nos para não sermos do número dêstes... e para não deixarmos de lançar mão deste andaime, que Deus nos quer dar qual esteio da nossa fé no sobrenatural, durante o largo caminhar desta nossa peregrinação.

RAZÃO PORQUE A AUTORA ESCREVEU ESTA OBRA

É, aparentemente, simples loucura de minha parte querer nela ser teu guia, quando existem tantos, tão notáveis e incomparáveis livros sobre Bernadette. Cite-se só os autores: Henrique Lasserre, Estrade, o Dr. Dozous, Barbet, o P. Cros, o P. Du-

boé, o Sr. Bertrin, e em primeiro plano a Madre de Nevers que escreveu: *A Confidente da Imaculada*; mais recentemente: o Cônego Belleney, Caetano Bernoville, Fernando Laudet deram-nos sucessivamente imortais retratos daquela enigmática aldeã: uns com os olhos no modelo ainda vivo; os demais à custa de escrupulosas investigações, com o fito numa crítica impiedosa ou iluminados pela fina ciência psicológica.

Por mais vã, todavia, que seja a tentativa de escrever hoje um livro sobre a nova Santa francesa, pela Igreja recentemente indigitada à nossa veneração, ponho-me a caminho, humildemente, ignorando que o escritor tem sempre razões irresistíveis, às quais obedece quando lhe cumpre retratar ao vivo um sêr humano, seja êle fictício num romance, ou real numa biografia.

CAPÍTULO I

O PRIMEIRO ENCONTRO COM A SANTA

Vai correndo o trem através de um parque relvoso, onde capões elegantes de árvores se sucedem de espaço a espaço. Os tabuleiros de relva vêm divididos por estacadas como na Inglaterra. Lindas novilhas brancas, quais animais sagrados, ali pastam, espalhadas com quase elegância, enquanto galinhas nanicas, não menos alvas, vão dando vida ao gramado com seu amiudado bicar. A luz é de tal modo serena que permite reconhecer a zona de Loire, única faixa donde se levanta neblina bastante rala e espalhadiça para dar à natureza o suave aspecto e às côres o levíssimo filó das manhãs perpétuas. É a zona do Nivernês.

Eis agora Nevers, a cidade das religiosas, por recordação do seu passado clássico. Tôda sonora devido aos sinos de seus mosteiros, lá nos aparece debruçada na sua balaustrada, no ponto em que o Loire faz um meandro dos mais majestosos.

O mosteiro de S. Gildardo, que lá no alto hospeda as Irmãs de Caridade de Nevers, desce com seus pomares o declive da cidade até os trilhos da estrada de ferro. Poder-se-ia, ao chegar, tocar com a mão no paredão que o cerca, na sua esquina. É um ângulo de paredão como se vê em qualquer quintal fechado. Não se apresenta murado como uma fortaleza. O muro é comum e nada tem de feroz. Não podemos, todavia, ver o que se oculta, por detrás dele, aí nêsse recanto de jardim monacal. Mas em dado momento da nossa romaria voltaremos a divisar o que ali se dá. Entretanto, já, desde o trem, cumpre saber que êsse recanto de ângulo encerra um pequeno oratório e que um nicho aí abriga uma antiga e linda estátua da Virgem, tôda alva, de sorriso enigmático e meigo e de braços ternamente acolhedores: é Nossa Senhora das Águas. Eis, sumariamente, o mistério todo contido naquela extremidade de cerca e invisível para os viajantes do trem. O mistério, entretanto, é maior do que se pensa.

* * *

Vamos, neste entrementes, visitar à capela que lá no alto campeia, desde o limiar meio engastada dentro do quadrilátero grandioso das construções, donde apenas sobressai a delgada ábside. Capela de estilo gótico com duas naves laterais, mais ampla que a média das igrejas aldeãs e que nos impressiona com um céu sereno.

Por ela vão e vêm, sempre um pouco atarafadas como mulheres de muita lida, mas conservando aquêle passo ligeiro e suave das jovens religiosas a deslizar, as Irmãs do mosteiro, trajadas de preto, com o rosto estreitamente moldurado por uma ogiva de linho branco, que, debaixo do manto, se divide em duas tiras a caírem pelo peito.

Prece rápida, o serviço de caridade as reclama.

E aqui está uma delas, dormindo num esquiife de cristal e ouro, erguido na capela de Maria, no fim da galeria reta.

Num colchão de setim branco, deitada a pequenina, seus pèzinhos mal chegam com as meias pretas, a sair fora das fartas dobras do hábito monacal; levemente voltada para a esquerda, seu rosto ao qual um banho de cêra restituiu o frescor e feições de mocinha, pende para o ombro: dir-se-ia que a vemos respirar com ritmo debilitado pelo sono que lhe deixa sossegadas as mãos postas, também elas ungidas com pálida cêra.

Meu Deus! eis portanto, aqui cerrados e selados com cêra aquêles olhos que se enlevaram na beleza da Virgem! Eis aqui, hoje vendados e fechados aquêles ouvidos que lhe escutaram a voz! Esta é a bôca que a saudou com Ave-Marias tão puras como a do Anjo. Estas as mãoszinhas que se erguiam alvoroçadas para a Senhora celeste através de chama impotente. Este é o pé que ela despia da meia à beira do córrego no instante em que a eminência

da Aparição desencadeava, para ela, na natureza, um ruído de temporal — sinal que a levou totalmente para a Gruta de repente luminosa!

Este é o corpo virginal que foi todo dor de expiação por amor daqueles coitados que de vós escapam nesta terra, ó meu Deus! Esta é a pastorita da encantadora aldeia de Bartrès. A pobre menina do casebre da rua das Valetas em Lourdes. A pensionista do mosteiro pirenaico, aonde iam desde os confins da terra para dela implorar uma audiência. Esta a postulante que, para deixar a terra natal e a mãe, tanto sofreu que ficou insensível. Esta a religiosa de Nevers de quem se dizia: “ É uma religiosa como as demais ”, mas que guardava sob a bela fronte teimosa os três segredos do céu. Aqui está aquela que viveu a sua vida encantada por ter entrevisto na manifestação da Mãe de Jesus a Beleza do Além. Esta é a Santa novinha que o Santo Padre, após prolongado processo, oferece qual guia aos que militam na Igreja de Cristo, qual medianeira para suas preces, qual modelo para sua boa vontade, qual heroína das virtudes para os garimpeiros da perfeição.

Já as relíquias dela nos tomam de respeito.

Parece-nos sagrado tudo quanto roçou no cristal da sua urna. Pedi que encostassem nela o estilógrafo que lhe há de descrever a vida. Sentimento não nítido, religião da lembrança, idealizamento das coisas materiais.

Quem é que não conserva piedosamente algum instrumentozinho de costura, dedal, tesoura, tear ou máquina que sua mãe outrora manejava? Ou não lhe imprime um impulso consolador?

Nossos antepassados da primitiva Igreja levavam para casa retalhos de pano embebidos no sangue dos mártires. Aquêê sangue emblemático, relíquia substancial de seu sacrifício, tinha ainda o condão de comunicar a fortaleza e a graça daqueles heróis. Por isso, que veneração não inspirava imediatamente!

Assim também hoje tudo o que tocou neste despojo humano, que é da santa, parece-nos abençoado e veículo das graças que nêê habitavam.

Fetichismo (dizem os incrêêdulos). Culto de amuleto! Sentimento de bárbaros!

Mas o selvagem materializa as fôrças ocultas no seu talismã, e o cristão, venerando as relíquias segundo a tradição, vai, pelo contrário, espiritualizando o culto da recordação. Nêê os sentidos vêem e tocam um pedaço do véu da Santa. A sua fé espera encontrar ali vestígios da virtude de Deus da qual a Santa estava compenetrada.

* * *

Santa Bernadette, ajoelhados perante vossos despojos terrestres — pois o respeito e emoção fizeram-nos logo prostrar nas lajes — ó morta mais viva do que nós! — Contemplamo-vos nesse sepulcro

transparente, no qual o ourives acumulou profusamente e sem medida todos os sinais e indícios da vossa glória. Impotentes como são os homens para representarem o triunfo da outra vida a vós prometido, pela Mãe de Deus, forçoso lhes é acumular aqui elementos valiosos, ornatos, florões, escudos, emblemas de vossas virtudes, evocações de vossas prerrogativas. Imagina-se até que anjos devem adajar à roda dêste santo corpo, que foi tão sublime templo do Espírito Santo, altar da Eucaristia e alvo do sorriso de Maria.

Somos romeiros encantados pelo brilho da vossa glória, e encontrando-vos aqui, de repente, reconhecemo-vos, humildemente, no têrmo esplendoroso de vossa carreira. Quiséramos outrossim achar na Santa, cumulada hoje de honras e de vivas, a pobre rapariguinha que todos aqui neste mundo conheceram. Tencionamos seguir vossos passos desde o tempo em que, pastorinha de oito anos, conduzíeis os cordeirinhos pelas encostas relvasas de algum morro dos Pireneus, até o dia em que, consumida pelo mal arcano, aparentemente apanágio das almas de escol, fôstes morrendo aos poucos na poltrona da enfermaria, curtindo alegre aquêle misterioso definhar das jovens religiosas predestinadas, sob o meigo olhar de uma Virgem de gêsso.

Desejamos palmilhar piedosamente tôdas vossas etapas e, mais que tudo, conhecer bem vossa alma,

pois somos pobres sêres humanos, muito ávidos de saberem tudo o que é do homem, e principalmente de conhecerem aqueles jorros de luz que às vêzes a criatura projeta ao entrar em contacto com seu Deus.

Santa Bernadette Soubirous, tomai-nos pela mão. Amém.

CAPÍTULO II

A INFÂNCIA

É Bartrés (1) uma aldeazita situada ao norte de Lourdes, a meia légua da cidade.

Na cumeeira do morro bastante elevado, verdejante e arborizado, de aspecto vicejante como as pradarias bigorrenses, à beira da encosta de Leste, Bartrés está assentada no côncavo de uma dobra do chão, como no porão de comprido barco, entre duas ladeiras relvosas remontadas de carvalhais.

A estrada de Lourdes passa por ela fazendo uma espiral inclinada.

Não se pense num grande povoado, não. Só poucas casas de camponêses, esparsas à direita e à esquerda sem nenhum plano. Igreja boa, bem restaurada. Caminhos que qualquer chuva torna medonhamente lamacentos, como todos os fundos de bacia.

Trezentos moradores.

(1) Bartrés. Mudou-se propôsitamente o acento francês para evitar qualquer dificuldade de pronúncia (P. E. F. S. I.)

Nas beiras dêste profundo valezinho, rebanhos atarefados com os focinhos no capim, vacas das charnecas, de chifres delgados, de pêlo louro, vacuinhas bretãs malhadas de preto e branco; e sobretudo carneiros lanzudos e gordos, imóveis quais pedras de alvenaria, surgidas na sua tarefa de pastar. Ao sul, e quão perto nos parece! surge diante de nós, a cada instante, a série de altos e baixos agigantados dos Pirineus; o Pico de Ger, a delgada agulha do Pico do Meio-Dia bigorrense e, a seguir, os cumes de Arbizon e de Nouvielle. E aquêles montes de dois ou três mil metros, tão vizinhos que aparentam vegetação, com seu dédalo de vales escuros, com suas vertentes caindo abruptas, tornam mais meiga e sorridente a aldeola de Bartrés tão molemente semi-sepultada entre duas intumescências da terra, que se alonga em linhas arredondadas.

1857

É a saída do catecismo. As meninas com seu capuzinho, num sussurro de tagarelices e de tamanços, descem pela estrada abaixo ao voltarem da igreja situada num morrinho. Uma delas, comportada e séria, moreninha mal aparentando dez anos, de grandes olhos negros, imperscrutáveis, maçãs salientes, bôca largamente rasgada, apressa-se sôzinha em demanda daquele casario branco, lá no fim da segunda esquina, que assim fica fronteira ao pres-

bitério. O jovem cura, Padre Ader, atalhou pelo cemitério, tomando-lhe a dianteira. Ei-lo em casa à janela da sala de jantar, quando a menina passa pela estrada. Chama a empregada (que provavelmente punha a mesa).

— “Olhe para esta menina. Quando a Virgem SSma. se digna mostrar-se na terra, deve escolher crianças que se pareçam com esta”.

* * *

Treze anos antes, tinha aparecido a Mãe de Jesus no monte sobranceiro de oitocentos metros à aldeia já muito alta de La Salette. Lá, num local, cercado formidavelmente por montanhas despidas de árvores, mal verdejantes de grama rala, paisagem lunar de serenidade inalterável com suas linhas harmônicas, onde não se enxerga ponta alguma de rochedo, a Virgem Maria escolhera, para a êles se manifestar, dois pastorinhos cujos carneiros tosavam o capim nos alcantis da serra. Chamavam-se Maximino e Melânia. Ela os abençoara. Falara-lhes dos pecadores. Chorara, com o rosto nas lindas mãos, ao pensar naquelas multidões que se não valem dos dons de Deus e pelo contrário ofendem seu Criador. Confiou-lhes um segredo e fizera brotar água de uma nascente que sempre secava no verão e desde então nunca deixou de correr. Viram-na depois, trajada de vestido bizantino, com largas mangas, tou-

cada de coifa do mesmo estilo a formar-lhe um diadema, viram-na subir voando para o céu de anil.

O Padre Ader, sacerdote místico, que no findar aquêlê ano havia de ingressar num mosteiro, ficara muito comovido com aquela bela história de La Salette. Os prantos de Maria, a sua tristeza, seu amor aos pobres pecadores a transparecer nas frases relativas à sua tarefa tão pesada de medianeira, tôdas essas recordações patéticas preocupavam-lhe certamente o espírito.

Mas que havia, no rostinho da criança que passava, para se fazer, quase instantâneamente, no espírito do Padre Ader, aquêlê cotejamento?

Chamava-se a menina Maria Bernarda e, mais familiarmente, Bernadette Soubirous. Fazia de criadinha, no verão, em casa de sua antiga ama, Maria Aravant, senhora Lagües, isto é, vinha durante os mais belos meses, sem salário, só pela comida, tomar conta do lindo rebanho de carneiros e cordeiros da granja Lagües, fronteira ao presbitério, na segunda volta do caminho.

Bernadette não era de Bartrés. Seus pais, outrora moleiros em Lourdes, tinham passado mal nos negócios e agora moravam na parte mais alta da cidade, na rua das Valetas (Petits Fossés). Ali viviam apertados com seus quatro filhos, num pardieiro da sala única, por uma só janela iluminada, no rés do chão da antiga cadeia denominada ainda hoje *o calabouço*. O dono daquele imóvel, André Sajou,

primo dos Soubirous. deixava-lhes por serem incapazes de pagar aluguel, o uso daquela miserável moradia. O pai e a mãe ganhavam o sustento trabalhando a jornal nos campos da cercania de Lourdes.

A VIDA EM BARTRÉS

Quanto mais suave corre a vida em Bartrés para a menina! O sítio Lagües é extenso e farto. A dona, que amamentara Bernadette, outrora, no tempo em que os Soubirous eram remediados, não a trata como a pastorinha vulgar. Aliás, a menina que é fraquinha, aproveita-se da abundância campesina. Pela manhã a antiga ama põe-lhe na cesta um naco de toucinho com uma tigela de sopa e pirão de milho. Ei-la partindo, ao alvorecer, com seu cão Pegu, ajuizada, compenetrada da responsabilidade do ofício, com sua varinha que lhe serve de emblema.

A trezentos metros da casa, debaixo de um capão de grandes carvalhos, a meia encosta da rampa que corre ao longo da estrada de Lourdes, está o curral das ovelhas. É uma pequena abegoaria ou granja, abrigada por aquêle capão que a esconde. Seu lindo teto de colmo apertado e quente parece pender do lado oposto ao caminho e descer até o chão. Mas é a terra que surge a pruma naquele ponto e toca no teto, tão abrupta é a ladeira. O pèzinho da pastorita, tão seguro quanto o de seus cor-

deiros, galga-a dançando. Fica, porém, levemente esfaçada porque é asmática.

Puxa a porta feita de poucas tábuas. Uma baforada quente dá-lhe no rosto, e na escura nave onde penetrou um raio de luz, percebe a menina que as garupas rosadas fazem meia volta num movimento giratório e que o povinho por ela governado vira para sua pessoa uns dez ou doze rostos oblongos, olhos esquisitos, toucados de orelhas compridas, oblíquas e pendentes por um topete de lã muito fôfa.

Um gesto da chibata e o redil se esvazia; soltando seu concôrto de balidos de tons vários, as alimárias se espalham pelo capinzal. Trava-se sem dúvida, conversas entre elas e sua princesazinha. Entendem-lhe a fala dialetal e Bernadette lhes conhece tôdas as vontades, e não troca as caras delas, que a nós parecem tôdas iguais com seu olhar um tanto bobo e sua expressão, mitológica. Os carneiros adultos e as ovelhas, que são as mães de família, inspiram-lhe certa discreção. Mas está muito à vontade com os cordeirinhos. Apraz-lhe enfiar as mãozinhas na lã densa, segurá-los pelas juntas rígidas e longas e sentá-los sôbre os joelhos.

E não eram de papelão como os vossos, ó filhos de pais ricos!

Não há motivo de enfastiar-se. O pastorear faz-se ora aqui, ora acolá. “Os Lagües, escreve João Barbet, possuem vastas terras em vários lugares”. Mas a paisagem é sempre a mesma nas colinas que

cercam Bartrés, e os Pireneus azulados sempre surgem ao longe. Quando toca o meio-dia, Bernadette ajoelha-se para rezar o Angelus, depois tira a tampa da cestinha e vai estendendo o toucinho sôbre o pão de centeio. Os dentes dos carneiros não param desde cedinho. Mas ela também está com fome. Pegu láte-lhe à roda. Bernadette, rindo-se, atira-lhe bocados de polenta que o cão abocanha no ar.

Quando a tarde fica parecendo longa, Bernadette esgaravata o chão à cata de pedrinhas. Logo que conseguiu juntar um bom montezinho delas, sai à procura de um local plano para aí construir um altazinho à Virgem: trabalho de paciência, pois, falta o cimento. Mas Bernadette é habilidosa. Uma cruz feita de dois gravetos encima a construção. Só falta encontrar flores para orná-la. Puxa então do bolso o têrço, que vai desfiando conta após conta, diante do altazinho mal seguro.

É assim que durante seus dias de solidão vai procurando uma companheira divina com quem possa comunicar seus pensamentos infantis.

Mas eis que o cordeirinho mais querido, o benjamim, ciumento dessa desatenção, vem correndo num galope desajeitado.

— “Dize-nos, Bernadette, por que é que preferes êsse, que a nós nos parece igual aos demais?

— “É porque é o mais pequeno e eu gosto de tudo o que é pequeno”. Recomeça a brincadeira. Bernadette provoca o cordeirinho com a chibata.

Este ergue-se nas patas trazeiras com a testa para a frente. Bernadette dá-lhe um empurrão soltando uma gargalhada. Renova-se o ataque; desta feita o cordeiro, à fula, investe contra o altar e o desmancha. Lá vai perdido todo o paciente trabalho.

“Eu não o castigava, confessará mais tarde a menina evocando as recordações de Bartrés. Não só isto, mas ainda eu lhe dava de comer na mão pão e sal de que gostava tanto!”

Na hora solar, que lhe é muito familiar, Bernadette levanta-se e com um gesticulado da chibata dá o sinal do regresso. Pegu fica alertado; rodeia e tange o rebanho. A menina vai à testa do cortejo e reconduz seu povinho ao curral. Ainda alguns beijos no focinho rosado do cordeirinho preferido, umas carícias aqui e acolá, pois Bernadette é menina meiga, e a porta fica fechada com cadeia e cadeado.

* * *

No presente ano de 1934, o curral de Bernadette não está mudado. Dir-se-ia uma capela, aí no alto da escarpa, à direita, beirando o caminho de Lourdes a Bartrés sob os carvalhos que o protegem ainda. Só a coberta de colmo desapareceu substituída por fôlhas de zinco. Destarte ficarão preservados do desmoronamento os seixos do precioso monumento, que desempenhou papel primordial na infância

da jovem Santa e parece conservar ainda de modo singular, o vestígio nela feito pela misteriosa menina.

* * *

Abrigado o rebanho, cercada dos pulos e dos ganidos do cão, Bernadette volta à quinta para cear.

A grande casa branca era já, quanto ao exterior, o que aparenta hoje embora tenham reconstruído o interior, destruído pelo fogo.

Há na casa, do tempo de Bernadette, dois cômodos separados por um corredor. Um com chaminé grande, é a cozinha. Ali se acham duas camas. O outro cômodo é quarto de dormir, que tem três camas. Atrás da cozinha, um desvão, onde dorme o criado.

É ali que a menina entra à noite.

“Come-se, diz João Barbet, massa branca com leite”.

Se o pai Lagües parece, segundo seus contemporâneos, ter sido bastante obtuso, nunca tendo podido aprender a ler, e, de mais, notavelmente avarento; sua mulher, Maria Aravant, que havia amamentado desde os seis meses a menina Bernadette, cuja mãe se achava novamente grávida, parece-nos criatura bastante simpática.

Bernadette senta-se pois, à mesa dêles, onde os pais comem pão alvo, mas as crianças e os criados, pão misturado, metade trigo, metade milho. Ela escuta os ditos das pessoas grandes, sem intervir, já

se entende. Come com bom apetite, mas a fadiga do dia pesa-lhe na cabeça. É esta, aliás, a hora da noite em que o coração se comove com as reminiscências afetivas. Ela pensa na pobre morada de Lourdes, onde sua irmã e seus irmãos adormecem naquele momento debaixo da asa materna; aqui, ela é apenas uma criada. São os outros, os seus, lá longe, que lhe parecem os verdadeiros ricos...

O SERÃO

As tigelas são lavadas e arrumadas pelas mãozitas de Bernadette, e todos se ajeitam para o serão. Os homens descascam o milho.

A candeia de luz avermelhada alumia os molhos de lã pendurados das vigas do teto, as estatuetas dos santos e o crucifixo pendentes por fora da chaminé, a pia e o ramo de buxo na cabeceira de cada leito (Barbet).

É o momento em que Maria Lagües entende de ensinar a Bernadette o catecismo.

Bernadette, que nunca foi à escola, não sabe ler. Além disto, não conhece o francês. Sômente o dialeto bigorrês lhe vem naturalmente aos lábios. A dona da quinta escande em alta voz a pergunta e resposta:

— Vamos! repete comigo: “Um cristão é aquele que, é batizado, crê e professa a doutrina de Jesus Cristo”.

— Um cristão, um cristão, forceja por pronunciar a bôca desajeitada.

— Começa de novo, diz Maria Lagües.

— Um cristão, um cristão, balbucia Bernadette.

— Cabeça dura! acaba exclamando a quinteira impacientada, que, zangada, atira longe o livro; nunca passarás de uma boba e ignorante! (Estrade).

Bernadette fica de coração triste e abaixa a cabeça; mas não pode agüentar que a ama fique zangada. Um instante depois, gira em tórno dela, agarra-se à saia de Maria Lagües, faz-se beijar.

Depois disto vai para a cama.

VISITA DE FRANCISCO SOUBIROUS

Eis Francisco Soubirous, que vem ver sua filha.

Homem de cêrca de trinta e cinco anos, cuja fronte e faces a desclassificação havia enrugado, de antigo moleiro, que fizera um bom casamento, ei-lo agora jornaleiro ou empreiteiro na mais negra miséria. Traz em si os estigmas da amargura. Os olhos, dos quais um foi perdido por acidente, são fundos e duros, debaixo do barrête bearnês; o nariz afilado; mas certa finura de semblante revela um homem que nem sempre sucumbiu sob a tirania da indigência.

Vir de Lourdes até aqui, são três quartos de hora de caminhada. Ele se decidiu rapidamente. Di-

zem-lhe, na quinta Lagües, que sua filhinha cuida dos animais na colina. Lá chega à pressa.

— Bernadette! Bernadette!

Ela se vira e ei-la, de um pulo, naqueles braços fortes que lhe pertencem de certo, e lhe formam, em tórno do corpinho, todo o seu lar. Trava-se a conversa entre pai e filha. Como vais? Tens tossido? E teus ataques de asma? Parece-me que cresceste!

Será que Bernadette confessa suas tristezas infantis? Diz que à noite sonha com o beijo da mamãe? Que fica triste por não ser enviada à escola como as outras crianças? Por ser para sua ama apenas uma criada? Conta as cóleras de Maria Lagües? Não o creio. Interrogando seu retrato de catorze anos, vê-se na doçura daquele semblante qualquer coisa de hermético, e nos grandes olhos aveludados, um mutismo. “Ela tinha uma timidez nativa”, diz João Barbet, que a conheceu bem. Havia de guardar essa timidez a vida inteira, para tudo quanto dizia respeito aos seus sentimentos profundos ou a sua intimidade espiritual. Nunca lhe conheceram seu profundo mistério.

Naquele dia, com o pai, como menina sem cultura, superficial, deve ter tagarelado só acêrca dos seus carneiros; e como Francisco Soubirous se inquieta por vê-la triste:

— São êles, diz ela, que me fazem pena. Olha êste, e aquêles, cujo lombo está todo esverdeado. Tenho mêdo que estejam doentes.

O pai Soubirous prorrompe então numa grande risada, e julga fazer gracêjo muito interessante, explicando:

— Não vês que é o capim que êles comeram que lhes sobe para o lombo? Com efeito, isto é capaz de os fazer morrer!

Bernadette escuta êsse veredito; levanta para o pai seus grandes olhos dolorosos: sua bôca esboça uma careta, e de repente ela cai em pranto. Seus carneiros! Seus carneiros queridos! ela vai perdê-los.

Seus fundos suspiros, seu pranto enternecem a alma do antigo moleiro, um tanto rude para tal delicadeza. Toma a filha nos braços, consola-a:

— Ora essa, não é assim: era para caçoar de ti, bobinha! Não te amofines. Não morrerão os teus carneiros. O que êles têm nas costas é simplesmente a marca do negociante ao qual foram vendidos.

* * *

Essa écloga da pastorita tolinha e crédula, e dos seus carneiros, nós a sabemos dela mesma. Contou mais tarde às Irmãs da sua Comunidade esta história, que uma delas relata na bela vida da *Confidente da Imaculada*. E, como para se defender de uma pequena zombaria que julgava ver no sorriso das religiosas, Bernadette acrescentava à tanta ingenuidade:

— Que quereis? Como eu não tinha idéia do que fôsse mentir, acreditava tudo o que me diziam.



Passavam-se assim os anos desde 1852. Bernadette fez dez anos, doze anos. Seus verões se escoavam inteiramente em Bartrés, de que ela se tornara uma cidadãzinha. Ignorante, só sabendo o seu têrço, que rezava em dialeto tímido, silenciosa como as crianças solitárias, que refletem mais do que as outras, mas fácil em rir e amiga de brincar, aquela pequena cidadã, não passara despercebida na aldeia. Depois dos acontecimentos prodigiosos que iam cair em seu humilde caminho, quando procuraram informar-se a seu respeito, e seus historiadores futuros foram respigando em suas pegadas as recordações, as imagens de sua passagem por Bartrés, ficaram muito admirados da vivacidade e do colorido dos traços que a boa gente relatava dela, ainda sob a impressão de uma espécie de encanto que a menina de “espírito acanhado” teria excitado.

Os habitantes de Bartrés tinham dó daquela criança doentia, que tossia sempre, que em casa não comia até matar a fome, que parecia sufocada sem cessar pela asma. Como se sabia que os Lagües eram um tanto sovinas, as mulheres, suspeitando que nem todos os dias ela se fartava, enfiavam-lhe na cesta coisas boas. Em primeiro lugar aquêlê pão branco, a que a pastôra não tinha direito; frutas, legumes cozidos, um pouco daquela “garbure”, a sopa bearnesa (do Bearne) com toucinho e castanhas.

No domingo, na igreja de Bartrés, tão cheia do senso religioso dos antigos, diante do belo tríptico, que servia de fundo ao altar, que mostrava, no vão das colunas torcidas, quadros da história de S. João Batista, era de notar como a mirrada criadinha dos Lagües se mantinha piedosamente na missa e nas vésperas, rezando o têrço. Bernadette não era perfeita, de certo, e sua ascensão começava apenas. Tinha, porém, seu pequeno "foro próprio" e via interior que já ia cavando seu caminho naquela alma profunda. Adivinhava-se nela desde aquela idade o amor à presença de Deus: o recolhimento. Era o que impressionava os habitantes religiosos na igreja.

Ainda mais, corriam boatos de que haviam sido realizados milagres em favor da querida criaturinha.

É a senhora Vignes, que mora na casa Salou, à orla da aldeia, no caminho de Lourdes, que pretende que um dia de chuva torrencial e de tempestade, em que, segundo se expressava, a água caía "a cântaros", Bernadette corria pelo caminho, tocando o rebanho para ir abrigá-lo na quinta ou no curral; e que tendo-a obrigado a deixar os carneiros e a entrar para enxugar-se, a criança não estava nada molhada. Nem uma gôta de água sôbre ela!

Três vizinhas dos Lagües, Maria Pujo, Domingas Barrère e Maria Adias afirmam que outra vez, igualmente por ocasião de grande temporal, o pequeno regato que corre ao pé da colina fronteira e corta

o caminho, tinha engrossado a ponto de transbordar e formar um lago de cada lado da estrada, escarpada em ambas as beiras. Elas ficaram no vão das portas, de sobreaviso, temendo a inundação. Naquele instante apareceu, descendo a rampa, Bernadette, que recolhia seus carneiros a tôda pressa. Como a pobre pastôra iria atravessar aquela grande extensão de água e fazer passar os animais? É o que as mulheres perguntavam a si mesmas, ansiosas.

Porém, alguns instantes mais tarde, ao que elas contaram, Bernadette, penetrava tranqüilamente no pátio da quinta, com a saia e o xalezinho perfeitamente enxutos, assim como os tamancos; o lenço que lhe estava à roda da cabecinha, sem sinal de molhado.

Aquelas boas mulheres explicaram que as águas da torrente se teriam dividido, como outrora o Mar Vermelho, para deixar passar a pastôra e o rebanho.

* * *

Infelizmente o milagre, bem como o precedente, não foi comprovado. As mulheres testemunhas, ao que se diz, narraram-no à suas famílias. Mas as famílias não parecem lhes ter dado crédito. Só mereceram fé depois dos acontecimentos de Lourdes, dois ou três anos mais tarde. Bernadette jamais confiou, em seguida, êsse benefício de Deus a seu favor às religiosas, pois estas não fizeram menção dêle. É preciso ser circunspecto no tocante a êsses “diz-

que-diz ” aumentados, assim como às torrentes, em virtude da imaginação das mulheres; e assim paira uma dúvida...

Bartrés, todavia, conserva a recordação do pretense prodígio. Há alguns dias, na soleira mesma da casa dos Lagües, a neta de Maria Aravant mo contava ainda, mostrando-me o lugar em que êle se realizara.

A lenda aliás, é encantadora, pois mostra que Bernadette, por insignificante que a digam, se apresentava aos olhos de alguns como uma criança abençoada.

O INVERNO NOS PIRENEUS E A VOLTA A LOURDES

Mas tôdas essas imagens virgilianas são as da bela estação.

Desde que, lá longe, os Pireneus se polvilham de neve e os rebanhos deixam de sair, e os Lagües não estariam para continuar a alimentar a menina, que já não lhes presta serviços.

Francisco ou Luísa Soubirous se pôs a caminho para ir buscá-la.

Não creio enganar-me: era um belo dia para Bernadette, tão amorosa, e que principalmente queria tanto a mãe.

A diferença de vida vai ser entretanto, radical.

Adeus, Pegu brincalhão. Adeus, cordeirinho preferido, mansas ovelhas, grandes carneiros acariciadores. Adeus, brinquedos do curral verdadeiro, e liberdade das grandes escarpas, onde as bolotas chovem dos carvalhos. Adeus, colheita de flores e têrço ao ar livre.

Lá, numa rua estreita e sem ar, a antiga cadeia de Lourdes, o calabouço espera a pastora. Ela revê em sonho o quarto escuro, onde adormecerá esta noite ao lado da irmã Toinette, enquanto a mãe remenda à luz da candeia as calcinhas dos irmãozinhos. E já não sabe o que mais a oprime, se a asma, se a alegria.

Enfim, eis Luísa Castérot que empurra a porteira!

Vi-lhe o retrato, a par com o marido, no moinho que deram mais tarde aos Soubirous, e está franco à visita sob o nome de “morada paterna”.

É uma bonita mulher de feições fortes, de sobancelhas em ponte chinesa, de fronte alta e reta como Bernadette, de sorriso largo, com a cabeça estreitamente envolta num lenço claro, cuja ponta cai sobre o ombro esquerdo. Ela pertence ao mundo do pequeno patronato de Lourdes. Seus pais, os Castérot, eram grandes moleiros abastados. Mas seu pai, arrendatário do Moinho Boly, no bairro Lapaca, morreu muito cedo. Era preciso um dono para o moinho. Casaram Luísa aos dezesseis anos com um rapaz honesto, que tinha pouco dinheiro, mas a quem ela amava, Francisco Soubirous, que não dera

ainda provas de si, e havia de mostrar-se no futuro, industrial inábil. O mundo não é condescendente com os que não saem bem. Francisco foi tratado como incapaz. Sua jovem mulher, como gastadeira. E aí está. Parece que os fregueses não vinham trazer seu trigo, sem que os regalassem com pão, queijo, com vinho na mesa! a farinha não era entregue bem purificada. Assim, perdiam fregueses.

Li a respeito dêles, outro testemunho que me impressionou. Eles moíam a crédito o trigo dos pobres, que nunca lhes pagavam. Não é êste o modo de enriquecer. Também não é desonroso. E não seria preciso, para que a história que acompanhamos passo a passo, se realizasse na linha ordinária dos designios de Deus, que Bernadette fôsse muito pobre!

Seja como fôr, Luísa Castérot, a cidadina, era mais educada do que a gente dos Lagües. E não é de admirar que Bernadette ali tivesse dado a aparência de uma educada fidalguinha à gente da aldeia.

* * *

— Bom dia, Luísa Castérot, sente-se. Vai comer o “salgado” conosco!

Luísa olha sua pobre filhinha mirrada. Quase não engordou. E sempre aquêle fôlego arquejante! Algumas vêzes um pequeno acesso de tosse. “Eu pensei que Bartrés lhe tivesse dado um pouco de côr!”

Bernadette cola-se ao avental da mãe, não a deixa. Nenhuma expansão. Sente-se feliz secretamente. A todo instante seus grandes olhos negros se levantam para aquela que ela tornou a encontrar. Escuta os ditos que se entrecruzam na mesa.

— Não fiques triste, minha filha, voltarás o ano que vem, diz-lhe Maria Aravant.

E põe algumas provisões na malinha em que a menina leva suas pobres roupinhas.

* * *

A infância obscura de Bernadette, sôbre a qual Bartrés lançou alguns raios de sol, vai tornar-se mais impenetrável naquele grande quarto sombrio, iluminado apenas por uma janelinha que se abre para um pátio interno, no rés-do-chão.

No fim do corredor da entrada, completamente enegrecido, está a porta, à direita. Na frente de quem entra, vê-se uma grande chaminé. No canto esquerdo aparece a pia de pedra, onde se lavam as vasilhas. No canto direito, a cama onde Bernadette dorme em companhia de Toinette, mais nova de dois anos e meio. A cama dos pais ocupa o fundo, junto à das filhas; os irmãozinhos dormem juntos no canto, à esquerda da porta. Para que êles não sintam frio, foi preciso conservar tapada a segunda janela, daquele lado. As paredes, durante o inverno, minam umidade.

O GÊNIO COMPLEXO DE BERNADETTE E SUAS ORIGENS

Não é de duvidar que em casa dos Lagües frequentes atritozinhos tenham feito sofrer muito a Bernadette, pois ela era melindrosa e um tanto amuada. Ela mesma, mais tarde, contava a uma religiosa de Nevers como, quando teve de submeter-se ao interrogatório do procurador imperial de Lourdes, deixaram-nas, ela e sua mãe, ficar três horas de pé; e que depois, acontecendo passar a mulher do procurador, esta lhes indicou uma cadeira em que poderiam sentar-se. Então Bernadette acrescentou:

“Minha mãe não disse nada, mas eu, *que era má*, respondi: Não, nós a sujariamos!”

Má, não, certamente, mas sensível, melindrada por pouca coisa, demasiado humilhada sem dúvida, não pela pobreza, mas pelo modo como o mundo trata os pobres, o que dava àquela pobre menina sobressaltos de altivez ofensiva, como os têm as crianças. Quando fôr religiosa, não se acusará muitas vezes do seu orgulho?

O rebaixamento de seus pais, que de uma criança nascida para uma vida confortável fêz aquela garôta infeliz, muitas vezes privada de alimentação, explica também muita complexidade de sua natureza, e antes do mais, seus surtos de amargura, que vão às vezes até o azedume, seus reflexos de digni-

dade que o levantam muitas vêzes acima de sua condição atual, e até êsse ar de resignação melancólica das fotografias sinceras de sua infância.

Mas não podemos esquecer suas origens, que impedem de a comparar a essas crianças amesquinhas por gerações de vida sórdida, que a obsessão hereditária das necessidades materiais insatisfeitas rebaixa a uma espécie de animalidade. Suas origens ficam sendo a chave da sua nobre retidão, de seus escrúpulos e dêsse siso, que admira às vêzes num espírito totalmente inculto.

Sobretudo, não seja considerada nem como uma pequena perfeição, nem como uma camponêsa obtusa.

Uma menina atraente, mediana, com defeitos finos, se assim se pode dizer, defeitos sutis, sem negrume, sem trivialidade. E qualidades encantadoras.

VIDA EM CASA

Um grande desejo devia preocupá-la, do qual jamais se disse nada: o de ir à escola, para saber ler como tôda a gente. Em Lourdes, nada mais fácil. Há lá no alto, o hospital das Irmãs de Nevers, onde as religiosas dão aulas. Da rua dos Petits-Fossés, bastam dez minutos para subir a êsse belo estabelecimento, construído entre jardins ridentes inundados de sol, fronteiro ao Château Fort, em frente a um panorama único.

Mas a gente julga ouvir a boa Luísa Castérot:

— Ir à escola! Não penses nisto, minha Bernarda! Agora que já não ganhas teu pão, e que és uma bôca a mais para alimentar, é preciso que eu procure mais trabalho por dia, e que tu olhes por teus irmãos durante êsse tempo!

Toinette, sua irmã mais nova, não possui a infantil autoridade de Bernadette, que, além do mais, conhecia em Bartrés certas responsabilidades, e em certas ocasiões tinha de tomar iniciativas, desde os oito ou nove anos. Prefere-se a vigilância de Bernadette, tanto mais que João Maria e Justino são criancinhas muito turbulentas. Justino é ainda pequerrucho, quando Bernadette tem dez anos.

Nos dias em que os Soubirous têm a sorte de encontrar trabalho, Bernadette ficará, portanto, no pobre quarto. Ela é a pequena caseira que arrumará as camas, varrerá os ladrilhos, vestirá os irmãos-zinhos, lavará as vasilhas no canto mais claro onde está a pia junto da janela, enquanto os outros irão buscar os víveres: cogumelos na floresta, restos dados em algumas casas. Não se contou que o pequeno João Maria, nos dias de entêrro, raspava nos ladrilhos da igreja, a cêra caída dos círios da eça, e a comia?

Se a mãe fica em casa, Bernadette vai também com a cesta no braço, com Toinette e João Maria, em busca de ossos velhos, de trapos, de ferros velhos, de tudo quanto se joga à Margem do Gave;

e em seguida, em casa de Alexine Baron, a adela, lhe darão alguns tostões pela sua colheita.

Triste infância naquele quarto grande, onde não se vê o sol, onde, quando os pais não acham trabalho, dormem sem ceia. Mas a sensata menina acha ali alegrias austeras: aliviar a mãe; receber a aprovação desta, quando volta à noite; agachar-se então junto dela diante do fogão, onde flameja em grandes labaredas a lenha que João Maria e Toinette trouxeram às braçadas pela manhã.

Acabado o dia, a família se reúne diante da alta chaminé, em cuja cornija se apruma o crucifixo. A mãe e as crianças ajoelham-se em redor de Francisco Soubirous de pé, no meio deles. Bernadette reza em dialeto a oração da noite.

* * *

Às vezes mal se deitou, quando Toinette já está dormindo ao seu lado, a asma ataca Bernadette e lhe aperta a garganta. Sentada na cama, ela abafa a tosse e o estertor com o lenço. Mas sua boa mãe em camisola de dormir, levanta-se, afaga-a, esquentta nas brasas um resto de leite, quando há.

Que se passa naquele frágil peito agitado de tais sobressaltos? É unicamente o espasmo nervoso daquele mal que acabrunha desde o alvorecer da vida? O bacilo (ainda desconhecido naquela época), que vai invadir a menina, começa sua infiltração nas bases dos pulmões? Nenhum exame no-lo dirá.

Mas parece que ela já levanta para sua mãe consoladora aquêlo belo olhar aveludado, que vê nos seus retratos, onde há, desde os catorze anos, essa doçura resignada e longínqua da tuberculose, que vive, não se pode negar, um plano superior.

* * *

Tive a felicidade de poder interrogar, há algumas semanas, em Lourdes, uma senhora velha, à qual resta muita juventude de espírito, embora em criança tenha estado no pensionato das Irmãs de Lourdes no mesmo tempo que Bernadette.

— “Bernadette não era bonita, recordava-se ela em voz alta. “Nem bem, nem mal”, eis o que se podia dizer. Tinha, porém, olhos muito bonitos”.

E o Padre Duboé, o mais exato dos seus historiôgrafos, escreve: “O rosto era comum quanto aos traços, mas, agradável e de cunho meigo e sorridente”.

* * *

Em presença daquela menina tão franzina, Luísa Castérot nos aparece como uma mãe cuidadosa e solícita, e, além do mais, lúcida, não sendo nem uma ignorante, nem uma dessas mulheres embrutecidas por gerações de miséria. Deveu ter sofrido muito por não poder cuidar dela como bem compreendia que devia fazê-lo.

Fazia, entretanto, o melhor que podia. Estrade, a cuja casa Bernadette vinha familiarmente, em seu

livro tão luminoso sobre as *Aparições de Lourdes*, conta que aqueles pobres Soubirous esforçavam-se por improvisar para sua filha mais velha um regime de favor. Por exemplo, procuravam dar-lhe bons sapatos, um xale bem quente. Quando tinham um pouco de dinheiro, compravam vinho para ela e faziam-na bebê-lo com um torrão de açúcar. Tôdas essas minúcias põem em evidência uma atmosfera de doçura e ternura em redor de Bernadette.

Na rua das Valetas, como em Bartrés, alimentavam-se de pirão de milho, isto é, uma massa misturada. Se acontecia por acaso que estivessem com bastante dinheiro, comprava-se pão branco — grande regalo e fina alimentação — especialmente para a princezinha delicada.

Vinho, açúcar, pão branco, êsses gêneros preciosos reservados para a primogênita, eram fechados por Luísa Castérot no velho armário. Mal, porém, a boa mulher voltava as costas, o bando esfoameado avançava para a pilhagem, em parte por ciúme da mais velha, em parte impelidos pelo apetite sempre insatisfeito. “Não, dizia debilmente Bernadette, foi para mim que mamãe comprou êste vinho, êste pão”. Mas em vão se esforçava por defender o que lhe era reservado. Toinette, cognominada a “polícia”, em virtude da sua rudeza, e os irmãozinhos batiam à porfia na mais velha, e acabavam por apoderar-se do tesouro. Havia também dias em que ela lhes abandonava tudo sem luta.

Em todo caso, seu fervoroso historiador, que deixou vislumbres tão empolgantes de Bernadette, afirma que nesses casos épicos, a menina não denunciava nunca, e que nem uma vez, depois dessas cenas de selvageria infantil, fêz com que fôsem re-preendidos ou castigados os irmãos e a irmã.

* * *

Pouco a pouco, todavia, graças a êsses preciosos documentos, ela se desenha aos nossos olhos na cinzenta soturnidade do calabouço tão vivamente quanto no meio das paisagens ensolaradas de Bartrés. Não cresce; mostra dois ou três anos menos do que tem. Não é suficiente, com os pobres bracinhos tão frágeis, para assegurar a limpeza naquele esconderijo tão entulhado de camas e escurecido pela fumaça. A pobreza, aliás, não concorre para isto.

Mas naquela pobrezinha, já desponta um caráter.

Ela leva a sério o seu papel de primogênita e, não obstante ser tão fraca, arrosta os irmãos e a irmã, para repreendê-los quando é preciso. Suas censuras a propósito de faltazinhas mostram o ideal que se fazia da vida de uma criança aquela pequena ignorante, que era julgada tão curta de inteligência. Certa noite em que João Maria se deitara sem fazer a oração:

— “Tu não rezaste tua oração, João Maria”. — “Eu a rezarei na cama”. — “Não, isto não está direito, é preciso rezar de joelhos” — “Não”. — “Sim”. E Bernadette exige que êle se torne a levantar.

Mas é Toinette, pimpona emancipada, que lhe dá mais trabalho. Censura-lhe ser como um rapaz: ademais muito ousada, linguagem muito livre. Isto é inconveniente, julga a escrupulosa Bernadette. Além disso, não é correta quanto às orações. Não gosta muito de rezar o têrço, nem de ir à igreja. Uma criança não guarda a justa medida, quando entende de ser doutora. Bernadette há de ter ficado às vêzes muito enfadonha. “Deixa-me em paz”, exclama Toinette, que cai sôbre a irmã com tôda a fôrça. João Maria vem em socôrro. Bernadette chora muito. Mas à noite, quando Luísa Castérot volta, está feita a paz. No fundo, tôdas essas crianças querem-se muito. Em todo caso, a mãe não ficará sabendo que a sua querida apanhou.

* * *

Nos domingos, na velha igreja de Lourdes, onde o rude cura Peyramale celebra, Bernadette e sua família vão à missa cantada e às vésperas. Não podendo acompanhar o ofício num livro, ela reza têrço sôbre têrço, com os olhos na Virgem dourada, de braços estendidos, que campeia no altar da nave lateral, e que ela acha linda.

Por devoção para com a meiga menina, quando infelizmente a velha igreja foi demolida, colocaram essa estátua num altar, no pardieiro da rua das Valetas, transformado hoje em oratório dedicado à Santa Pobreza.

Não se pode ficar indiferente diante dessa Virgem antiga, se se pensar no comércio misterioso, que por seu intermédio, se travava já aos dez anos, aos doze anos, entre a menina e a Mãe de Jesus.

EPISÓDIO TRISTE DE 1857

No fim do mês de março de 1857, um dramazinho mais sombrio ainda do que a miséria, cai de improviso, pode-se dizer, sobre êsses Soubirous, que não podiam prevêê-lo.

Na estreita rua das Valetas, onde as casas se encostam à muralha do perímetro urbano, após alguma demolição ou como previsão para alguma construção, fôra depositada junto às fachadas uma grande viga de madeira. Lá está ela a apodrecer à neve e à chuva, na guia da sargeta, talvez desde o comêço do inverno.

Uma noite fria em que falta lenha no calabouço, Francisco Soubirous pega da foice, e, com alguns golpes de revés, faz saltar da ponta da viga algumas lascas de madeira. Depois, vai lançar na chaminé aquela braçada de cavacos.

No dia seguinte, a gente vê aquêlê pedaço de pau esfolado pela foice. Corre o boato de que foi o homem do calabouço, que se aproveitou da viga. Os mais pobres de um quarteirão nunca têm muito bom nome, sobretudo quando lhes resta do passado uma suspeita de altivez. Houve vizinhos que o denunciaram.

E como um saco de farinha fôra subtraído naquele mesmo tempo em casa dum moleiro de Lourdes, apressaram-se em pôr-lhe nas costas aquêlê roubo mais grave.

E lá vem a polícia, que entra na casa, e Bernadette vê seu pai levado para a prisão.

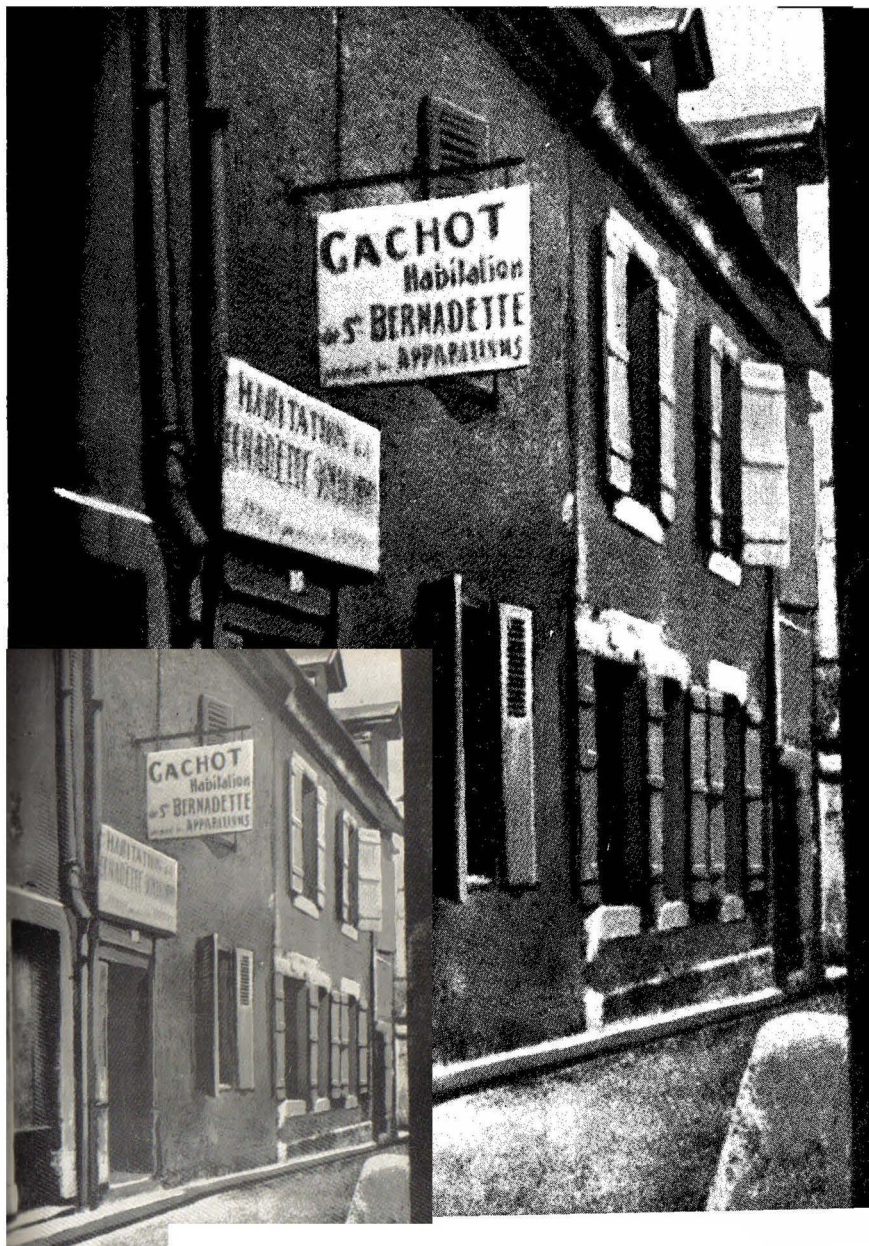
Debalde êle se defendeu...

Que dirá o pobre rosto da menina tão altivazinha, tão imbuída de responsabilidade, tão escrupulosa!

Durante cinco ou seis dias Francisco fica na prisão. Enfim, no dia 4 de abril o procurador imperial expede uma declaração de falta de base para a acusação.

Francisco Soubirous volta com o olhar mais duro, com a bôca mais crispada, envelhecido.

Desde então a casa fica um pouco mais triste.



DE DE NOVO EM BARTRÊS

— Mas principalmente, Maria Aravant, eu lhe peço, mande-a à escola e ao catecismo.

— Prometido! Luísa Castérot, pode contar com isso.

Eis-nos na primavera. Como de costume, acabadas as neves, Bernadette é de novo levada para Bartrês. Parecia ter só dez anos. Porém ela fêz treze em 7 de janeiro. O que não impede que não saiba ler, que tenha muita vontade de fazer a primeira comunhão e que já é mais do que tempo de prepará-la. Ela própria assim o pede. A mãe reclama da ama o que ela não pôde realizar em Lourdes. Isto pode esta fazer, pois os Lagües lhe tomam a menina por pura amizade. Em Bartrês, onde reina a abundância, tudo parece fácil. A dois passos da quinta, subindo o caminho de Lourdes, está a igreja, empoeirada em seu outeiro e tutelada pelo padre Ader. A dois passos igualmente, a escola, dirigida por João Barbet, o jovem mestre nascido no povoado, e a quem todos querem bem.

Prometido.

Mas Bernadette fica cada vez mais prestimosa. Presta serviços cada vez maiores. E' pena privar-se dela. Basílio Lagües, o marido, sem dúvida há de intervir e declarar que não se pode dar-lhe morada e comida sem que ela faça nada. Maria Aravant, que tem um irmão mais moço, cura em Marsás, perto

de Bagnères, e que, mais cuidadosa das coisas de Deus, tentara em vão ensinar o catecismo àquela bobinha, julga que a criança deve conhecer ao menos a sua religião. Adotar-se-á um meio têrmo. Bernadette não freqüentará a escola de João Barbet, mas irá ao catecismo do Padre Ader, aquêlê sacerdote tão piedoso, sempre absorto em suas meditações...

* * *

Havemos de admitir que Bernadette não vai mostrar sua decepção de ser ainda uma vez privada da escola. Ainda menos queixar-se. Sua cabeça teimosa risca-se de ligeira ruga. E além do mais, ela fará o que lhe mandarem. De outro lado, há aqui o derivativo físico da vida no ambiente da natureza: o cão Pegu; novos cordeirinhos nascidos para seu divertimento; os dias de sol passados nas colinas, à sombra dos carvalhos. Seu organismo debilitado pela rua das Valetas folga com o bem estar do ar livre.

O catecismo na igreja é dado três vêzes por semana. À noite, depois da ceia, Maria Aravant lhe faz repetir a lição que ela tem de recitar no dia seguinte.

Lá está Bernadette sentada em frente dela na cozinha. Seus cabelos, que dizem ser tão lindamente pretos, estão estreitamente envoltos no lenço bigorrês. A candeia lança um reflexo nas maçãs salientes de seu rosto; a bôca de lábios espessos, esforça-se por pronunciar palavras que não compreende, en-

quanto levanta para a ama o olhar de desalento. Esta acaba renunciando, desanimada.

— Olha! Nunca saberás nada!

* * *

Um dia em que o Padre Ader, de saúde delicada, se achava adoentado e não podia ensinar catecismo às crianças, como muitas dessas vinham de longe, a fim de que não tivessem feito a caminhada em vão, êle pediu ao jovem professor que viesse dar em seu lugar o pequeno curso paroquial de instrução religiosa.

Esse professor, João Barbet, era o futuro historiador de Bernadette.

Aceitou o convite, fêz as crianças recitarem as lições, e comentou em seguida o sentido, interrogando, como de costume, os alunos um por um. Depois disso, dirigiu-se ao presbitério para prestar conta do seu mandato. E aquêles dois homens moços, o sacerdote e o professor, ambos apaixonados pela infância, de que, em assuntos diferentes, estavam encarregados, conversaram a respeito dos alunos, que êles conheciam todos naquela grande família que era a pequena Bartrés.

“ Depois do exercício, conversamos a respeito dos alunos, escreve João Barbet, e a conversa caiu sobre Bernadette ”. Eu lhe disse: — “ Bernadette tem dificuldades em guardar o catecismo palavra por palavra, porque, não sabendo ler, não o pode estu-

dar; mas tem muito cuidado no assimilar o sentido das explicações. De mais é muito terna. Sobretudo muito piedosa, muito modesta.

— Vós a julgais como eu, disse o Padre; ela me dá a impressão de uma flor toda embalsamada com perfume divino. Vêde, acrescentou elle, afirmo-vos que muitas vêzes olhando-a, tenho pensado nas crianças de La Salette. Certamente, se a SSma. Virgem appareceu a Maximino e a Melâni, é porque elles deviam ser simples e piedosos como ella”.

O QUE PENSAM DE BERNADETTE

É ainda num dia daquelle verão de 1857. O sacerdote e o mestre-escola passeiam, conversando, ao longo do caminho de Lourdes, pois em muitos pontos, ambos inteligentes, são, um para o outro, naquella aldeia, os únicos companheiros possiveis.

Haviam-se afastado de Bartrés, e eis que se aproxima aquêlê ruído semelhante ao da chuva que cai, produzido pelas ovelhas pisando o chão com suas patas franzinas.

É Bernadette que passa, com a varinha na mão, conduzindo o seu rebanho.

Passou; e o Padre Ader volta-se para vê-la de novo.

— É estranho, diz elle a João Barbet, toda vez que encontro Bernadette, parece-me enxergar as crianças de La Salette.



Podemos, em verdade, confessar. Bernadette, em criança, passou geralmente por muito comum ao juízo dos que a conheceram. Em Lourdes, para os seus vizinhos, ela havia de ser, antes de tudo, a menina piolhenta que ouviam brigar no calabouço com os irmãos e a irmã. As senhoras da cidade suspeitavam-na de mentirosa. As religiosas da escola achavam-na completamente sem inteligência, e não acreditaram na sinceridade dela por ocasião das aparições. Em Bartrés a ama a tratava de “cabeça dura”, que nunca haveria de aprender nada. Ela tinha, em verdade, encantado a gente do lugar pela sua piedade, pela sua doçura, pela atração que dão a uma criança, a doença e as privações; e houve mulheres que acreditaram ser ela objeto de milagre extraordinário. Mas não era raro que fôsse julgada subestimada.

Sòmente aquêlê sacerdote, que só pensava em ser monge no fundo de um claustro, pois naquele mesmo ano entrou para os Beneditinos, apanhou de passagem a centelha celeste que brilhava no fundo daqueles olhos negros. Sòmente êle sentiu naquele semblante o reflexo divino e pressentiu o fato adorável e nebuloso da predestinação.

Seu sobrinho descreverá mais tarde, numa carta a João Barbet, a pequena cena em que eu vos apresentei pela primeira vez Bernadette em Bartrés, voltando do catecismo, enquanto na janela do presbi-

tério o Padre Ader dizia: “ Quando a SSma. Virgem aparece a alguém, deve escolher crianças como aquela ”.

* * *

Não foi preciso mais a Zola, em seu livro magnífico, mas de má fé insigne e total: “ *Lourdes* ”, para demonstrar que o Padre Ader havia sugestionado Bernadette pela narração das aparições de La Salette, e que a menina tinha ficado completamente preparada para receber as visões:

“ E um dia, depois do catecismo, escreve êle, ou mesmo uma noite, na vigília na igreja, contara êle a maravilhosa história, de doze anos atrás, a Senhora com o vestido resplandescnte, que caminhava sôbre a relva sem a acamar, a SSma. Virgem que se mostrara a Melânia e a Maximino na montanha, à beira de um regato, para lhes confiar um grande segredo e lhes anunciar a cólera de seu Filho... Sem dúvida aquela história admirável, Bernadette a escutara apaixonadamente com seu ar mudo de adormecida acordada, depois a levava ao deserto de fôlhas onde passava seus dias, para revivê-la atrás dos seus cordeiros, enquanto o têrço lhe deslizava conta a conta entre os dedos franzinos. (p. 100).

* * *

Ora, o professor de Bartrés declara: “ Posso atestar que o Pe. Ader não falou disso a Bernadette, a quem nunca dirigiu a palavra na rua, como a

nenhuma das outras crianças. Ele não queria inspirar-lhe o orgulho, nem perturbar-lhe a imaginação. Nunca ninguém lhe ouviu, quer no catecismo, quer na igreja, falar das aparições de La Salette, nem mesmo da Conceição Imaculada da Mãe de Deus.

Nunca semelhantes palavras chegaram aos ouvidos dos habitantes de Bartrés: eu as teria certamente ouvido ”.

* * *

Zola, que aliás não se dava por historiador, mas respondia um dia a um refutador católico, irritado com suas deformações sistemáticas na narração de uma cura de Lourdes: “Doutor, eu fiz um romance, minhas personagens me pertencem ”, conta-nos ainda para explicar Bernadette:

“ Durante um inverno inteiro fizeram-se as vigílias na igreja. O cura Ader o permitira, e muitas famílias lá iam para economizar luz, sem contar que ficava mais quente estando assim todos reunidos. Lia-se a Bíblia. Rezavam-se as orações em comum; as crianças afinal adormeciam. Sòmente Bernadette lutava até o fim. E a menina, na sonolência que a invadia, havia de ver alçar-se a visão mística daquelas imagens violentamente coloridas, a Virgem voltar sempre a olhá-la com os seus olhos còr do céu, com os seus olhos vivos, ao passo que estava a ponto de abrir os seus lábios vermelhos para lhe dirigir a palavra. Durante meses ela viveu dêsse

modo suas noites, naquele meio sono, em frente ao altar vago e suntuoso, nesse comêço de senho divino”.

* * *

Adivinha-se que se trata de fabricar a todo custo em Bernadette uma imaginação superexcitada, uma mística desordenada e uma predisposição à hipnose fantasmagórica. Assim, os acontecimentos que vão seguir-se acharão no estado psíquico da menina uma explicação puramente natural.

Mas nunca houve vigílias noturnas na igreja de Bartrés.

“O Sr. Padre Vergés, há trinta anos cura de Bartrés, conheceu os antigos, responde o Cônego José Belleney em sua notável *Discussão sôbre as Aparições de Lourdes*. Ele nos pode dizer que ninguém quereria, pelo respeito ao lugar santo, fazer vigília na igreja; como o piedoso e severo Padre Ader não teria jamais permitido isto, nem tampouco o Bispo”.

E acrescenta, que, aliás, a boa gente de Bartrés não tinha falta de lenha para aquecer-se em casa.

Mas Zola quer mostrar-nos uma Bernadette excitada pelas leituras fantásticas, feitas à noite na quinta, pelo irmão de Maria Aravant, Padre muito moço, ou tirada da Bíblia pelo velho Lagües. Ora, o jovem Padre Aravant, ordenado em 1855, tinha sido nomeado imediatamente cura em “les Baronies”, muito longe de Lourdes. Quanto a Basílio Lagües, nunca soube ler.

* * *

A verdade é, ao contrário, uma Bernadette positiva e calma. Quer-nos parecer que vemos bem nitidamente os contornos de seu espírito. Trabalhadeira, aplicada à sua tarefa material de criada, quer na rua das Valetas, quer em Bartrés, poder-se-ia chamá-la rasteira, se sua vida espiritual na infância não se manifestasse já pelo respeito a Deus e à oração, e por êsse gôsto misterioso que lhe faz tirar, em qualquer circunstância, o têrço do bolso e rezá-lo com facilidade serena.

* * *

Durante sete meses, de maio a novembro, Bernadette seguiu o catecismo três vêzes por semana. Acabam de nos dizer que ela repetia mal as lições. Mas as explicações dadas em dialeto devem ter iluminado tudo o que o seu senso religioso entendia só vagamente até então. Sua fé se esclarecia. Imagens formais fixavam-se em seu espírito. O pecado, por exemplo, de que ela naturalmente tinha horror, foi-lhe definido. Conheceu a Confissão. Explicou-se-lhe o plano da Redenção. Comentaram-lhe a Eucaristia.

Então ela entrou a desejá-la secretamente.

Poder-se-ia crer que essa iniciativa piedosa tivesse sido atribuída gratuitamente àquela menina atrasada e passiva em aparência, para pôr em relêvo o seu secreto ardor místico.

Mas o testemunho vem dela mesma. Ela própria contou mais tarde, não certamente as suas aspi-

rações espirituais para a Eucaristia, que guardava cuidadosamente ocultas, mas o pedido que fez expressamente aos pais, de a levarem para Lourdes, a fim de que pudesse preparar-se.

Combinou-se que ela passaria ainda em casa da ama as festas do Ano Bom e dos Reis.

Quem contará o sentimento inefável, a expectativa da Eucaristia na criança piedosa de outrora, no tempo das primeiras comunhões tardias! A matéria é demasiado delicada para poder exprimir-se. Trata-se da relação inconcebível entre Deus e o décimo ano do homem. . .

Bernadette começa a experimentá-lo naquele verão de 1857. Ninguém o sabe, certamente. Guarda seus carneiros, como de costume, varre em silêncio a cozinha de Maria Lagües, mas está certos de que pensa naquela união divina de que o Padre Ader falou tão bem.

* * *

Eis que em novembro o jovem cura — que só tinha o título de coadjutor — dirige aos seus paroquianos adeuses muito comovidos. A vocação para o mosteiro é demasiado imperiosa nêle. A meditação é-lhe muito necessária. O silêncio é o seu pão cotidiano, pois nêle encontra seu Deus e a alegria espiritual. Tendo enfim conseguido, nos Beneditinos, a entrada que, solicitava havia muito tempo, parte.

Sua saúde fraca não lhe permitirá, aliás, largo tempo de permanência no claustro. Morre jovem ainda, cura de Oroix.

Bernadette não parece perceber que perde um precioso porta-archote. Sòmente a luz a interessa — e não o facho, que devia ser, todavia, de qualidade insigne. Ela permanecia, por muitos lados humanos, uma criança. Ora, falta-lhe a luz, pois parece muito claro que o Padre Ader não será substituído senão longos meses mais tarde. Não haverá mais catecismo.

Pelo que diz Estrade, o Padre Ader teria aconselhado formalmente à senhora Lagües, ao partir, que fizesse voltar Bernadette para Lourdes, a fim de que pudesse continuar a sua instrução religiosa e fazer a primeira comunhão.

O conselho em todo caso, não foi seguido, pois novembro e dezembro passam, e Bernadette fica na quinta. Era então excelente criadinha, e podia, no inverno, ocupar-se das crianças; de mais, Maria Lagües gostava muito dela. Às vêzes, na alma humana, as razões de interêsse e as razões afetivas se misturam e se fortalecem, sem que se saiba quais delas levam à decisão, visto que não se combatem.

Mas foi Bernadette que tomou a ofensiva.

Seja que a mãe tivesse vindo vê-la, seja que a menina lhe tivesse enviado um recado por alguém de Bartrés que fôsse a Lourdes, Luísa Castérot soube que sua filha desejava voltar quanto antes para casa, a fim de preparar-se para a primeira comunhão.

CAPÍTULO III

APARIÇÕES

*A volta a Lourdes para preparar-se
à primeira comunhão.*

Voltou à casa de seus pais, no calabouço da rua das Valetas, numa quinta-feira, 7 de janeiro de 1858.

Não havia de volver a Bartrés.

Há de ter sido na segunda-feira seguinte que ela começa a ir à escola, das Irmãs de Nevers, lá em cima, na estrada de Tarbes.

É o hospital de Lourdes, onde as religiosas também dão aulas. Um belo estabelecimento, num cômaro elevado, a cavaleiro das ondas côr de esmeralda do Gave, que ruga em baixo. Hoje, é a vizinhança da estação. A entrada é um peristilo um tanto grego. As aulas ficam atrás e dão para os jardins. Bernadette sobe cada manhã e cada tarde com uma cesta velha, que contém a cartilha, os pontos

de meia e um pedaço de pão preto para a merenda. Chega ligeiramente ofegante: não despreocupada como muitas das suas companheirinhas. Aprender a ler parece-lhe em verdade muito difícil. Pensa que jamais o conseguirá. E' como o francês que a obrigam a falar. As outras meninas já não se atrapalham ela, porém jamais meterá na cabeça essa bela língua. São estas as apreensões que a oprimem. A voz suave da religiosa eleva-se na atmosfera branca da classe. As pequenitas, entre as quais a colocaram, balbuciam a lição em conjunto, na toada de patinhos novos. Bernadette tem vergonha de não fazer como as demais.

A PRIMEIRA APARIÇÃO

11 de fevereiro de 1858, quinta-feira — Pormenores que a precedem

Na quinta-feira e no domingo retoma em casa as ocupações e a vida de outrora. Partilha como até então às inquietações da mãe. Assim, naquela manhã de quinta-feira, 11 de fevereiro, em que faz frio intenso, depois de ter comido a massa de milho com leite, exclama:

— Meu Deus! acabou a lenha!

— Eu irei buscar, diz Luísa Castérot.

Exatamente nesse instante, abre-se a porta e a jovem vizinha, Joana Abadie, que tem quinze anos, entra trazendo nos braços o irmãozinho.

— Nós iremos, Luísa Castérot, se a senhora quiser. Tome conta do meu pequerrucho.

— E', isto Joana, você vai com Toinette.

— E eu! diz Bernadette; levarei meu cesto e poderei ajuntar ossos velhos.

— Não, diz a mãe, estás resfriada e faz muito frio.

— Quando estava em Bartrés, declara Bernadette, saía por qualquer tempo.

— Não, não, não irás. Tenho medo que caias no Gave.

— Vamos, Luísa Castérot, diz a grande Joana, comigo não há perigo.

Movida por essa razão de serem três, Luísa Castérot deixa-se convencer.

— Mas é preciso que botes um capuzinho, acrescentou ela como condição.

Uma vizinha, Cipriana Gesta, empresta um à menina. E' branco.

* * *

A cidade de Lourdes, sôbre o seu rochedo, era então cercada de muralhas. Todo o mais é campina verdejante, caminhos escavados. Para passar à margem esquerda do Gave, havia só uma ponte velha em forma de lombo de burro, e que continuava do outro lado por um caminho, a trepar pela montanha das Espeluncas (ou Cavernas), e de lá de cima acompanhava o curso do Gave. Chamavam-no o Caminho da Floresta.

A quinhentos ou seiscentos metros da ponte, justamente acima daquela massa cônica de rochedos, cavada de grutas e chamada Massabielle (maciço velho), uma vereda entroncava-se no caminho e despenhava-se para o Gave, dando a volta ao maciço das grutas. Essa vereda era trilhada pelo porqueiro, Paulo Leyrisse, que cada manhã, tocando a corneta, reunia todos os porcos da cidade e os levava a pastar junto às grutas, ao longo das ribanceiras.

Havia ali muita cobra debaixo do pedregulho.

Poder-se-ia chegar até lá pela chã. Mas havia, na Ponte Velha até ali, uma série de prados magníficos, circunscritos pelo anel que fazia a curva do ribeiro. Pertenciam ao dono do moinho de Savy, que proibia se passasse por elas.

* * *

Entretanto as três “drolesses”, como se diz das mocinhas na região de Bigorre, lá se iam alegremente. Muitas vezes descarregavam lenha na banda do cemitério, e elas tomam por êsse caminho, na esperança de acharem cavacos ali. Não os havia. Descem então para o Gave, onde avistam uma parenta dos Soubirous, Maria Samaran, chamada a Piguno, que lavava tripas à beira d'água.

— Olé! Por que está lavando essas tripas? interpela Bernadette.

Mas a Piguno julga inútil responder a uma pergunta tão tôla e interroga por sua vez as meninas sobre o intuito do seu passeio.

— Vão então às grutas Massabielle. Fizeram derrubada na floresta, lá em cima. Vocês encontrarão galhos.

As meninas atravessam então a ponte e seguem pelo caminho da floresta até o lugar onde é cortado pelo ribeiro da Merlasse, que corre paralelamente ao Gave. Não o atravessam. Ficam portanto, entre o Gave, que acabaram de passar, e o ribeiro, que vai logo engrossar o canal do moinho.

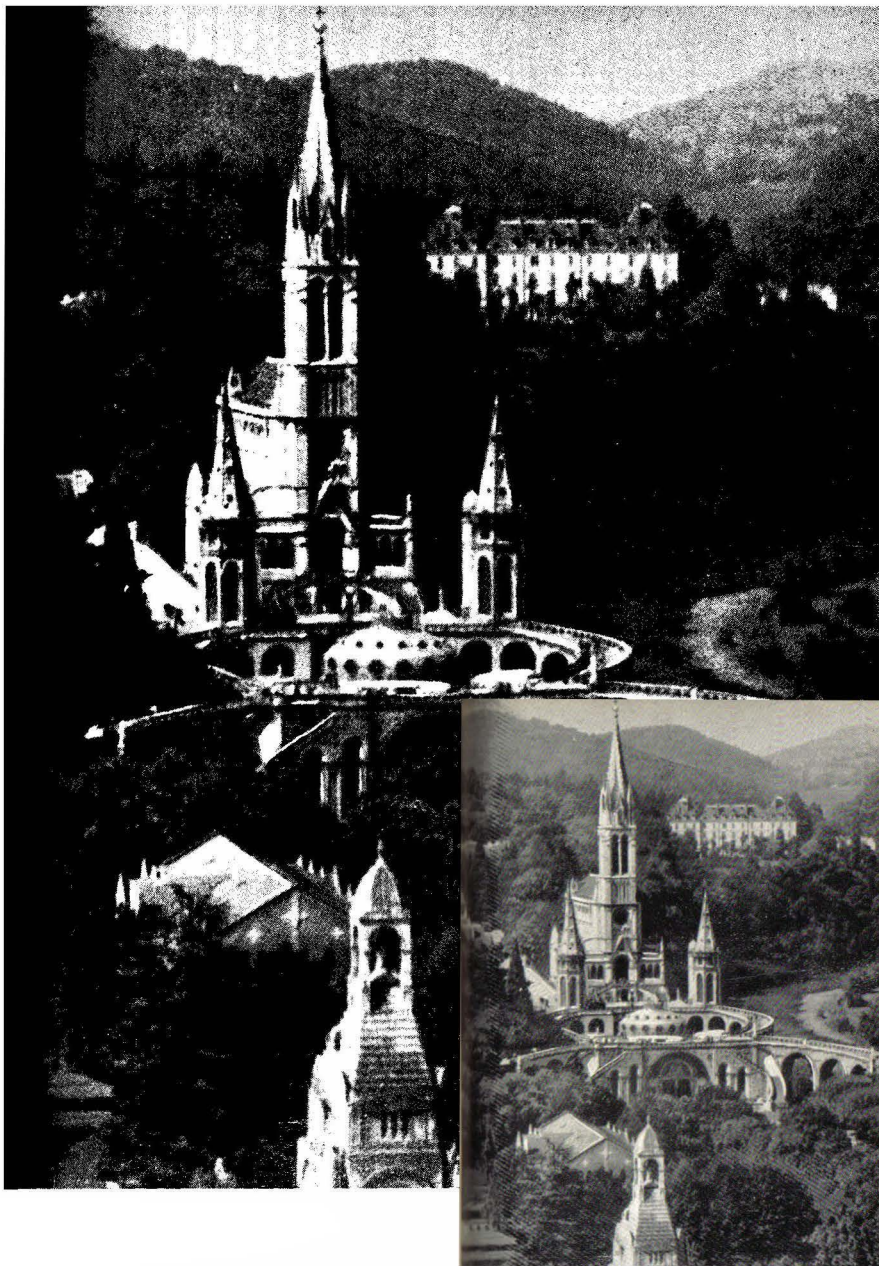
O moleiro de Savy, Nicolau, homem bom, deixa passar as pequenas respigadeiras por seus campos, nos quais caminham pelo capim molhado.

A faixa de terreno entre o Gave e o canal vai-se estreitando, e em breve não passa de uma lingua de terra areenta.

Afinal eis as três raparigas diante de Massabielle, êsse enorme cogumelo rochoso, pendurado como uma excrescência no flanco arborizado da montanha. Mas o canal ainda as separa dela. Felizmente o moinho está em consêrto, fecharam-se as comportas; a água foi desviada, e é rasa naquele ponto. Joana e Toinette tiram os tamancos e atravessam, saltando descalças de pedra em pedra. Dão gritinhos: “Ai! como a água está fria”.

Bernadette, tão friolenta, não se atreve a atravessar. Em vão tenta fazer um caminho, lançando pedras na água.

— Queres que eu te carregue? pergunta Toinette do outro lado.



<https://alexandriacatolica.blogspot.com,br>

— Tu és muito pequena, meu “polícia”, e jogas-me n’água. Mas se Joana quisesse...

À guisa de recusa a novel Abadie solta uma grande praga.

Eis Bernadette transtornada. Os Soubirous não têm êsses costumes.

— Ó Joana, se queres praguejar vai-te embora daqui.

— E por que não aqui como em outro lugar?

— É muito feio praguejar. Melhor farias rezando orações.

— Eu as rezo no domingo, na missa, e basta. Mas se queres, posso carregar-te.

Bernadette sente contrariadas em seu íntimo tôdas as correntes de doçura, polidez, e respeito religioso, que são os seus impulsos mais mezinhos.

— Não, acabou. Não andaremos em tua companhia. Estás ouvindo, Toinette?

Em sua justa indignação, recusa-se a dever qualquer coisa a essa grande Joana. Atravessará por seus próprios meios.

Joana e Toinette estão debaixo da Gruta, naquele tempo ainda de coberta muito baixa, pois o solo ficava alteado com os depósitos de entulhos, quando o Gave transbordava. Ajuntam depressa um feixe de lenha. Em seguida tomam pela orla estreita entre a rocha e o regato, e afastam-se juntas.

Então, apesar do seu resfriado, Bernadette se decide a tirar as meias com a idéia de entrar ousadamente n’água.

REFLEXOS SÓBRE A APARIÇÃO

Todos os grandes acontecimentos divinos, as manifestações do sobrenatural, as gestas de Deus na terra realizaram-se sem aparato, ao meio do curso mais trivial dos hábitos humanos. Santo Inácio de Antioquia observa que o “ Príncipe dêste mundo não teve conhecimento do nascimento miraculoso do Verbo ”. No dia em que Cristo resgatou na cruz a humanidade de todos os séculos, o Império Romano entregava-se imperturbavelmente ao seu tráfego, às suas colonizações, às suas obras de arte, aos seus requintados prazeres; e a maior parte do próprio povo judeu ignorou que se executava, como sucedia muitas vêzes um ato sedicioso em Jerusalém. Quando Deus se preparava para fundar definitivamente a nação francesa, os exércitos se entrechocavam e os povos se lamentavam, sem suspeitar que num campo das Marcas Lorenas, uma pequena pastoriinha via São Miguel, e do colóquio dos dois entre os animais do rebanho, ia nascer um curso novo para a sorte dos povos, e para a História. Os homens é que imaginaram a encenação. O Senhor não tem necessidade dela. Aqui, neste instante solene, em que uma mocinha da terra vai participar das modalidades da outra vida e ver o corpo glorioso da Mãe de Cristo, tal sem dúvida como os eleitos o contemplam no além, essa menina está muito simplesmente ocupada em despir um dos pés.

COMO SE DEU ESTA PRIMEIRA APARIÇÃO

Sòmente o ruído repentino e medonho de uma grande rajada de vento, simples sinal que lhe faz voltar a cabeça para a Gruta. . .

Nem uma fôlha se move.

Sem compreender, Bernadette se prepara para tirar a outra meia, quando de novo o ruído de tempestade passa, sibilando, ao longo das grutas e gela-a de mêdo. Ergue-se e olha. Acima da grande escavação acha-se à direita uma abertura de forma ogival, junto à qual brotou uma roseira silvestre, cujas lianas recaem acima da gruta grande. Bernadette não vê nada, senão que as lianas balançam brandamente.

Eis que uma luz esplêndida se acende nessa abertura, mais brilhante do que o dia. Um instante depois, adianta-se, vindo do fundo até à entrada, a forma arrebatadora de senhora que sorri.

“Uma donzela” de dezesseis a dezessete anos, dirá logo depois Bernadette; pequena, não maior do que eu, vestida com um vestido branco reluzente e com um véu comprido que cobre os ombros e desce muito baixo. Um cinto azul cujas pontas se enlaçam. Ela vem do fundo da nuvem brilhante; adianta-se com os pés descalços que coloca sôbre a “sebe” (a roseira silvestre), cada um dêles leva uma rosa amarela”.

Bernadette fica assustada; esfrega os olhos para certificar-se de que não está sonhando. Então

a donzela branca, sempre sorrindo, faz-lhe sinal para que se aproxime. A merina sossega um pouco, e, como costuma nos casos difíceis, cai de joelhos e procura o têço no bôlso. Mas, quando levanta o braço para fazer o sinal da cruz, cai-lhe êste como que paralizado. É naquele instante que a Aparição pega no punho esquerdo um têço que Bernadette não vira, e, com o crucifixo, faz-lhe sôbre a própria pessoa um sinal de cruz tão majestoso que a Vidente pasma, admirada.

Imediatamente ela pode também benzer-se e começa a rezar a oração costumada.

REFLEXÕES DA AUTORA SÔBRE O FATO

Qual é essa beleza que Bernadette, de joelhos sôbre o saibro dessa lingua de terra, entre o Gave que ruga atrás dela e êsse sussurro do canal que a separa da Gruta, contempla neste momento?

Foi ela capacitada, durante algum tempo, para ver sensivelmente o corpo espiritualizado da Virgem?

A pessoa santíssima de Maria materializou-se em verdade, especialmente para essa menina, e a seu alcance?

Que houve materialização, é o que a pobre Bernadette forcejou por afirmar com insistência e com palavras empolgantes de criança ignorante, que em verdade trazem luz. “Eu a vi com êstes meus o-

lhós”. Não uma forma vaporosa, não, de certo. Uma figura viva, de três dimensões, que ia, vinha, inclinava-se em delicadas saudações, gesticulava, falava por sinais explícitos, às vèzes em voz alta e inteligível. Uma fisionomia móvel, cujas mudanças são notadas com precisão absoluta pela Vidente, indo do sorriso à tristeza infinita. Um corpo real.

Quando Moisés falava a Deus face a face na nuvem, exclamou de repente: “Senhor, mostrai-me vosso rosto, para que eu vos conheça!” Mas Deus lhe respondeu: “Não podeis ver meu rosto. Nenhum homem me verá sem morrer”. O que sem dúvida quer dizer: “Não é com vossos sentidos perecíveis que me podereis contemplar, mas somente graças às modalidades ainda desconhecidas para vós, e para vós inconcebíveis, da vida futura.

São êsses meios de percepção misteriosa que nos permitirão também, parece, ver os corpos ressuscitados e comunicar com êles.

O corpo ressuscitado do Salvador surgia de improviso diante dos apóstolos, que morreram quase todos para testificar isto. O corpo não abria as portas das salas. As muralhas não lhe eram impenetráveis. Êle não estava sujeito às leis do espaço. Apesar dessas modificações, Santo Tomás reconheceu nêle “o corpo nascido da Virgem Maria e elevado à direita de Deus”. Sem essa identidade, diz êle, não teria havido ressurreição no sentido próprio.

Para as aparições dos Anjos, Santo Tomás ad-

mite a *realidade objetiva* dos corpos sob os quais ãles se mostraram aos homens. Mas acrescenta que não há união pròpriamente vital entre êsses espíritos celestes e o seu envólucro carnal provisório.

Ao contrário, para as aparições da SSma. Virgem, os teólogos pensam que ela se mostra na realidade do seu corpo ressuscitado.

* * *

Haveria, pois, segundo autores dignos de crédito, duas espécies de aparições.

Ou um agente superior ao homem modifica diretamente o órgão visual e produz uma sensação equivalente à que produziria um objeto exterior.

Ou uma figura exterior, realmente presente, impressiona a retina e nela determina o fenômeno físico da visão.

Segundo os mesmos, seria êste o caso de Bernadette em Lourdes.

* * *

Assim Bernadette, e é êsse o sentido constante das pessoas piedosas, naquele instante em que acabamos de deixá-la, com o rosto levantado para a pequena gruta superior, contemplaria, como o fazem os eleitos do céu, àquela a quem Estrade chama com tanta felicidade, "a gloriosa Filha da Terra".

Bernadette, que insistiu sempre sôbre a extrema juventude da figura aparecida, vê-la-ia, pode-se crê-lo, na idade da Anunciação, naquêlê momen-

to da sua vida terrestre em que o Anjo dizia: “Sois bendita entre tôdas as mulheres”. Não seria, com efeito, essa idade da maternidade divina que o céu teria eternizado na sua pessoa gloriosa?

A Vidente ignora entretanto a quem ela vê, e não sabe ao certo porque reza tão ardentemente o têrço. Simplesmente porque a “*Petito Danizelo*” pequena Senhorita a isto a induziu com o gesto.

De repente, do outro lado do regato, debaixo das rochas, à direita, Toinette, volta-se, e a vê, com a capuzinho na cabeça, de joelhos, imóvel, de olhos levantados, com o têrço erguido.

— Olha, diz ela a Joana Abadie, Bernadette lá está rezando.

— Oh! que tôla! diz a moça: Que idéia de vir rezar aqui!

Deixa, responde Toinette. Só sabe fazer isto.

E as duas meninas recomeçam a catar lenha.

Durante o têrço de Bernadette, a bela Donzela corria o seu, entre os dedos, sem que os lábios se movessem, a não ser nos “*Gloria Patri*”. Acabadas as cinco dezenas, a criança lá fica, de joelhos, com o rosto maravilhado. A bela Donzela faz um aceno para ela, e, com o dedo, pede-lhe que se adiante. Mas Bernadette está num estado de enlêvo santo; não se atreve a obedecer nem mexer-se.

A Aparição sorri então, faz uma inclinação graciosa e desaparece. Depois a luz se apaga. Nada mais resta do que o nicho vazio, com a roseira silvestre, cujas lianas pendem tristemente.

DEPOIS DA PRIMEIRA APARIÇÃO

Que idéia lhe vem então de tirar depressa a outra meia e de atravessar prontamente a água, como se obedecesse com atraso à ordem da desconhecida? Ei-la que molha ousadamente os pés no canal:

— Mentirosas, que me dissestes que a água estava fria! exclama. Eu a achei bem quente.

— Quente, a água do Gave, nesta estação?

— Sim, quente como a água das vasilhas! responde a pequena caseira da rua das Valetas.

Era coisa de maravilhar. As duas moças tiritantes e incrédulas, cujos pés sangravam de frio, vêm apalpar os de Bernadette. Estavam ardentes.

Dai a instante, em voz baixa Bernadette lhes pergunta:

— Vocês viram alguma coisa?

— Não, absolutamente nada. E tu?

— Também não.

Tomam então pela vereda escarpada dos porquinhos, à direita do maciço de Massabielle, a fim de alcançar, lá em cima, o caminho da floresta e a Ponte Velha, Joana Abadie toma a dianteira. Bernadette, embora muito mirradinha, põe na cabeça o feixe de sua irmã, muito pequenita para carregá-lo. Não dizem nada; Bernadette está muito ofegante; quando o caminho começa a descer, ela não pode mais conter o seu segredo:

— Sabes, quando eu estava de joelhos, estava vendo, naquele buraco do rochedo, uma jovem tô-

da de branco, com cinto azul, véu e têrço. Era bonita, como as criancinhas de cêra...

— Boba, diz Toinette, pareceu-te!...

— Não digas nada, ordena Bernadette.

* * *

Ao entrar em casa, a primeira coisa que faz Toinette, é contar tudo à sua mãe. Luísa Castérot interroga Bernadette, que confirma a visão.

Meu Deus, meu Deus, que desgraça! diz a boa Luísa. Proíbo-te falares nisto a quem quer que seja. É talvez um espírito mau. Ai! coitadinha! que bonita coisa fizeste. Eu bem tinha razão de impedi-la de sair. Não voltarás àquela gruta de Massabielle, nunca! Entendes?

Acende-se o fogo e o dia vai passando como todos os outros. Quando o pai chega à noite, nada lhe dizem dos acontecimentos da manhã. Toma-se a sopa. Bernadette fica calada, mas ninguém está acostumado a ser posto ao par dos seus pensamentos secretos. Depois da sopa, como de costume, Bernadette reza a oração da noite.

Chegando ao passo em que costuma dizer três vêzes: “O’ Maria, concebida sem pecado, orai por nós que recorremos a vós”, que se passa nela? Que suavidade repentina essas palavras, a que ela está tão acostumada, fazem descer à sua alma? É o mesmo gôsto que ao contemplar a “Donzela Branca” da Gruta. Todavia ela nunca disse que fôsse a

Virgem SSma. Terá pensado isto, sem ousar formulá-lo? Haverá uma sabedoria, uma prudência de camponesa que a impedem de declarar prematuramente aquilo de que ainda não está certa? Não terá cismado nada? Estará apenas sob o encanto da criatura maravilhosa, sem curiosidade, sem inquietação, sem o menor trabalho de pensamento, como uma idiotazinha? Há mais razões de a julgar prudente do que muito tapada, sobretudo no que concerne às coisas religiosas, em que ela foi certamente mais adiante do que crêem geralmente, naquela época em torno dela. Pense-se nas instruções de um Padre como o Padre Ader, que a iniciou na vida cristã!

Ela *esperava*, parece-me, que a “*Petito Daniel*” fôsse a SSma. Virgem, mas ela a vira lá tão diferente das representações comuns, que hesitava. Depois o milagre lhe parecia demasiado belo para crer nisso.

O fato é que, no momento de pronunciar a invocação à Conceição sem mácula de Maria, aperta-se-lhe a garganta, uma emoção forte de mais a impede de continuar, soluços a sufocam. Sua mãe, pensando numa crise de asma, pega da lamparina, olha-a no rosto e vê-lhe a face banhada de lágrimas.

— Que tens, minha Bernarda! Que tens?

— Deixa, diz Toinette, é a história desta manhá que lhe volta.

A menina dominou-se, mas não podendo continuar, quis que fôsse João Maria que continuasse a oração começada.

* * *

Uma vez deitada, naquela hora em que até há pouco, em Bartrés, ela cismava tristemente com o beijo de sua mãe ausente, cisma agora a bela Senhorrta do rochedo, tão depressa desaparecida.

Durante três dias a menina mais humilde de Lourdes, e a mais desdenhada — a mais retraída também, levou em seu peito um coração bem pesado: uma saudade infinita; o anseio de Massabielle; e ao mesmo tempo a perturbação que sua mãe lhe havia insinuado da possibilidade de ser um demônio. Lá se ia à escola com êsse pêso. Por ocasião do recreio, saltava à corda com as outras e distraía-se brincando.

Como era fácil de esperar, desde o dia seguinte todo o bairro das fortificações conhecia o acontecimento da Gruta. Luisa Castérot não soubera conter a língua, e interrogavam a Toinette e Joana, únicas testemunhas.

Enfim, no domingo, ao sair da missa cantada, um grupo de mocinhas curiosas, amigas de Toinette, cercam Bernadette. Instam para que ela volte lá, em grupo, a fim de ver se não acontecerá ainda alguma coisa.

— Mamãe me proibiu, responde Bernadette.

Mas as outras não têm o mesmo estoicismo. É preciso embair Luísa Castérot; ei-las tôdas agarradas à saia dela, suplicando, fazendo mil promessas. A mais ardorosa, diz-se era Toinette, que esperava

também ter parte na visão. Enfim Luísa cede, sob promessa de que essas “drolesses” estarão de volta para as Vésperas.

Bernadette parece ter ficado séria e preocupada no meio dessas moças sem juízo. Convida-as a não irem para lá como a um divertimento. Para ela, é um ato religioso. Declara que será necessário orar. Notemos que esta palavra *orar* lhe está sempre na boca. Sobretudo levar os terços. Depois, atormentada pela suspeita que sua mãe fêz nascer, arma-se de uma garrafinha, que vai encher na pia da igreja próxima a fim de aspergir a Aparição e experimentar se ela é de Deus ou do diabo. Quando passam, outras meninas se juntam a elas.

São uma vintena ao saírem de Lourdes.

SEGUNDA APARIÇÃO

Desta vez Bernadette não terá obstáculo entre ela e a Gruta, porque, em vez de seguirem pelo prado, elas tomaram lá em cima o caminho da floresta e contornaram, em seguida, o rochedo, pela vereda escarpada que desce para o Gave.

Ei-las tôdas de joelhos ao pé da abertura ogival, no próprio limiar da grande Gruta. Rezam o terço.

De repente, um grito de Bernadette.

— Lá está ela! Lá está ela!

E o seu rosto se ilumina duma alegria, que sempre chamaram indescritível.

A criatura arrebatadora lá está; e, delicioso prodígio, apesar de sua essência visivelmente celeste, ela saúda com polidez a pobre menina desprezada. Sim, inclina-se diante de Bernadette Soubirous. . .

Está vestida com um vestido de brancura resplandescente, fechado no princípio do pescoço por um laço corredio. O pano não era de filó, explicou mais tarde Bernadette, mas podia lhe ser comparado pela leveza. Um véu oculta completamente os cabelos, cai sobre os ombros, toca de leve a linha dos braços e desce dos dois lados até os calcanhares. Um longo cinto azul está atado pela frente, “sem duplo nó”. Seus pés estão nus, trazendo cada qual uma rosa amarela desakrochada. No braço esquerdo, um terço de contas de alvura brilhante, uma corrente amarela, brilhante também, um crucifixo amarelo como a corrente.

Bernadette tira do bolso a garrafa de água benta e esforça-se por alcançar com jacto a Aparição, mas não o consegue por estar de joelho. Levanta-se então, dá um passo, recomeça seu gesto várias vezes, dizendo:

— Se vindes da parte de Deus, falai; se vindes da parte do diabo, ide-vos embora.

Frase que suas companheiras não ouvem. Entretanto percebem nitidamente sua voz quando Bernadette lhes explica:

— Quando eu lhe joga água benta, ela se in-

clina para mim e sorri; depois levanta os olhos para o céu e me saúda.

A menina renuncia ao exorcismo, entregando-se à tranqüilidade da confiança primitiva. Bem entendia seu íntimo que não era o diabo! Bebe com os olhos a dama, que olha para tôdas, que sorri, volta a cabeça. Bernadette põe as companheiras ao par de todos os seus movimentos. Faz-lhes notar a lindeza dos dedinhos, dos pés alvos. Eis que o vento lhe suspende o cinto azul. Pega no têrço, faz o sinal da cruz.

Após ter enumerado tôdas essas minúcias, Bernadette suspira: Oh! como é bela! Tem um rostinho fino como cêra!

Nesse instante, Bernadette, com o crucifixo nos dedos imita o belo sinal da cruz da Aparição, e, segundo as testemunhas, torna-se imóvel.

É o êxtase que começa.

Ela própria fica linda. Sua tez ilumina-se e parece transparente; os olhos dão a impressão de estarem fitados na roseira brava. A turma das meninas enlevadas a observam; estão imóveis, atônitas.

Mas essas moças em breve haviam de compor uma história. A grande Joana Abadie, que chegava atrasada, julga fazer um papel engraçado lançando uma pedra do alto de Massabielle. A pedra salta de rocha em rocha e vem rolar à beira da água. Sustos e gritos de tôdas aquelas meninas em redor de Bernadette, que não vê nem ouve nada. Discussão, logo que percebem a autora do malfeito.

Essa pedra perturbou a atmosfera de religioso silêncio que mantinham em torno da Vidente. Cuidam em observá-la melhor. Uma das maiores vai até querer meter na cabeça de Toinette Soubirous que sua irmã está com má côr e que poderia morrer assim! Toinette cai em pranto, gritando que é preciso tirá-la dali à força. As meninas agarram Bernadette, tentando levá-la. Mas a Vidente resiste.

— Deixai-me aqui; eu não irei. Continuo vendendo-a! Quero ficar!

Agarra-se a um rochedo que tem diante de si. As meninas puxam cada vez mais e arrancam-na dali. Viram-se tôdas na direção da roseira brava. Depois, como conseguiram levá-la:

— Eu continuo a vê-la. Ela me acompanha. . .

E peleja tão fortemente que fica vitoriosa dessas encarniçadas, e volta a seu lugar, diante da Gruta unicamente ocupada com a Visão.

Nesse momento chega a mulher do moleiro de Savy, que uma menina fôra chamar. Tenta, por sua vez, levar a Extática, mas não consegue. Ser-lhe-á preciso voltar ao moinho para chamar seu filho, o grande Nicolau, que tem vinte e oito anos.

Durante essa balbúrdia, a celeste figura continua sorrindo a Bernadette. Nada diz, mas Bernadette deve-lhe estar falando, pois vêem-na estender os braços; e suas companheiras ouvem seus gritinhos, inarticulados como os que se soltam nos sonhos, quando julgamos pronunciar frases.

O jovem moleiro chega rindo, com a idéia de divertir-se um pouco com as mornices dessa pequena comediente.

Mas quando tem diante de si o espetáculo an-gélico daquela criança transfigurada, tudo muda. Tal respeito apodera-se dêle que, segundo a própria expressão que empregará mais tarde, “ sente que não é digno de tocar nela ”.

Com muita preocupação e hesitação, êle e sua mãe a levam finalmente. “ Durante todo o trajeto, diz Estrade, que ouviu isto do próprio moleiro, ela parecia acompanhar com o olhar alguém que se não via, mas estaria adiante e um pouco acima dela. Em vão o jovem Nicolau, para romper o encantamento, punha-lhe a mão sôbre os olhos e obrigava-a a baixar a cabeça. Bernadette voltava à posição primitiva e retomava sua contemplação ”.

* * *

Durante êsse tempo, as outras moças, confundidas, voltavam a Lourdes. Toinette chega em casa como um tufão, tão perturbada que não pode falar. Vendo-a nesse estado, a mãe quase perde a razão; imagina que Bernadette caiu no Gave, e corre para Massabielle. Pelo caminho, fica sabendo que sua filha foi conduzida para o moinho de Savy, e ali descansa, sã e salva. Apressa-se, chega.

Como sucede em semelhante caso, seus temores cedem lugar à cólera. Bernadette, que durante êsse

tempo viu desaparecer a Visão retomou o estado normal, sorri-lhe. Mas Luísa avança para bater-lhe.

— Como, moça! queres que riam de nós e nos metam na cadeia? Eu te arranharei ares de beata!

Está com a mão erguida: a dona do moinho atira-se a ela e a detém.

— Ah! Luísa Castérot! não bata nesta criança! Ela não cometeu nenhuma falta. É um Anjo, um Anjo do céu, entenda. Precisava tê-la visto como estava na Gruta!

Na saída das Vésperas, aquêlê dia, não se conversava na frente da igreja, senão do caso de Bernadette Soubirous. . .

* * *

A primeira idéia que vem ao espírito é a de um caso patológico, imputável às perturbações da puberdade de Bernadette.

E eu bem sei que neste ponto da nossa peregrinação nesta jovem vida, meu leitor pensa também: histeria, catalepsia, nevrose numa menina que não passa bem. À primeira vista, a interpretação é completamente razoável. Não havia ninguém no nicho, a imaginação da menina doente criou tudo.

Todos ouviram falar, é verdade, do êxtase dos santos, dêsse estado místico em que o corpo dêles escapa momentâneamente às leis ordinárias da vida; mas, sabe-se também vagamente que certos espíritos científicos cotados, assimilaram êsses casos místicos aos acidentes mórbidos de certas afecções

nervosas, em vez de acentuar as diferenças que existem entre ambos. E fica-se sem concluir.

O estudo do êxtase e a discriminação entre este estado sobrenatural e as crises dos nevropatas foram feitos, notavelmente a propósito da grande Santa Teresa, a robusta santa que não era uma nevrosada. Aqui não é o lugar de voltar a este assunto. Compreendamos simplesmente a disposição mental dos habitantes de Lourdes, que, todos, desde as boas irmãs da Escola, até os magistrados, da polícia ao cura, diziam consigo, deveras, que Bernadette era louca, mas mantinham-se reservados, e queriam antes estabelecer uma opinião, ver, esperar o que se seguiria.

Esperemos, nós também, os acontecimentos que se vão produzir.

TERCEIRA APARIÇÃO

Agora vai aqui a história da terceira Aparição de 18 de fevereiro.

Na quarta-feira 17, uma das Filhas de Maria da paróquia, vizinha dos Soubirous, Srta. Antonieta Peyret, que acabava de perder uma amiga, presidente dessa mesma Congregação, vem procurar outra pessoa chamada Sra. Millet para lhe comunicar a idéia que lhe ocorria. Imaginava, com efeito, de acordo com o traje da Aparição, bastante semelhante, pelo que dizia Bernadette, ao que a finada usava por

oração das procissões da SSma. Virgem, que essa pessoa “ voltava ” a Massabielle para pedir orações.

Isto é bem significativo das conjecturas que cada qual tentava, em Lourdes, naqueles dias.

— Não há dificuldade, diz a Sra. Millet. Vamos pedir à Sra. Soubirous que nos confie a pequena, e vamos ver o que lá sucederá.

Era, segundo contam, ao cair da tarde. Bernadette chegava da escola absedada por sua idéia fixa: voltar à Gruta.

— Eu te suplico, mamãe, consente que eu vá lá amanhã. Eu queria! oh! eu queria! A Senhora talvez me espere.

— Nunca! exclamou Luísa Castérot, nunca mais irás lá. Para servir de môfa aos outros? Para fazer dizer que minha filha está louca?

Nesse instante batem à porta; a menina vai abrir e introduz a Sra. Millet e Antonieta Peyret, que encontram a mãe em grande agitação, dizendo-se muito desgraçada por ter uma filha sem juízo, que só pensa em suas histórias absurdas.

As duas senhoras diligenciam por acalmá-la. Não se deve ter pressa em tirar conclusões em circunstâncias tão estranhas. Exasperando Bernadette, recusando-lhe a experiência, arrisca-se torná-la nervosa de veras. E, se fôsse verdadeiramente um milagre, que responsabilidade em recusar-lhe?

— Escute, Luísa Castérot, se quiser, amanhã de manhã, depois da primeira missa, nós a acompa-

nharemos a Massabielle.] Não a deixaremos só.

Alguns minutos mais tarde via-se saírem da antiga prisão, e irem-se embora triunfantes, as duas senhoras de crinolina, que haviam ganho a sua causa.

* * *

Em plena escuridão, na madrugada seguinte, voltam elas à rua das Valetas para buscar a menina. A Sra. Millet leva uma vela benta da Candelária, e Antonieta Peyret, pena, tinta e fôlha de papel, com a intenção de pedir à misteriosa Desconhecida que ponha por escrito seus desejos. Ouve-se a missa numa grande perturbação de idéias; depois lá se vão na madrugada cinzenta, através de Lourdes ainda adormecida. Passam a Ponte Velha; Bernadette desliza pelo caminho da Floresta, numa alegria indizível. Todo o seu coração já está tenso para Aquela que vai ver. Ela a adivinha, pressente-a, voa. Chegada à difícil vereda dos Porqueiros, quase vertical então, desce-a correndo, já não se contendo mais, e deixando as companheiras para trás.

Quando as senhoras chegaram, Bernadette já estava de joelhos, rezando o têrço. Elas se juntam à menina. Oram as três em silêncio. De repente um grito de alegria:

— Ela vem! Ela vem! Ei-la!...

(O que indica muito bem a progressão da Figura aparecida, do fundo do nicho até a borda).

E as senhoras viram Bernadette prostrar-se tão profundamente, tão respeitosamente, que a sua cabecinha, envolvida pelo lenço, tocava as pedras do chão.

Ai delas! Seus olhos esquadrihavam em vão o nicho da roseira brava.

Contentaram-se em continuar o têrço pelo descanso da finada, que imaginavam presente. Mas, acabada a oração, elas só tiveram uma preocupação: instar com Bernadette para obter um escrito da aparição.

— Olha, aqui está o papel, a pena molhada, vai perguntar-lhe o que ela quer de nós.

Por gentileza, e sem dúvida, a contragosto, — pois, coisa estranha, Bernadette manteve sempre, com reserva delicada, seu papel de pobre menina cumulada pela Rainha — ela fica de pé e adianta-se. Nesse instante e ainda por sinais, a jovem Senhora lhe mostra que é preciso impedir suas companheiras, já a ponto de acompanhá-la, de irem até ali, no seu campo celeste. Sacode negativamente seu lindo rosto, designando-as com a mão. Bernadette está tão apaixonadamente atenta, que lhe compreende o sentido de todos os movimentos. Imediatamente, com um gesto, manda embora as indiscretas, as quais se retiram um pouco confusas. Depois, em baixo da abertura ogival, a menina ergue-se na ponta dos pés, oferecendo a pena e o papel o mais alto que pode a fim de que a Senhora os segure.

— Minha Senhora, quereis ter a bondade de escrever quem sois e o que desejais?

Mas a essas palavras a jovem Senhora pôe-se a rir. — Riso celeste, riso humano, todavia, de nossa Irmã divina, que só pensar nela causa arrebo. — Bernadette o relatará imediatamente às suas companheiras.

— Ela se riu. . .

Depois, afinal, a voz da Aparição se faz ouvir:
“O que eu tenho para vos dizer, não é preciso que eu escreva!”

* * *

A maneira como Bernadette ouve essa voz permanece enigmática. Que modo de percepção? Ela lhe distinguia o timbre: “A Senhora, dizia ela, com uma admiração sensível, tinha uma voz “doce e fina”. Mas os adjetivos lhe faltavam. Outra teria dito: “melodiosa”, e sem dúvida não lhe teria exprimido melhor o encanto. Em todo caso, o sentido do ouvido foi, pois, afetado. Todavia, Bernadette, que responderá um dia “eu a vi com êstes meus olhos”, dirá também mais tarde, mostrando o próprio coração: “Era aqui que sua voz ressoava”.

Notai isto: que as raras palavras que Bernadette relatou da Aparição não são nunca as que se esperavam. Ainda menos as que Bernadette poderia ter criado com a própria imaginação.

Depois dessa primeira frase dita em dialeto bigorrês, na luzinha glacial daquela manhã de feve-

reiro, a Senhora parece refletir por algum tempo. Depois seus lábios se alongam novamente para a menina predestinada, para dizer ainda com intraduzível complacência:

“*Quereis ter a bondade* (em dialeto, *boulentat*, bondade, ou *grácia*, fazer-me a graça, Bernadette dizia indiferentemente de uma ou de outra forma em suas narrações) *de vir aqui durante quinze dias?* ”

E num impulso de entusiasmo, Bernadette responde que virá.

A Senhora empregou esta forma de cortesia excessiva para com a pobre menina, a quem havia pouco, pelo caminho, a Sra. Millet dizia duramente: “Se nos estás mentindo, ai de ti!” Ela a disse com tôda a suavidade, provavelmente nos termos da polidez celeste. “A Aparição te falou assim mesmo?” perguntava à Bernadette o Sr. Estrade, céptico ante tal condescendência. “Sim, afirmava Bernadette, ela me disse: “Quereis ter a bondade?”

E, ao que parece, com um misto inexprimível de encantadora confusão e de alegria, a menina ralhada por todos, acentuava, baixando a cabeça:

Ela me disse *vós...*

PROMESSA MISTERIOSA

Não é tudo.

Uma vez dada a aquiescência de Bernadette ao régio pedido, a Senhora retoma a palavra:

É promessa terrível e beatífica, profecia de uma existência de dor, penhor da predestinação:

“ Não vos prometo de serdes feliz neste mundo, mas no outro ”.

— *Né prumeté pa d'está hüriso en-este munde, mes-en aute.*

Mas Bernadette quer saber quem ela é e pergunta seu nome.

Ela sorri de novo, inclina a cabeça para a menina, contempla-a, mas não responde nada.

Eis, porém, que Antonieta Peyret, não se contentando mais, esquece a ordem, e junta-se a Bernadette.

— Então, então que foi que ela te respondeu?

E Bernadette relata fielmente o sublime diálogo.

— Por que, diz inquieta a Sra. Millet, nos mandaste recuar há pouco?

— Para obedecer à Senhora.

— Ah! por favor, Bernadette, pergunta-lhe se minha presença aqui não lhe seria importuna?

Bernadette interroga a Aparição, depois declara:

— A Senhora responde: “ *Não, sua presença aqui não me é desagradável; eu desejo ver gente aqui* ”.

Neste instante Bernadette recai de joelhos, em oração; suas companheiras a imitam. Às vezes, a Vidente interrompe o têrço e parece conversar com a Senhora.

Esta terceira visão durou cêrca de uma hora. Bernadette ali ficou (sem cessar com o mundo exterior) em comunicação e não teve êxtase.

No trajeto da volta, disse a Antonieta Peyret, a Filha de Maria:

— Ela vos olhou muito tempo. Sorriu para vós.

Estava concluído um pacto entre a misteriosa Donzela da Gruta e a pobre pequena Soubirous. Bernadette sentia como era sagrado aquêlê compromisso. Escrupulosa como a conhecemos, podemos compreender até que ponto se sentia ligada. Trata-se agora, de fazer admitir aos pais aquela obrigação de dirigir-se à Gruta todos os dias, durante uma quinzena. Mas a menina não parece ter previsto obstáculos a isto. Depois das Aparições, aliás, embora não tivesse mudado em aparência, ela está um pouco retirada da terra, banhada de serenidade, entregue ao poder que a dirige.

Com efeito, tranquilizados pela prova da água benta, pela do círio bento, sobretudo pela impressão religiosa sentida pelas testemunhas, os Soubirous não fizeram grande oposição à realização da promessa. Luisa Castérot disse sòmente:

É preciso perguntar à tua tia Bernarda, que é boa conselheira.

Era a mais velha das filhas Castérot, casada com um bom operário, e cujos negócios “ iam bem ”. Por isso tinha autoridade sôbre os Soubirous. Além do mais, tinha ainda aquela sensatez que nasce mui-

tas vêzes, como o leite, dos apelos que se lhe fazem. Morava na rua do Baous. Luísa foi procurar essa irmã tutelar.

— Deve-se ou não deixar Bernadette voltar a Massabielle?

— A coisa exige reflexão, declara Bernarda.

À noite, estando já a candeia acesa, tia Bernarda batia à porta do calabouço trazendo a deliberação que segue:

— Essas manifestações não pareciam diabólicas, mas o êrro dos pais até então tinha sido não irem ver por si mesmos. Sempre um pouco levianos, êsses Soubirous!

Em consequência, eis o seu parecer: Luísa e ela acompanhariam Bernadette no dia seguinte até à Gruta, assim poderiam ter a sua opinião.

QUARTA APARIÇÃO

Ia dêste modo inaugurar-se a quinzena sagrada, ~~essas~~ duas semanas de encontros entre o Sêr encantador, que se sentia vir do céu, e a pobre menina do calabouço.

Nas trevas da madrugada de inverno, naquela sexta-feira 19 de fevereiro, as três mulheres, cunhando em silêncio, tomaram o caminho do bosque. Ouvia-se rugir o Gave. Vinham com o coração apertado de emoção. Apesar do segrêdo guardado, atrás das portas semi-cerradas, nas ruas de Lourdes, ha-

viam-nas espreitando na passagem sete ou oito pessoas curiosas que as seguiam à distância.

Chegadas diante do lugar da aparição, ajoelham no declive de areia e entulhos, que subia do ribeiro até o fundo da grande escavação. Bernadette pegou no têrço, persignou-se com gesto, ao que se diz, incomparável, recebeu uma vela benta das mãos de uma senhora presente. Depois, aos olhos das mulheres trêmulas, quase imediatamente começou o arrebatamento.

Eis como foi descrito o êxtase de Bernadette:

“Seu rosto estava extremamente pálido, mas com não sei que matiz suave, como se fôsse atravessado pela luz; leve rubor lhe ia atingindo apenas as maçãs do rosto e os lábios, e realçava aquela palidez de mármore; os olhos levantados e bem abertos, se exauriam em olhares radiantes, ávidos, enlevados, e nem o mais ligeiro pestanejar movia as pálpebras; as duas vistas fascinantes e felizes pareciam pregadas por um raio de luz. Via-se, às vezes, os lábios moverem-se, porém fracamente; quase sempre se mantinham fechados sem esforço. Em todo o rosto, um reflexo de alegria espalhava-se num leve sorriso, detido logo ao desabrochar, apenas começado, mas infinitamente doce, em que se lia respeito e admiração imensa. De vez em quando duas lágrimas caíam das pálpebras sempre imóveis... Com os joelhos presos à pedra fria, Bernadette parecia tender para o alto, e, ao ver o encanto que fazia alça-

rem-se-lhe as feições, dir-se-ia que estava prestes a voar ”.

Este trecho, que pertence à *Pequena História de Lourdes* do Pe. Duboé, é tão belo que, não podíamos deixar de transcrevê-lo. Não existe pintura de Bernadette na Gruta que se lhe compare, nem que dê impressão mais empolgante do reflexo da Senhora sobre ela. Não é possível lê-lo sem emoção. Nêle se encontra também a expressão “ feições que se alçam ”, tão estranha, mas que veio à bôca de tôdas as testemunhas do êxtase.

* * *

É assim que Luísa Castérot vê sua pobre e mirrada filhinha, sua pequena caseira, que não sabia nem A nem B. Seu pasmo é indizível. Mal a reconhece. E dentro em pouco a espiritualização das feições é tão flagrante — sua filha é um Anjo, dissêra a moleira, — que ela julga prestes a morrer e já meio celeste. O terror maternal a faz exclamar:

— O’ meu Deus! eu vos imploro, não me tomeis minha filha!

* * *

Durante meia hora, naquele dia, Bernadette viu a Senhora em sua luz. Ambas falaram. A Senhora diz-se feliz por ver a menina fiel à sua promessa. Mais tarde, acrescentava também, lhe faria novas revelações. Mas eis que de repente um barulho medonho de disputas, como o rumor de uma multidão.

irritada, flutuou por cima do Gave: vozes discor-
dantes que faziam estremecer. Bernadette teve muito
mêdo, sobretudo quando uma voz exclamou com
raiva: “ Foge! Foge! ” A menina lançou então para
a sua bela visitante um olhar de indizível angústia.
Imediatamente a Senhora levantou a cabeça, e seus
olhares, indo além de Bernadette, fixaram-se na re-
gião da ribeira; tomou uma expressão muito severa,
muito irada, franzindo os sobrolhos. E o barulho
cessou.

Pelo menos foi isto o que Bernadette contou ao
chegar em casa, acompanhada pela mãe e pela
tia Bernarda, que era também sua madrinha.

* * *

Terão sido essas manifestações diabólicas ilu-
sões de Bernadette? A menina não dá ensejo a tal
suposição. Imaginação, não tinha nenhuma. Nada
havia cultivado nela essa faculdade; sômente a reali-
dade lhe impressionava a inteligência infantil; ela
não era capaz de ajuntar-lhe coisa alguma.

Não é impossível que o Espírito do Mal e suas
côrtes, os anjos maus, tenham atestado dêste modo
o seu furor, se era de fato Maria que se mostrava
à menina de Lourdes.

Dar-se-ão, aliás, em breve, outros fenômenos
estranhos, que parecem ser da mesma ordem.

Durante os tempos evangélicos, observa o Pe. Didon na sua *Vida de Jesus*, os casos de possessão multiplicavam-se de modo perturbador.

Tôda expressão solene da benignidade de Deus para com os homens enfurece o inimigo.

QUINTA APARIÇÃO

A quinta aparição deu-se no dia seguinte, sábado 20 de fevereiro. Naquele momento, o júbilo interior de Bernadette está de certo modo estabelecido e permanente. Ela soletra na aula as sílabas da cartilha; faz pontos de malha, petisca na merenda o seu pão preto; voltando à casa, ajuda ainda a mãe nos trabalhos domésticos. Mas no íntimo, ela é apenas uma alma em expectativa. Espera o encantamento, a Presença d'Aquela que, agora, começa a adivinhar — embora a sua exatidão natural não lhe tenha jamais permitido dizer — a Santíssima Virgem, enquanto a Aparição não se tiver nomeado.

No hospital, as religiosas tratam-na com suspeição prudente. Uma criança mente tão facilmente! Observam-na. Espiam-na. Bernadette sente-se cercada de desconfiança. Mas não se amua quando ouve frase ofensiva. Que importa, visto que ela obteve a confiança da Senhora! As alusões aos fatos da Grueta, que talvez sejam uma comédia da parte dela, mesmo o ser tomada por simuladora — tem-se tendência a supor muitos vícios numa criança paupérri-

ma, que a miséria talvez tenha degradado — todos êsses vexames deslizam por sôbre sua alegria secreta, sem aflorá-la. Do mesmo modo o barulho que se faz em tôrno dela em *Lourdes*, a partir de 19 de fevereiro, quando uma dezena de mulheres viram o êxtase, bem pouco a impressionam.

Que belo despertar, em manhãs de inverno, quando se acende a candeia e sua mãe a chama para irem a Massabielle! É preciso ver como salta ao chão, esbarrando em Toinette, que ainda está dormindo. Enfia depressa a saiazinha preta e cruza nos ombros o xale de lã. Não diz nada. Caro silêncio de Bernadette, essas manhãs de encontro com a Mãe de Deus!

* * *

São ainda seis horas, naquela manhã de sábado quando com Luísa desce do rochedo pela vereda dos Porqueiros.

Lance de teatro! Tôda a margem do Gave está coberta por uma multidão — duzentas ou trezentas pessoas — que lá se mantêm em equilíbrio no declive daquela ribanceira pedrenta. A própria escavação está repleta dos primeiros chegados. Um murmúrio surdo acolhe a Vidente. Luísa Castérot fica bastante constrangida, não sabe que atitude tomar. Mas Bernadette parece nada ver. Insinua-se no meio do povo para tomar seu lugar costumado e põe-se a orar, numa expectativa dentro em pouco entendida.

Fiel ao encontro marcado, a Senhora chegava à abertura do rochedo no meio da luz, que, como de costume, a tinha precedido.

Ela e Bernadette saúdam-se inefavelmente. O êxtase naquele dia se anima — “ Eu perco a cabeça! suspira Luísa Castérot. Não reconheço mais minha filha! ” Visivelmente a menina fala, e num movimento de fervor jubiloso, as mãos e o peito se lhe erguem. Sente-se que um colóquio ardente entre ela e a invisível Visitante está travado, um comércio espiritual, bastante comovente. É naquela manhã que a Criação divina ensina palavra por palavra à menina, que repete depois dela, e torna a repetir, uma prece somente para Bernadette, uma prece que deverá rezar todos os dias de sua vida, e que ninguém jamais conhecerá. É um mistério entre as duas; um laço adorável. Mas a paciente Senhora teve muito trabalho . . .

* * *

Em torno desse colóquio a multidão dos curiosos está num outro mundo. Um estranho estado de espírito jugulou naquela turba de gente tôdas as veleidades de crítica ou de gracejo.

No trajeto de volta empurram-se para cercar Bernadette e fazer com que fale. Ela, porém, mantém-se muito lacônica.

- O que te disse a Senhora?
- Ensinou-me uma oração.
- Que oração?

— Oh! para mim só.

Ninguém tem impressão de uma alucinação de nevrosada, ainda que corra o boato na cidade “que é uma cataléptica e que vai acabar louca”.

* * *

Na aula, naquele dia, as meninas estão distraídas. Todos os seus olhares se dirigem para a heroína das Grutas de Massabielle, aonde as religiosas lhes proibem ir. No recreio, cercam-na: “Dize-nos, Bernadette, como é ela? Como fala?”

Mães que ali se achavam, disseram, ao que parece:

É abominável. Esta pequena Soubirous quer se fazer passar por santa. E ela peca, sim, ela peca, brincando com as coisas sagradas.

Uma religiosa declara a Bernadette:

— Menina má! Tu fazes com isto um indigno carnaval no tempo santo da quaresma!

Acabrunhavam-na e diziam-na louca. Bernadette ficou com o coração pesado. Chorava, por não poder demonstrar a sua luminosa verdade.

SEXTA APARIÇÃO

A sexta aparição ocorreu no domingo 21 de fevereiro.

Naquela manhã, mais de duas mil pessoas vindas de Lourdes e dos arredores esperavam Berna-

dette na ribanceira, no outro prado da margem esquerda do Gave. Ela chegou na hora costumada, de capuzinho branco e com vela na mão, acompanhada pela mãe, sem prestar a menor atenção às pessoas que a rodeavam.

Naquele dia, na escavação estava um médico de Lourdes, o Dr. Dozous, vindo para estudar aquêle caso de nevropatia e pôr, enfim, as coisas nos eixos. O êxtase começou quase imediatamente, depois das saudações solitas.

Quem vos ensinou, Bernadette, criadinha de chácara, a fazer essas saudações, cuja graça e elegância deixarão estupefatas, durante tôda a vossa vida, as pessoas do mundo vindas de tôda parte para vos interrogar?

ATTITUDE DE BERNADETTE

“ Eu fazia como via a Senhora fazer ”.

Com o rosto dirigido para a Aparição, ela percebia, todavia, o que se passava ao redor. Para fazer uma experiência, um homem levantou seu bastão e tocou na roseira brava. A fisionomia da menina encheu-se imediatamente de espanto; ela lhe dirigiu sinais desesperados para que parasse com aquilo, e debulhava-se em lágrimas. E como naquele dia o vento lhe apagou diversas vêzes a vela, apresentou o pavio às pessoas presentes, para que o acendessem.

“ Eu que acompanhava com grande atenção os menores movimentos de Bernadette, escreve o Dr. Dozous, a fim de estudá-la completamente de mais de um ponto de vista, quis saber naquele momento qual podia ser o estado de sua circulação sanguínea; peguei-lhe num dos braços e coloquei o dedo sobre a artéria radial; o pulso estava tranqüilo, regular, a respiração fácil; nada na menina indicava uma superexcitação nervosa, que se tivesse refletido sobre todo o organismo de modo particular ”.

* * *

De repente o rosto de Bernadette tomou uma expressão de dor profunda. Pôs-se a chorar. Foi naquele momento que os olhares da Senhora a deixaram, dirigindo-se para uma distância longínqua. Sem dúvida via o mundo inteiro e tudo o que nêle se passa, e as devastações do Mal na humanidade, pois suspirou muito tristemente:

— Orai pelos pecadores!

* * *

Deixando a Gruta, Bernadette não deu nenhuma atenção à ovação de que era alvo. E voltou à rua das Valetas, ao lado da mãe, acompanhada até lá por enorme multidão.

Uma das suas pequenas companheiras de escola, filha do Sr. Dufo, advogado, que estava na Gruta naquele dia, perguntou-lhe:

— Por que choraste tanto esta manhã?

— Porque a Senhora queria ir-se embora por causa daquele homem que lhe tocava na roseira.

Essa menina vive ainda hoje, religiosa na região de Lyon. Foi ela mesma que, nestes dias, pela pena de uma das suas irmãs, me envia esta recordação.

O INTERROGATÓRIO DO PROCURADOR

Na manhã daquele mesmo domingo, o procurador imperial, Sr. Dufour, mandou chamar Bernadette e sua mãe ao seu gabinete.

Depois de longa espera, de que já falei, a criança entra sem perturbação.

— Minha filha, você está fazendo falar muito de si. Você tem intenção de continuar suas visitas à Gruta?

— Sim Senhor, eu prometi à Senhora, e voltarei lá ainda doze dias.

— Mas minha pobre menina, essa Senhora não existe. É um ser puramente imaginário.

— Quando Ela me apareceu a primeira vez, eu também pensava assim, esfregava os olhos. Mas hoje, estou certa de que não me engano.

— Como sabe isto?

— Porque eu a vi várias vezes, e ainda esta manhã. Além disto ela conversa comigo.

— As Irmãs do Hospital, onde você vai à escola, são incapazes de mentir, e no entanto dizem que você se ilude.

— Se as Irmãs vissem como eu, acreditariam como eu.

— Tenha cuidado. Acabarão talvez descobrindo alguma coisa oculta a seu respeito. Já se disse que você recebe presentes às escondidas.

— Não recebemos nada de ninguém.

— Ontem você foi à casa da Sra. Millet e aceitou doces.

— Sim, a Sra. Millet fez-me beber um copo de água açucarada para a minha asma.

— Enfim, seu proceder na Gruta é verdadeiro escândalo. Você faz as pessoas correrem para lá; é preciso que isto acabe. Você me promete não voltar lá.

— Não Senhor, não vos prometo isto.

— É esta sua última palavra?

— Sim, Senhor.

— Então, veremos.

Este foi o primeiro interrogatório a que foi sujeita Bernadette, segundo o próprio Sr. Dufour, que o relatou no Círculo de Lourdes perante o Inspetor dos Impostos, Sr. Estrade, que por sua vez o transcreveu no próprio livro.

O DELEGADO JACOMET NA PRESENÇA DO SR. ESTRADE

As margens do Gave eram bastante perigosas nos arredores de Massabielle, e as autoridades temiam acidentes por ocasião daquelas grandes afluências.

Parecia também indigno à administração que toda uma população judiciosa fôsse deixada como joquete às quimeras de uma menina. Na tarde daquele mesmo dia, Bernadette saía das Vésperas ao lado de sua tia Lucila, quando, na praça do Pórtico, o Sr. Jacomet, delegado de Polícia, aproximou-se da menina e ordenou-lhe que o acompanhasse.

O Sr. Estrade, o inspetor, que habitava o primeiro andar da casa em que o delegado ocupara o rés-do-chão, foi convidado à sessão na qual se havia de confundir uma pequena extravagante. Eis como êle a relatou:

— Falaram-me das coisas bonitas que tu vês em Massabielle. Queres mas contar?

— Sim, senhor.

— Creio que te chamas Bernadette. Mas teu nome de família?

A menina procurou o sentido desta palavra; depois, como quem acha:

—— Bernadette Soubirous.

— Que idade tens?

— Catorze anos.

— Não estás enganada?
— Não, senhor, tenho catorze anos feitos.
— Pois bem, conta-nos o que viste debaixo do rochedo de Massabielle.

Bernadette, tão à vontade, diz aqui Estrade, como se estivesse diante de seus pais, fez uma narração cheia de encanto da primeira aparição. Entrou em tantos pormenores de idade, de traje, de fisionomia, relativos à Senhora, e com tão convicta ingenuidade que sua sinceridade não podia ser posta em dúvida.

O delegado escrevia.

— É muito interessante, diz êle no fim. Mas, essa Senhora, tu a conheces?

— Não a conheço.

— Dizes que ela é bela. Como é sua beleza?

— Mais bela do que tôdas as Senhoras que tenho visto.

— Mas não mais do que a Senhora X e Y?

E o Delegado citava sem dúvida belezas profissionais de Lourdes.

— Estas senhoras “ não se comparam ”.

— Ela fica parada como uma estátua de igreja?

— Não, não! Ela sorri e fala como nós. Perguntou-me se queria ter a bondade de voltar durante quinze dias, e eu prometi.

— Teus pais o que dizem?

— No princípio, êles diziam que eram ilusões, mas...

— Eles têm razão! interrompeu o delegado. Tu do isto só existe em tua imaginação. Se a Senhora do rochedo fôsse uma pessoa como as outras, todos a veriam.

— Não vos posso explicar.

Em seguida o delegado releu em voz alta o depoimento que tinha redigido de propósito num sentido errôneo.

— Tu disseste que a Senhora tinha de dezenove a vinte anos?

— Não; eu disse dezesseis a dezessete.

— Que ela estava vestida com vestido azul e cinto branco?

— É o contrário senhor, deve-se pôr: com vestido branco e cinto azul.

E assim por diante, Bernadette, sem atrevimento e sem timidez, emenda tôdas as variantes introduzidas na narração.

— Minha cara Bernadette, recomeça o delegado, eu quis deixar-te falar, mas sei tôda a história, e também quem ta ensinou.

— Senhor, eu não vos compreendo.

— Não há então alguém que te aconselhou em segredo a dizer que a Virgem te aparecia em Mas-sabielle, declarando que, dizendo isto, tu passarias por santa e a Virgem te ficaria grata?

— Ninguém, senhor, me aconselhou as coisas de que falais.

— Eu não exijo confissão. Basta que prometas não voltar à Gruta.

— Eu não vos prometo isto.

— Se neste instante não tomas êste compromisso, mando chamar os “polícias” e levar-te para a prisão.

Bernadette estava impassível.

O Sr. Estrade, tomado de compaixão, interveio para persuadi-la, mas ela ficou inflexível.

Nesse momento abriu-se a porta e um homem do povo mostrou-se timidamente. Era Francisco Soubirous.

— Ah! pai Soubirous! eu ia justamente mandar procurá-lo, diz o Sr. Jacomet, que se pôs a interrogá-lo.

Francisco esvaziou o coração. Ah! êles estão muito aborrecidos com tôdas essas histórias. Sua casa nunca fica vazia. Se o delegado quisesse ter a bondade de impedir todos aquêles curiosos de obsessá-los, como ficariam contentes!

E promete proibir a Bernadette as visitas ao rochedo.

E então saem os dois.

Em resumo, escreve o Sr. Estrade, o delegado suspeitava no caso de Bernadette uma tramóia de falsa devota, e eu não via nêle senão a sedução falaz de uma alucinação. Para um e para outro, nada de sobrenatural.

* * *

Eis, pois, Bernadette impedida, na manhã de 22 de fevereiro, de dirigir-se à Gruta.

— Vês, dizia-lhe o pai; os senhores do lugar estão contra nós. Está acabada a história. Proíbo-te de voltar lá.

Pareceu a princípio à casuística já profunda de Bernadette que antes de tudo não devia cometer pecado. E passada a hora de ir à Massabielle, dissimulando sua amargura, dirigiu-se para a escola.

Volta à casa para a refeição das onze horas, depois retorna ao hospital. Ora, o posto de polícia era a última casa da cidade no caminho de Tarbes, portanto não longe do estabelecimento. Pela vidraça da janela, os policiais, que vigiavam por ordem do delegado a chegada da pequena aluna à aula, viram-na parar de repente, como se esbarrasse num obstáculo, recuar, retomar impulso, lançando-se para diante, depois, de repente, virar-se e voltar sobre seus passos.

Os policiais, suspeitando que um repente de espírito a conduzia a Massabielle, seguiram-na de longe. Para despistar os espíões, ela tomou por um caminho desacostumado, pelas veredas de Lapaca.

Foi lá que os policiais a alcançaram.

— Aonde vais?

— À Gruta, responde Bernadette com tranquilidade completa.

Sem dúvida não era conveniente que aquela pobre conscienciazinha tivesse de decidir por si só tal debate. Tinha-lhe sido dado aqui uma luz, um sinal exterior.

— Quando estava para chegar à escola, contou ela à noite, uma barreira invisível impediu-me de ir adiante. Todavia tentei continuar meu caminho, mas fiquei sempre detida. E além disto, compreendi que era preciso cumprir minha promessa à Senhora.

Foi entre dois policiais que, naquele dia, ela chegou à Gruta, onde a multidão a esperava desde a manhã. Ali, entrou em oração, como de costume. Mas a Senhora de desígnios impenetráveis não veio naquela segunda-feira.

— Eu não a vi, respondeu ela aos policiais que a interrogavam.

SÉTIMA APARIÇÃO

A sétima aparição produziu-se no dia seguinte, 23 de fevereiro pela manhã.

Luísa e Francisco Soubirous, melhor do que ninguém, conheciam sua filha. Liam em sua alma cristalina. Foram seus primeiros crentes. A “Fôrça Misteriosa” de que lhes falava Bernadette acabou de convencê-los. Diziam-se um ao outro:

— Se fôsse mesmo a SSma. Virgem!

Talvez naquela manhã eles mesmos despertariam a menina, se ela não tivesse saltado da cama por si mesma, para ir à missa.

Pela primeira vez estará presente hoje a testemunha Estrade. Chegou como céptico, como zombador, em plena noite, antes das seis horas.

A fim de evitar acidentes, operários tinham cavado degraus ao longo das ribanceiras da ribeira. Depois da missa, eis que chega Bernadette, juntamente com Luísa Castérot, de ar grave e fechado. Nem um olhar para todos aquêles rostos que lhe dardejavam tôda a sua ardente curiosidade.

Acendem-se velas no fundo da Gruta. Desde que, obedecendo ao desejo da Senhora, Bernadette fincou no chão a vela de sua tia Lucila para que ali ficasse permanentemente, muitas pessoas também ali depositaram velas. A menina, perante a qual a gente se afastou silenciosamente, ajoelha-se no lugar de costume.

Desta vez a Desconhecida é fiel ao encontro. A claridade a precede na abertura em ogiva (Bernadette pormenorizou muito nitidamente o fenômeno); depois, adianta-se do fundo da luz.

Bernadette tem um sobressalto de admiração, relata a testemunha, e o êxtase começa.

Chegou o dia do grande mistério. Foi naquela terça-feira que a Senhora escolheu para essa confiança que a menina não deverá jamais revelar. Tôda a celeste visita vai-se passar hoje em colóquios.

— Como não ouvistes a Senhora? dizia Bernadette depois do êxtase. — Ela falava, todavia, muito alto! Eu também falava muito alto!

“ A Vidente, narra o Sr. Estrade, que se achava ao lado dela, pôs-se, com efeito, na atitude de uma pessoa que escuta. Seus gestos, sua fisionomia reproduziam logo depois tôdas as fases de uma conversação. Bernadette aprovava com a cabeça, ou então parecia interrogar. Quando a Senhora lhe falava, estremecia de felicidade; quando, ao contrário, ela própria lhe dirigia suas súplicas, humilhava-se e chorava ”.

* * *

O êxtase durou cêrca de uma hora. Por instantes via-se Bernadette fazer na testa e no peito aquêles sinais de cruz angélicos, incomparáveis, dizem todos que ela os imitava de seu celeste modelo. A Senhora calava-se visivelmente longos instantes durante os quais Bernadette rezava o têrço. Depois a conversação recomeçava. De repente, Bernadette, adiantando-se de joelhos com uma vivacidade extrema, — como se fôsse levada pelos Anjos, conforme explicaram, e como se estivesse flutuando na superfície das pedras, — alcançou o ponto da abertura de baixo da roseira brava. Ali prostrou-se e beijou a terra, depois voltou, sempre de joelhos, e retomou seu lugar. E pouco a pouco o divino reflexo de que estava iluminada extinguiu-se.

Tal é a narração da testemunha Estrade.

Bernadette então se levantou, juntando-se à mãe e procurou abrir caminho na multidão. Mas a gente a detinha, segurando-a pelo capuzinho, postrando-se diante dela:

— Que fez ela? Que te disse?

— Três segredos que eu não posso repetir.

Bernadette já não tinha a beleza do êxtase. Debaixo dos seus olhos grandes as apófises formavam-se como cornija saliente, que as bochechas cavavam um pouco, e quando não sorria, seus lábios ficavam proeminentes, desenhando facilmente um jeito de tristeza. Ela ia-se embora ao lado da mãe, cansada daquelas curiosidades, mas respondia às perguntas com gentil polidez.

* * *

Anos mais tarde, um Padre perguntava a Bernadette:

— Aquêles segredos anunciavam alguma coisa triste?

— Não, Senhor.

— A SSma. Virgem vos falou talvez da vossa vocação?

— Era mais sério.

— Direis vossos segredos ao Papa?

— A SSma. Virgem me ordenou que não os dissesse a nenhuma pessoa; o Papa é uma pessoa.

— Os segredos só interessam a vós?

— Sim, Senhor.

— Um dia os direis?

— Se a Virgem SSma. quiser.

— Êsses segredos ensinam o meio de irdes para o céu?

— Ah! senhor, são segredos. Se vo-los dissesse, já não o seriam.

OITAVA APARIÇÃO

Hoje, 24 de fevereiro, no correr da oitava aparição, vamos ver em conflito a testemunha do Sobrenatural e a voz do Pensamento livre, que só se apóia em provas tangíveis, e para o qual só pode existir o que a Ciência permite crer.

Bernadette chegou à hora costumada. Há uma multidão sem fim até nos prados defronte, que la-deiam o Gave na margem direita. A multidão é tomada de respeito diante da Vidente e abre-lhe passagem espontâneamente.

Bernadette ajoelha-se de vela acesa. Imediatamente eis que sua celeste Amiga se adianta na nuvem de luz, uma “glória” de fogo como as que o século XVIII armava acima dos altares para circundar o Santíssimo Sacramento. Ela sorri a Bernadette. Olha também para aquela multidão que se estende aos seus pés até longe, e, afirma a menina, “Ela tem a aparência de estar muito contente que tôda aquela boa gente tenha vindo”. Contempla-os demoradamente, com agrado. Sorri-lhes também.

Se é realmente Maria que ali está, Ela ama tanto seu pobre povo na terra!

Ah! meu leitor, se pudéssemos estar bem certos de que era Ela! Se pudéssemos reconhecê-la com um dos nossos sentidos, que felicidade pensar que sorria assim àquela boa gente, àquela promiscua massa humana que ali chegava sem seleção, bons e medíocres e mesmo maus; e que por trás dêles ela via ainda toda a gente desta terra de França, que sempre soube falar-lhe com tanta deferência e amor. E não somente os de então, mas ainda os de hoje. E por sobre essa gente de França, pela qual ela tem um fraco condescendente, via também os outros povos, desde os Ingleses até os Indus, das raças das Américas aos Moscovitas, dos Chineses aos Alemães, e os chamava todos naquele instante, com o seu desejo afetuoso, para aquela terra de Lourdes, a fim de que conhecessem ali uma fraternidade inexprimível, que imensa esperança, e como nossa triste terra, falha de espiritualidade, se iluminaria de repente!

AS LÁGRIMAS E O PRANTO DE BERNADETTE

Que viu, pois, a Senhora na sua longa contemplação?

Eis que o rosto de Bernadette, que reflete o dela, manifesta uma tristeza indizível, e a menina, com os

braços sempre levantados para a roseira brava, escuta distintamente o que lhe diz a aparição.

De repente, numa espécie de desalento, os braços lhe caem como os de uma pessoa apavorada, suas lágrimas correm, ela chora com pequenos soluços. Ao mesmo tempo retoma o caminho de joelhos, para a Senhora, pontuando o trajeto com o beijo da humilhação, colando seus lábios ao cascalho da Gruta. Chegada ao pé do nicho, ergue o semblante e escuta por um momento.

Que lhe dizeis, Senhora misteriosa?

Sem dúvida vossa tristeza dos pecados do mundo, de todos êsses caminhos falseados e desviados de Deus, e dêsse Mal que eterniza o ódio entre os homens. Vosso pesar do orgulho, da avareza e da inveja, que são os vícios mais odiosos, tornando inútil o grande Sacrifício de há quase vinte séculos. E talvez também lhe faláveis daquela possibilidade tão doce: a Comunhão dos Santos?

O fato é que o belo rosto extasiado de Bernadette se volta banhado de lágrimas para a multidão, e estremece as pessoas mais vizinhas ao ouvi-la murmurar várias vezes:

— Penitência! Penitência!

CHEGADA DO SARGENTO E DA POLÍCIA

Naquele momento levanta-se um grito no grande silêncio religioso que aquela multidão guardava:

— Arrda! Arrda!

Eram os mensageiros da razão humana, dessa inteligência magnífica, cujas maravilhas florescem dia a dia de modo tão estupendo, mas que não abarcará jamais o infinito. Vinham em nome do Racionalismo sob a forma de dois policiais. Aproximaram-se de Bernadette e a sacudiram pelo braço.

— Que fazes aí, pequena comediante?

Por mais que o sargento gritasse, por mais que a puxasse, a menina continuava a ver a Aparição, e seu rosto banhado de luz não se voltou.

Foi então que um dos dois policiais, virando-se para aquela multidão recolhida, que ao menos presentia a Invisível, exclamou:

— E é no século XIX que se vêem semelhantes tolices?

* * *

Coloco nesta oitava aparição de 24 de fevereiro um fato que o Dr. Dozous relatou, mas sem lhe dar a data exata. Pelo que êle refere, o incidente parece-me anterior a 25 de fevereiro.

“Era, diz êle, durante uma das visões. Bernadette estava de joelhos, rezando com grande fervor as orações do terço, que tinha na mão esquerda, enquanto tinha na mão direita uma vela benta acesa.

“No momento em que ela começava a fazer de joelhos sua ascensão ordinária, sobreveio de repente uma parada nesse movimento, e a mão direita, aproximando-se da esquerda, colocou a chama da vela debaixo dos dedos desta mão, afastados uns dos ou-

tros, para que a chama pudesse passar fàcilmente entre êles. Ativada a chama naquele instante por uma corrente de ar bastante forte, não pareceu produzir na pele nenhuma alteração.

“Tomando meu relógio, pude durante um quarto de hora observar aquêlê fato estranho”.

As mulheres ao que se conta, gritavam mesmo, então dentre a multidão:

Oh! coitada da pequena! ela se queima!

Mas o Dr. Dozous prossegue:

“Terminada a oração, e desaparecida a transformação de seu rosto, Bernadette se levantou e se dispôs a afastar-se da Gruta. Eu a detive um instante e lhe pedi me mostrasse a mão esquerda, que examinei com o maior cuidado. Não achei em parte alguma o menor sinal de queimadura. Dirigindo-me então à pessoa que se havia apoderado da vela, pedi-lhe que a acendesse de novo e ma entregasse. Imediatamente coloquei diversas vêzes seguidamente, a chama da vela debaixo da mão esquerda de Bernadette, que a afastava depressa, dizendo-me: ”

— O senhor está me queimando!

“Narro êste fato como o vi, e como muitas pessoas, colocadas como eu junto de Bernadette, o observaram perfeitamente. Relato-o tal como êle se produziu, sem o explicar”.

Desta vez ainda o primeiro grito vai ser: “Que belo caso de insensibilidade hipnótica numa nevro-

sada! Charcot fêz o mesmo muitas vêzes em dezenas de indivíduos ”.

Sim, Charcot pôde fazer submeter-se à prova do fogo uma grande nevropata mergulhada no sono da hipnose, ou tentar uma experiência equivalente, sem que o indivíduo insensível experimentasse a menor dor. Mas se êle lhe tivesse mantido os dedos no fogo durante quinze minutos, com tôda a probabilidade, decorrido êsse tempo, os tecidos daqueles dedos já não existiriam.

NONA APARIÇÃO

Hoje, 25 de fevereiro, dia da nona aparição, o Racionalismo vai receber um desmentido implacável, que não mais se calará, que nunca cessou desde então de fazer ouvir sua tranqüila e obstinada refutação, que com murmúrio constante atesta que a Razão do século XX, tampouco como a do XIX, não pôde explicar tudo, e que o sobrenatural paira acima de nós e nos envolve com seu sorridente enigma, com sua esplêndida esperança.

* * *

A multidão nas margens, na campina defronte, era imensa e zumbia de discussões de hipóteses, de explicações. No momento em que a pequena Vidente chega, acompanhada da mãe, um grande silêncio se estabelece e paira.

O Sr. Estrade, definitivamente conquistado e um dos primeiros chegados, pôde colocar-se debaixo da Cova junto de Bernadette, e seguir todos os menores movimentos da Vidente.

“ Ela lá estava, escreve, diante de meus olhos, na sua atitude angélica, quando, depois de alguns minutos de meditação, se levantou e adiantou-se para debaixo da Gruta. Afastou-se, ao passar, os galhos da roseira brava e beijou a terra, debaixo do rochedo, além da moita. Tornou a descer o declive e recaiu no êxtase.

“ No fim de duas ou três dezenas de têrço, a Vidente se levantou de novo, mostrou-se indecisa; muito hesitante, voltou-se para o Gave e deu dois ou três passos para diante. De repente, parou súbitamente, olhou para trás como alguém que ouvisse chamarem-na, e escutou palavras que pareciam vir do rochedo. Fêz um sinal afirmativo, retomou a marcha, não mais para o Gave, mas para a Gruta, no ângulo esquerdo da Cova. Aos três quartos da subida, parou e lançou em redor de si um olhar perplexo. Levantou a cabeça como para interrogar a Senhora; depois, resolutamente, curvou-se e se pôs a esgaravatar a terra. A pequena cavidade que ela acabava de cavar encheu-se de água; depois de ter esperado um instante, ela bebeu ali e lavou o rosto. Tomou também um raminho de erva que surgia da terra e levou-o à boca. Quando se levantou para voltar ao seu lugar, tinha ainda o rosto lambuzado de água lamacenta ”.

Ta é a narração, exata como um filme, e na qual não nos atreveríamos a tocar, dos fatos de 25 de fevereiro, que se foram desenrolando uma multidão alvoroçada.

Conta-se que daquela massa humana surgiu e tomou vulto o murmúrio de imenso desapontamento. O que! A pequena Soubirous caía na demência? A doce ilusão de que havia acariciado, de uma manifestação celeste, esvaecia-se no ridículo? Não se tratava senão da artimanha de uma pequena desequilibrada, e a polícia tinha razão?

Houve pessoas sérias que triunfaram. Não lhes quiseram dar crédito. Elas bem sabiam que o sobrenatural não existe! Estrade confessa por sua vez o grande desencanto, que dêle se apoderou, ao descobrir que Bernadette já não tinha tôdas as suas faculdades. Nada é tão triste como perder a luz. E era uma luz do além, com a qual êle contara para ver mais claramente nesta vida sombria, e ela se extinguia.

NARRAÇÃO DE BERNADETTE

Segundo a narração que Bernadette fêz em seguida das particularidades daquela nona aparição, eis aqui o “rosto” dos fatos que ali se desenrolaram, ao passo que os assistentes só haviam percebido, por assim dizer, o reverso.

A Senhora chega, mal Bernadette se põe a rezar. De repente, assume um semblante muito gra-

ve, e Bernadette sente que lhe vai ditar uma das suas vontades. Na verdade, com voz muito terna, mas séria, Ela pronuncia esta ordem:

“ Ide beber à Fonte e lavar-vos. . . ”

Bernadette sabe que ali não há nenhuma fonte, mas que sua grande Amiga não lhe pode pedir coisa impossível. Procura num instante interpretar o desejo expresso. Onde beber neste lugar, senão no Gave?

Foi naquele momento que a viram descer para o rio “ pois, dizia, ela, relatando essas coisas, eu julgava que isso não tinha importância ”.

Mas imediatamente é chamada pela Senhora.

Por seu nome? É permitido pensá-lo, posto que a menina jamais houvesse dito expressamente ter sido nomeada por Ela. Talvez fôsse somente um apêlo mudo, não ressoando senão na alma, como teve outros.

Volta-se de repente.

A Senhora, com o dedo estendido, indicava o canto esquerdo da Cova.

Bernadette dirige-se para lá, mas não vê nem fonte nem água de beber. Teve um momento de embaraço. Entretanto o sinal da Senhora foi tão imperioso, tão seguro, que a água devia estar ali. Pôs-se, pois, a procurá-la com os dedos, esgaravatando o chão.

“ Esgaravatei a terra, dizia muito simplesmente, e a água chegou ”.

Era água misturada com terra, lodo. A Senhora a estava observando. Bernadette a interroga com o olhar, para espreitar o desejado assentimento. Depois, aprovada, enche a concha da mão com aquêlê lodo e o aproxima dos lábios. Mas a repugnância é invencível. Tem que recommençar três vêzes, e, na terceira, olha ainda para a Aparição a fim de conseguir coragem. Depois disto “.chupa ” a água lodosa. Uma segunda vez, enche a mão para passá-la, tôda a escorrer, pelo rosto.

Quando lhe perguntavam porque comera erva:
— A Senhora a isso me empeliu interiormente.

A FONTE

À tarde, pessoas que ignoravam o que se havia passado pela manhã, mas querendo ver os lugares misteriosos, viram descer do canto da Gruta até o rio um fiozinho de água, que, crescendo de hora em hora, tinha já cavado um rêgo na parte pedregosa.

E no dia seguinte pela manhã, quando os frequentadores se dirigiram em multidão para Massabielle, encontraram-se em presença de uma corrente respeitável, à qual tinha sido necessária, para que não se espraiasse por tôda a rampa, a calha forçada de um tronco de árvore ocada. Era a Fonte inesgotável, onde viriam beber de todos os pontos da terra.



Havia, antes das aparições, água na Gruta?

Sim, no sentido de que o solo estava impregnado de umidade. “Atrás do nicho onde está hoje a estátua, diz o Padre Mailhet, um corredor estreito internava-se na rocha para a montanha. Por êle descia e continua ainda a descer, um delgado filete de água, que desliza até o interior da gruta, do *lado direito*. Filete muito irregular, que pode dar às vezes no máximo dois litros por minuto; simples manejear das águas de infiltração. Não é uma *nascente*, uma fonte segundo o próprio termo da SSma. Virgem.

“A que Bernadette descobriu em 25 de fevereiro de 1858 surgiu do lado oposto, e é uma verdadeira *nascente*. Junto à parede vertical da rocha, vê-se a água brotar ao longo do quarto estrato. Jorra de baixo para cima por diversos olhos bem distintos, e imprime aos grãos de areia um movimento giratório incessante. Ela é de jôrro, mas tranqüilo, sem nada de impetuoso, de um regime invariável, dá 85 litros por minuto, mais de 120.000 litros por dia, e, compreende-se que tal quantidade de água, achando-se desde muito tempo ao alcance da mão, teria manifestado a sua presença de outro modo que não o de uma pouca de umidade superficial”.

Há de se concluir que por disposição e ordem superiores, a fonte e Bernadette foram ao encontro uma da outra no momento determinado " (1).

* * *

Ouvi dizer a alguns que Bernadette era simplesmente perita em adivinhar fontes, o que, parece, explicaria tudo.

Mas de duas coisas, uma.

Ou a água de que teve instintivamente conhecimento estava à flor da terra.

Então, como pela própria força, não jorrou espontaneamente?

Ou jazia nas profundezas, debaixo de uma massa de rochas que a impediam de jorrar.

Então, como bastaram os dedinhos de Bernadette?

PRIMEIRO MILAGRE DA AGUA DE LOURDES

Desta vez o sinal sensível do sobrenatural nos está entregue. A Senhora invisível nos dá um pendor da sua presença real.

Era o mais poético e o mais brilhante milagre com que podia a nossa fé ser solicitada.

Já Lourdes deixava de ser uma linda capital de comarca vulgar para tornar-se uma das maiores

(1) L'abbé Mailhet. La source miraculeuse de la Grotte de Lourdes. (1924).

cidades religiosas do mundo. A água e a Gruta tinham-lhe dado o batismo da espiritualidade. Alguns dias depois, dois cegos recuperavam a vista com aquela água miraculosa. Uma criança (*) que, com dezoito meses, nunca tinha andado, tendo sido mergulhada nela, recuperava instantaneamente a saúde, e dois dias depois *corria* espontaneamente para lançar-se nos braços da mãe. E a partir daquele tempo, os carismas não mais cessaram.

* * *

Da realidade das aparições da Virgem Maria há outras provas.

Se Bernadette, por desgraça, não tivesse declarado, desde o domingo, 21 de fevereiro, ao Delegado “a Senhora me pediu que voltasse durante quinze dias”, a promessa das aparições durante uma quinzena teria sido imputada a uma invenção posterior. Mas fica provado assim que elas haviam sido anunciadas de antemão, e renovaram-se cada manhã, salvo na segunda-feira, 22, em que Bernadette só foi à Gruta de tarde, não tendo tido nenhuma visão e no dia 26 de fevereiro.

(*) Trata-se do pequeno Justino, cuja cura é narrada pormenorizadamente por Henrique Lusserre, num de seus dois volumes sobre Lourdes (P. E. F. S. I.).

* * *

Com efeito, no dia 26 de fevereiro, a SSma. Virgem não apareceu. Bernadette não deu nenhum sinal do êxtase. As pessoas presentes a interrogavam, quando se ia afastando. Ela respondeu:

— A Senhora não veio hoje.

Bernadette, sem parecer admirar-se do jorro da fonte, contentou-se com beber nela.

DÉCIMA APARIÇÃO

No sábado 27 de fevereiro, depois de um êxtase que foi muito longo, a Santíssima Virgem lhe fez ouvir esta frase:

— “Ide dizer aos sacerdotes que se deve construir aqui uma capela”.

Temendo um embuste, o clero mostrara até então o mais estrito retraimento, e se havia sempre absterido de aparecer nas Grutas.

O Cura de Lourdes, Padre Peyramale, era de difícil acesso, e intimidava Bernadette. A missão que Maria acabava de lhe dar pareceu-lhe muito pesada.

— Tenho mais medo do Sr. Cura do que dos polícias, dizia ela.

Entretanto, nem um instante pensa em esquivar-se às ordens recebidas. Há muita coragem nessa menina.

Naquela mesma manhã, voltando de Massabielle, mal aparece em casa e vai direito ao presbitério, onde o Padre Peyramale rezava seu breviário passeando pelos caminhos do seu jardim.

— Sou Bernadette Soubirous, diz a pequena encolhendo-se.

— Ah! és tu? Contam-se a teu respeito histórias singulares. Enfim, entra.

Uma vez no gabinete de trabalho, pergunta-lhe o que quer.

— A Senhora da Gruta encarregou-me de vos dizer que ela deseja ter uma capela em Massabielle, e é por isso que vim aqui.

— Que Senhora?

— Uma Senhora que eu não conhecia e que me aparece nos rochedos de Massabielle.

— E tu aceitas encargos de uma desconhecida?

— Sim, senhor Cura, ela não se parece com as outras senhoras. É bela como no céu.

— Nunca lhe perguntaste pelo nome?

— Quando lhe pergunto isto, sorri e não responde.

— Então é muda?

— Se ela fôsse muda não me teria dito que vos viesse procurar.

O Padre Peyramale exigiu então de Bernadette a narração das aparições. Depois disso, refletiu muito tempo, e disse à menina:

— Responderás à Senhora que o Cura de Lourdes não costuma tratar com pessoas que não conhe-

ce. Diga ela o próprio nome e prove que êsse nome lhe pertence. Se essa Senhora tem direito a uma capela ela entenderá.

Depois, muito comovido intimamente, despediu Bernadette.

DÉCIMA PRIMEIRA APARIÇÃO

Logo no dia seguinte, 28 de fevereiro, Bernadette pôde dar conta a Maria do resultado de suas negociações. A SSma. Virgem certamente agradeceu muito costêsmemente pela sua fidelidade, à menina abençoada, na qual encontrava uma docilidade tão absoluta a todos os seus desejos.

Pensou-se jamais que o primeiro milagre de Lourdes foi Bernadette, imagem da menina do povo, mirrada e tímida, tornada capaz, de repente, de todas as audácias?

* * *

Quer fôsse à escola, quer saísse para alguma coisa de que a encarregavam, via-se assaltada. Queriam ter informações diretas. Tudo quanto podia relatar da SSma. Virgem sem se afastar daquela nobre e instintiva descrição que sempre guardou, ela o dizia, com reserva inaudita para a sua idade e sem a menor flutuação na nitidez da narração. Dos seus colóquios misteriosos com a Mãe de Jesus durante os seus êxtases, nada jamais se soube. Ela não se derramou em palavras. Durante vinte anos, sem a

menor variante, repetirá constantemente o que era preciso dizer. Nem uma palavra a mais.

* * *

Na rua das Valetas, a miséria continuava a lavar. Os Soubirous, impedidos de trabalhar por visitas incessantes, achavam-se mais pobres do que nunca. Muitos visitantes, ao se retirarem, desejavam deixar uma moeda nas mãos da Vidente. Esta protestava indignada; e os pais não mostravam mais franqueza.

Uma noite, na hora da ceia, os visitantes se haviam retirado; só uma tia de Bernadette achava-se sentada no canto da lareira. Chegou um desconhecido bem vestido, que, com muita condescendência, e mesmo cumulando-a de louvores, fez a pequena Soubirous contar-lhe as aparições com que tinha sido favorecida até então. Ele se enterneceu, comoveu-se, e, ao despedir-se, com entusiasmo, depositou sobre a mesa uma bolsa onde se viam muitos luíses de ouro.

— Nada quero, disse àsperamente Bernadette, vermelha de vergonha. Retomai isso.

O estrangeiro insistiu:

— Não é para você, minha filha, é para seus pais que estão na necessidade.

Mas Francisco e Luísa Soubirous protestaram por sua vez:

— Não, Senhor, não queremos receber nada, absolutamente nada. Levai vosso dinheiro.

Eles não cederam, e o visitante teve que se ir embora como tinha vindo.

Viu-se, naquela época, nesse rico desconhecido, um emissário da polícia, vindo para experimentar o desinteresse dos Soubirous, fortemente suspeitados então pelo Delegado da polícia de explorar a credulidade pública por meio de estratégias de uma menina bem ensinada. Era no tempo em que as Autoridades se inquietavam com o movimento suscitado em Massabieles, e o Prefeito de Tarbes, Barão Massy, começava a intervir.

Generoso ou estipendiado, o visitante de Lourdes esbarrou numa inquebrantável dignidade, num desinteresse sem exemplo, que foi, desde o começo das aparições, o modo de proceder daquela gente, da qual o menos que se podia dizer é que passavam fome.

DÉCIMA SEGUNDA APARIÇÃO

Antes da visão da segunda-feira, 1º de março, a duodécima, uma senhora de Lourdes entregara a Bernadette o próprio têrço, pedindo-lhe que o rezasse durante a aparição.

Quando, no início do êxtase, a menina quis levar a cruz à testa para começar a oração, seu braço foi detido, e a Senhora lhe perguntou o que ela tinha feito de seu têrço. Bernadette levantou no ar o que tinha na mão. Maria lhe disse:

— “Não é o vosso!”

Bernadette procurou no bolso, e tirou o seu, que apresentou à Senhora. Esta fez um sinal de aprovação, e a oração continuou.

DÉCIMA TERCEIRA APARIÇÃO

Durante a aparição da terça-feira, 2 de março, a décima terceira, Bernadette recebeu ordem de voltar ao pároco a fim de insistir, de tornar a pedir a capela e com mais força.

A pobre menina desta vez ficou sem jeito pelas dificuldades da sua missão. Levantou-se do êxtase tôda mudada, a ponto que sua tia, que a acompanhava naquele dia, lhe perguntou, logo que se afastaram da multidão, o que havia sucedido.

— Ah! titia! A Senhora quer que eu vá ainda procurar o Sr. Cura e eu não sei como fazer.

E pegando Basília pelo braço, a querida pequena confessou sua fraqueza!

— Titia, por favor, venha comigo!

Era essa Basília Castérot que dizia do Padre Peyramale: “Quando eu passo junto dêsse homem, as pernas me tremem”, a tal ponto representava êle aquêles sacerdotes de outrora, cujo magistério tornava o trato rígido e dominador.

Mas tia Basília não se atreveu a recusar.

Quando foram introduzidas, o cura Peyramale perguntou:

— Então? Trazes-me novidades? A Senhora te falou?

— Sim, senhor Cura. Ela me encarregou esta manhã de vos repetir que deseja ter uma capela, e acrescentou: “ *Eu quero que venham aqui em Procissão* ”.

— Minha filha, isto é o cúmulo! Ou mentes, ou a Senhora que te fala não é a máscara do que ela quer parecer. Ela exige, como dizes, uma procissão? Para fazer a gente rir? E para desacreditar nossa Santa Religião? Se fôsse aquilo por que se quer fazer passar, era ao bispo de Tarbes que ela te enviaria. Saberia bem que eu não tenho direito de determinar procissões em tal ou tal lugar.

— Mas, senhor Cura, disse finalmente Bernadette, a Senhora não pediu procissões para agora. Eu creio que é para mais tarde.

A sagacidade desta resposta fêz o Padre Peyramale franzir os sobrolhos. Não esperava ver as suas asserções discutidas por aquela pequena coitada, tida por simples de espírito. Seria no fundo uma astuta? Ou então uma inspirada? Mas se falava em nome da Virgem, por que a Virgem pareceria ignorar a disciplina eclesiástica?

— Escuta, disse êle à menina, é preciso sair disto. Se aquela Senhora é o que queres fazer crer, dê-me ela um sinal. Dizes que aparece sôbre uma roseira? Cubra-se esta de rosas amanhã e eu acreditarei nela.

DÉCIMA QUARTA APARIÇÃO

Na quarta-feira, 3 de março, a menina, na sua conversa cotidiana com a Senhora, pôde lhe transmitir a intimação do Padre Peyramale. Mas, conquanto Bernadette o não tenha declarado, pode-se pensar que Ela se limitou a sorrir, pois a roseira brava não floresceu naquela manhã de inverno.

Foi naquele mesmo dia que o Prefeito de Lourdes pediu ao Comandante do Forte um destacamento da pequena guarnição para manter a ordem na multidão, no dia seguinte. Devia ser com efeito, aquêle dia, o último da quinzena, e além disso, o do mercado de Lourdes. Tôda a Bigorra e o Bearn estavam em alvoroço, sobretudo depois que brotou a nascente, com seus milagres. As populações alvoroçadas haviam de estar na expectativa de algum acontecimento maravilhoso por ocasião da última manifestação da Senhora misteriosa. O Prefeito previa uma afluência considerável.

DÉCIMA QUINTA APARIÇÃO

Avaliava-se, de fato, no dia seguinte, em quinze ou vinte mil pessoas, entre as quais circulava a tropa.

O professor primário de Bartrés, João Barbet, atraído pela fama da pastorinha, veio. Foi testemunha preciosa daquela manhã. Estava acompanhado de umas vinte pessoas da aldeia. Conquanto chega-

dos às três horas da madrugada, tiveram dificuldade para encontrar lugares. Havia pessoas empoleiradas até nas pedras do Gave. A noite era bela, mas glacial.

Depois da primeira missa, pelas 6 horas, Bernadette chegou, toucada com seu capuzinho branco. Dois policiais a precediam, de sabre desembainhado, para abrir-lhe caminho pela multidão. Logo que a divisaram no caminho acima de Massabielle, um grito imenso saiu daquela multidão:

— Eis a Santa! Eis a Santa!

Ela caminhava sem ouvir o rumor de veneração que lhe subia ao encontro.

Antes de chegar ao caminho da descida, percebeu, na estrada uma menina de sua idade, que soluçava. Era uma ceguinha. Bernadette, totalmente indiferente à ovação, estacou no lugar vendo a dor daquela irmãzinha de miséria. Parou; depois precipitando-se para a menina, tomou-a nos braços e procurou consolá-la beijando-a. Alguém disse à ceguinha:

— É Bernadette que te beija...

O espetáculo daquelas duas crianças enlaçadas é uma imagem que não se deve esquecer. É-nos um penhor de ternura e compaixão que se aninhavam no coração da menina tão reservada, qual Bernadette pareceu sempre ser. É-nos também o símbolo da Vidente, que abraçará espiritualmente todos os cegos da terra com o desejo ardente de lhes trazer luz. E eu quisera que se fizesse um vitral, ali

mesmo onde se passou aquêle ato de Caridade, na igreja que saiu daquelas rochas sagradas.

* * *

O êxtase foi longo naquele 4 de março, dia da décima quinta aparição. Mas nada de extraordinário o assinalou. Acreditou-se que Maria anunciava que não voltaria mais, pois Bernadette chorou. Mas, algum tempo depois, ficou consolada e retomou um semblante radiante.

Mal se levantara, foi assaltada.

— Então? Então? Despediu-se de ti a Senhora?

— Sorriu-me como sempre, ao partir, mas não fêz despedidas.

— Visto que a quinzena terminou, já não voltarás à Gruta?

— Oh! eu sim, voltarei. Mas ignoro se a Senhora quererá lá reaparecer.

* * *

O apêlo à Gruta sossegou no coração de Bernadette. Já nada de imperioso a chamava a Massabielle. Cada manhã ia à escola com sua cartilha no fundo da cesta e sua fatia de pão preto colocada em cima. Não deixava de ter momentos de tristeza e de saudades, mas o seu sadio equilíbrio lhe dava fôrça para reagir. Depois da aula, jogava alegremente aos dados, brincava à cabra cega, nos jardins do hospital. Não era do seu temperamento confiar a qualquer pessoa, nem sequer pelo aspecto do rosto,

seus sentimentos profundos. Bernadette mostrou sempre poderoso domínio de si própria. Mas quando chegava a tarde, naqueles longos e vagabundos crepúsculos de março, depois da escola, via-se-na tomar o caminho de Massabielle. E ali, diante do lugar em que Aquela que não dissera seu nome, pusera os pés nus, Bernadette engolfava-se na oração.

Todos os que a cercavam familiarmente, as tias Castérot que a viam em casa, risonha como uma criança de dez anos, mestras de aula, que a achavam sem memória e lenta de inteligência, e trapeira a quem ela vendia os ossos velhos, as darras de Lourdes, scandalizadas com o milagre que travava relações entre a Rainha do Céu e aquela pequena Soubriours, tão semelhante àquelas criadinhas que elas mandavam vir da roça, toda aquela gente, pasmada com a desproporção entre os soberanos favores que haviam baixado sobre Bernadette e o pouco relevo que mostrava aquela filha do povo, não podia deixar de dizer:

Entretanto, não passa de uma menina muito vulgar.

Mas, embora não houvesse nenhum êxtase, faz-se mister ir ver, na semi-escuridão daqueles fins de dia, a menina “tão vulgar”, que, para melhor se recolher, se internava, dizem, na parte mais funda da grande Cova e rezava num silêncio a que só fazia companhia o ruído do Gave.

E vai-se cismando, nas aclamações, que, livre das contingências amesquinhantes, e recebendo diretamente a visão daquela alma infantil, estremecia neste surdo rumor:

— Eis a Santa!

* * *

Era durante aquêlo período que do Delegado de polícia ao Prefeito, do Prefeito ao Ministro subiam relatórios após relatórios a respeito dos acontecimentos de Lourdes.

O Ministro acabou por escrever: “Importa, a meu ver, pôr têrmo a atos que acabariam por arriscar os verdadeiros interesses do Catolicismo e enfraquecer os sentimentos religiosos de nosso povo”.

Em consequência, aconselhava ao Prefeito conferenciar com D. Laurence, bispo de Tarbes, “para impedir essa menina de ir à Gruta”.

Mas o bispo de Tarbes, pouco interessado em arriscar prematuramente a autoridade eclesiástica em negócio no qual, por prudência, o Clero não fôra testemunha, esperava a luz do alto, e que o caráter sobrenatural das aparições fôsse confirmado. Até aquela hora eram demais os boatos contraditórios.

Na Gruta, durante êsse tempo, pessoas piedosas haviam armado uma espécie de altar com uma estátua de Maria, pequenos objetos piedosos, vasos de flores; e velas de cêra ali ardiam constantemente. Lançaram-se até moedas ao chão pedrento da cova, e *ninguém* tocava nelas.

No dia 24 de março à tarde, no calabouço diante da chaminé onde se cozinhava a sopa, Bernadette disse aos pais:

DÉCIMA SEXTA APARIÇÃO

— Creio que tornarei a ver a Senhora amanhã. E' preciso que eu vá à Gruta.

Francisco Soubirous e sua mulher entreolharam-se. Já não duvidavam. Depois que Crozina Duconte havia mergulhado seu filhinho semi-morto na água da Fonte, a 28 de fevereiro, tornando-se a criancinha robusta, logo entenderam que era a Virgem que chamava a filha dêles. E perpassou-lhes pelos olhos certa ufanía ao pensar que Ela novamente para lá a atraía naquele dia.

A alegria de Bernadette era indiscreível. Despertaram-na antes que amanhecesse.

Veste-se muito depressa: parte com a mãe. Mas, embora ande muito ligeiro, não é a primeira em chegar ao encontro. O nicho já está iluminado e a SSma. Virgem a espera. Com que confusão ela se lança de joelhos para pedir-lhe desculpa dessa falta de cortesia. Mas a Senhora Santíssima meneia a cabeça sorrindo, e a tranqüiliza, dando-lhe a entender que não é preciso desculpar-se.

“ Disse-lhe quanto lhe queria, e tudo quanto me vinha ao coração para com Ela, contava no mesmo dia Bernadette, e pus-me a rezar o têrço; mas à me-

dida que o rezava, vinha-me cada vez o desejo de perguntar-lhe ainda uma vez pelo nome. Receiava aborrecê-la, e no entanto aquilo era mais forte do que eu. Era preciso que o soubesse. No fim, as palavras saíram por si mesmas da minha boca, e eu lhe roguei que me revelasse quem era.

Sorriu como das outras vezes, e nada respondeu.

Em vez de ficar envergonhada, senti mais coragem, e lhe pedi a grande bondade de fazer-me conhecer o seu nome.

Segunda vez ela sorriu e fez-me uma saudação muito amável.

Então juntei as mãos suplicando-lhe que mo dissesse, embora sabendo não ser eu digna de sabê-lo.

Naquele momento, Ela estava na beira da roseira, com as mãos estendidas para mim. À minha terceira pergunta, tomou um ar grave e pareceu humilhar-se. Juntou as mãos, levou-as ao alto do peito, olhou para o céu, depois afastando lentamente as duas mãos, inclinou-se para mim, e disse, deixando tremular a voz:

“Que soy er’Imaculada Cumcepsiú”.

“Eu sou a Imaculada Conceição”.

* * *

Muitas pessoas, por causa da festa da Anunciação, que se celebra em 25 de março, tinham vindo a Massabielle impelidas por um pressentimento. Quan-

do Bernadette saiu do êxtase e tomou o caminho de volta, repetiu-lhes as palavras que a Senhora havia dito e que ela não compreendera.

E houve naqueles lugares abençoados uma emoção inexprimível.

* * *

Na tarde daquele mesmo dia, Bernadette teve de ir, por razão fortuita, à casa da Srta. Estrade. O irmão desta, que havia de tornar-se um dos mais fiéis historiadores de Lourdes, esteve presente a essa visita. A menina contou a aparição da manhã, imitando, à medida que se lhe desenrolava a narração, as atitudes da Senhora.

“De modo tão verdadeiro, diz Estrade, que o divino modelo pareceu delinear-se aos nossos olhos. No fim, a menina foi tomada de grande enternecimento. Parou um instante, depois, com os olhos rasos de lágrimas, repetiu-nos com expressão seráfica a resposta para sempre memorável da Virgem: “Eu sou a Imaculada Conceição”.

A pobre menina não sabia articular a palavra: Conceição, que ela pronunciava: Con-chet-siú.

Quando acabou de falar, minha irmã lhe corrigiu a palavra “conceição”, por ela alterada. A menina emendou-se e voltando-se para minha irmã, com ingenuidade perplexa:

— Mas, Srta., que querem dizer essas palavras? Desde aquêlê dia, a denominação “A Senhora”

já não saiu dos lábios de Bernadette. Ela dizia: “ Nossa Senhora da Gruta ”, ou “ Nossa Senhora de Massabielle ”.

RELATÓRIO DOS MÉDICOS

Na tarde daquele dia, 25 de março, o Governador, Sr. Massy, escrevia ao Prefeito de Lourdes, Sr. Lacadé, pedindo-lhe fizesse examinar Bernadette sob o ponto de vista mental, a fim de que a internassem se fôsse o caso.

Em vista disto, alguns dias mais tarde, três médicos se apresentaram no peristilo do hospital das religiosas, onde Bernadette ia à escola. Eram dois médicos de Lourdes e um da vizinhança. Não estava ali o Dr. Dozous, que havia examinado a menina durante aquêles êxtases e passava por favorável aos dizeres dela.

Bernadette foi chamada ao locutório, onde a interrogaram acêrca das aparições. O cérebro nítido da pequena Soubirous, um pouco esquemático, incapaz de diluições, mas também de digressões, apresentou os fatos completamente claros, nas suas linhas principais, tanto ao Delegado, como ao Cura, e a quantos vinham à rua das Valetas. Armaram-lhe ciladas. Não caiu nelas.

Internar uma menina semelhante por perturbações mentais, aquêles médicos honestos, que haviam encontrado poucas meninas tão exatas, não

podiam pensar em tal coisa. Saíram-se do caso com o seguinte relatório:

“Nada demonstra que Berradette tenha querido enganar o público. Esta criança é de natureza impressionável. Pode ter sido vítima de uma alucinação. Um reflexo de luz lhe chamou sem dúvida a atenção para o lado da Gruta.

Sua imaginação, sob a influência de uma predisposição moral, deu a êsse reflexo uma forma que impressiona as crianças, a das estátuas da Virgem, que se vêem nos altares.

Por conseguinte, os abaixo-assinados pensam que a menina Soubirous pode ter apresentado um estado extático, que se repetiu várias vezes; que se trata de uma afecção moral, cujos efeitos explicam os fenômenos da visão.

Há necessidade de tratar essa afecção? A doença que julgamos poder atribuir a Bernadette não pode fazer correr nenhum risco à saúde da menina nos limites em que se nos apresenta. E' verossímil, ao contrário, que, quando Bernadette tiver retomado seus hábitos costumeiros, cessará de pensar na Gruta e nas coisas maravilhosas que conta ”.

* * *

Um dos três médicos signatários dêsse relatório, o Dr. Balencie, veio a ser o médico de Bernadette durante os oito anos que havia de passar entre as Irmãs, em Lourdes. Invalidou ulteriormente

o valor científico dêsse documento, que era feito sòmente de hipóteses muito frágeis. “Aquêle relatório, confessou êle, não podia sustentar-se em nenhuma das suas partes”.

“O Dr. Balencie, diz o Dr. Boissarie, seu colega na repartição das Verificações, não cessava de render homenagem ao bom senso de Bernadette”.

* * *

Transmitidas suas divinas mensagens, Bernadette, sem ter consciência da importância delas, nem do movimento que desencadeavam, retomou sua vida de menina de escola, intimamente abrasada por aquela amizade maravilhosa que a ligava a Maria. Mas era um sentimento muito oculto no seu coração.

Empurravam-lhe continuamente lições de catecismo em vista da primeira comunhão, que estava próxima. Começava a poder exprimir-se em francês, com grandes erros que divertiam a todos. Na aula, gostava de pregar peças que provocavam o riso geral. Muitas vêzes ela mesma estourava a ponto de ter crises de asma. Não era a “menina modelo”, hirta em virtudes aparentes. Mas o catecismo do Padre Pomian, capelão do hospital, acabava nela a obra do Padre Ader. Sua religião se iluminava. Mais forte do que a sua ternura para com a Virgem, falava nela o amor a Cristo e a necessidade de o receber.

E enquanto deslisava tão sossegada aquela vida infantil, sem outro cuidado senão o dos visitantes importunos que chegavam sem cessar ao calabouço ou à escola, o alvoroço rugia pela cidade nas esferas administrativas, na Imprensa, entre o povo, nos espíritos religiosos, nos incrédulos.

Estupor religioso nos devotos, quando se soube que chegado o momento de dizer o seu nome, a Virgem não dissera: “ Eu sou Maria ”, ou “ Eu sou a Vossa Senhora de Lourdes ”. As palavras mais inesperadas, mais misteriosas, mesmo gramaticalmente: as únicas, aliás, que Bernadette não teria podido inventar. Como disse o P. Duboé, capelão da Gruta: “ Ela assumia um nome com um privilégio ”, privilégio, objeto do dogma recentemente proclamado em Roma. Os crentes entremeciam de emoção com essa confirmação celeste. Os sacerdotes, cépticos também êles, que o milagre da Fonte e tantas curas não haviam ainda convencido, receberam com isso um raio deslumbrante. . .

Quando o Governador, não sabendo como impedir o povo de ir à Gruta, falou em internar num manicômio Bernadette, o Padre Peyramale, o cura, protestou enèrgicamente declarando ao Prefeito que se oporia a isso com tôdas as fôrças, e que primeiro tinham que interná-lo.

Era a época dos Conselhos de Revisão; o Barão Massy aproveitou uma reunião dos Prefeitos,

que se realizou em Tarbes naquela ocasião, para lhes ordenar que detivessem seus povos, sempre prontos, então a pôr-se em caminho de Mossabielle.

* * *

O bispo de Tarbes encontrou-se com êle num colóquio que ficou célebre, no qual o prelado recusou-se a proibir os féis a irem orar na Gruta, diante do pequeno altar improvisado. Reclamou a prova do tempo antes de agir. Diante dessa atitude, o Prefeito deu ordem ao Delegado de Polícia de Lourdes de remover da Gruta todos os objetos de piedade que haviam sido levados ali, assim como o dinheiro. Êsses objetos foram, de fato carregados para a câmara municipal, e postos à disposição dos seus donos.

Naquela mesma tarde, os proprietários haviam tomado posse dêles e restabelecido o altazinho proibido... Tudo terminou naquele mesmo dia por uma iluminação magnífica da Gruta.

Vê-se por êste episódio a efervescência que havia na população.

DÉCIMA SÉTIMA APARIÇÃO

Bernadette tornou a ver Maria pela décima sétima vez na quarta-feira de Páscoa, 7 de abril.

Há poucos dados exatos sôbre esta aparição. Havia certamente testemunhas, pois a maior parte

dos narradores colocam nessa data o milagre da vela cuja chama passava entre os dedos da Vidente, com espanto das pessoas presentes.

A verdade a êsse respeito é que o fenômeno, citado pelo Dr. Dozous, deve ter-se reproduzido várias vezes, pois um sacerdote, então rapazinho de treze anos, o qual se achava junto de Bernadette, quando assistiu a êsse espetáculo, afirma que era em fevereiro, achando-se êle de passagem em Lourdes.

Bernadette havia também de morrer numa quarta-feira de Páscoa.

* * *

E eis que agora em Massabielle e na região, se dão as visões suspeitas, audições estranhas, manifestações diabólicas.

Muitos espíritos livres acreditariam com mais boa vontade em Deus do que no diabo. E' uma disposição muito de admirar, pois o diabo me parece ainda mais fàcilmente perceptível no mundo do que o Soberano Bem. Os habitantes de Lourdes não desconheceraam essa atmosfera turva, que por lá grassou, depois que a SSma. Virgem deixou de visitar a cidade.

E' uma jovem da rua Baixa, Maria X., que tendo ido orar muito devotamente na Gruta, ouviu ali uma música arrebatadora, que a deixou meio fora de si. No dia seguinte volta, e o concêrto, que ela atribuía aos Anjos, recomeça, mas dentro em pouco

as harmonias terminam em gritos discordantes e cacofonias espantosas. Depois, feito um silêncio, ruídos horríveis, grunhidos de animais... Ela volta a Lourdes pálida de espanto.

E' na vizinhança de Lourdes que um homem de Saint-Pé, viajando de noite, numa encruzilhada, tira o chapéu diante de uma cruz, e vê-se imediatamente cercado de clarões fulgurantes, que desenhem em redor dêle como um globo de fogo. Faz o sinal da Cruz: uma rápida explosão formidável, e tudo volta ao escuro. Mas o ar está cheio de vozes, de ditos horríveis, de risos diabólicos, de blasfêmias. Mais morto do que vivo, volta para trás.

Em Massabielle há uma epidemia de Visionários. Rapazes e raparigas descortinam no fundo das grutas uma série de fantasmagorias; um tropel de santos fazendo esgares, e horrendos desfilaram por ali.

Uma criadinha da cidade quer macaquear Bernadette; vai à Gruta e simula ares inspirados. Mas é rapidamente desmascarada. Um menino vê na Gruta uma mulher dourada, que parece querer devorá-lo. Outro, de Batsusgères, mal chega à Gruta e põe-se a girar sobre si mesmo como um derviche. Uma menina de oito anos, que rezava diante da Gruta, cai de costas repentinamente e rola até o Gave. Pegam-na em tempo.

Um rapaz de doze anos, filho de um rendeiro dos arredores de Massabielle, é tomado de um mal estranho. Feito uma bola como um animal, fica ta-

citurno e só interrompe o seu silêncio com crises, nas quais profere ditos torpes, pronunciando horribéis blasfêmias. Exorcisam-no. Fica curado.

* * *

Todo êsse alvoroço malsão de certos indivíduos, alvoroço que foi tanto patológico quanto diabólico — lembremos os Convulsionários, — parece ter sucedido para mostrar a sublime serenidade de Bernadette; tôda essa incoerência, para manifestar a clara razão e ordem de suas missões; tôdas essas tenebrosas manifestações para provar sua luz benfazeja.

Como se Deus houvesse permitido que a gente não se enganasse.

Ninguém jamais pretendeu assimilar o caso de Bernadette a êsses fatos horríveis e extravagantes.

Com o passar das semanas, os terrores, as algazaras misteriosas, os fantasmas — alucinações ou exteriorizações do Mau, — cessaram. Nada daquilo abalou a confiança indescritível do povo de Lourdes.

PRIMEIRA COMUNHÃO DE BERNADETTE

Enquanto, pois, as incursões do Espírito Maligno atiravam fulgurações no ar puro de Lourdes, Bernadette, muito afastada dessas perturbações, preparava-se para a sua primeira comunhão, que se devia realizar em 3 de junho de 1858, na capela do hospital.

Acharam-na, sem dúvida, suficientemente instruída, porquanto seu catequista, o Padre Pomian, a admitiu ao Sacramento com as suas companheiras. O público que a acompanhava de longe esperava para êsse dia sinais extraordinários, arrebatamentos seráficos. A pequena Santa que se pressentia já, ia talvez revelar-se por seus ardores místicos. “Mas, diz o professor de Bartrés, João Barbet, nada a distinguiu das outras meninas”.

Não mostrou senão a alegria da paz.

A função realizou-se na capelinha situada na extremidade direita do peristilo grego, onde o altar está dominado por uma bela Virgem dourada, de mãos afetuosamente estendidas. Foi ali que, numa manhã de primavera, aquela que se chamava a si própria a “pobre Bernadette” recebeu aquêle que disse: “Minha carne é verdadeiramente alimento, meu sangue é verdadeiramente bebida. Como eu vivo pelo Pai, aquêle que me come viverá também por mim” (João, VI, 56-58).

A pequena mensageira da Imaculada Conceição acabrunhada por favores desproporcionados à sua fraqueza, teria podido durante a vida, não ver no céu senão a SSma. Virgem. Muitas pessoas a encaravam como uma idólatra de Maria, cujo senso religioso se teria absorvido todo no culto d'aquela cuja glória tinha conhecido.

Mas da razão tão positiva de Bernadette, do seu juízo infantil divinamente esclarecido, nada ha-

via que temer. Nunca encontrareis êrro algum nesta pequena ignorante. Seu culto à Senhora foi uma devoção total e de inexprimível ternura humana, mas poderia dizer ela como Joana d'Arc: "Deus em primeiro lugar". Ela que mais tarde havia de reivindicar como seu título mais belo, não o de Vidente de Maria, mas de Espôsa de Cristo, teve aos catorze anos uma palavra admirável, que confunde naquela ignorante, reputada fraca de inteligência, e define bem sua devoção para com a sua divina amiga e sua Religião soberana para com Deus:

— Que foi que te fêz mais feliz, perguntaram-lhe, o receber a Deus, ou conversar na Gruta com a SSma. Virgem?

Hesitou um instante, depois disse:

— Não sei; *essas coisas não se combinam*. O que posso dizer é que me senti feliz ambas as vêzes.

* * *

Realizada a primeira comunhão, Bernadette deixou a escola das Irmãs. Não sabia ainda ler bem, mal falava francês, mas a mãe tinha necessidade dela na rua das Valetas.

Sua instrução tinha sido um tanto rápida... Continuou a trôxe-môxe. Viram-na de vez em quando acolhida em casa de alguma das Senhoras de Lourdes, das quais se tornara filha mimosa, e com ela soletrar uma página, traçar algumas letras.

Passa seus dias no pobre tugúrio, onde as visitas se multiplicam. Mal tem tempo de procurar lenha ou ossos velhos. Estava apenas no comêço de sua missão de ser testemunha da Virgem, missão que se tornou com o tempo martírio doloroso.

Imaginemos o que deve ter sido realmente para aquela menina a obrigação de repetir dez, vinte vêzes na mesma tarde, a narração das aparições com as suas particularidades, de responder sempre às mesmas perguntas, de refutar as mesmas objeções. Em vez de guardar secretamente consigo as suas recordações para lhes achar à vontade o sabor concentrado e intacto, era-lhe forçoso dispersá-las perante todos os que chegavam, evaporar-lhes o aroma a poder de fazê-lo respirar aos outros, tanto aquêles que lhe eram desagradáveis quanto àqueles que lhe pareciam simpáticos.

Que maravilha que alguns tenham dito: “Ela fazia uma narração sêca, nua, depois calava. Interrogada, respondia com lucidez, mas sem exuberância. Quando não sabiam fazer-lhe desenvolver os pormenores das aparições e reavivar suas impressões pessoais, ficava silenciosa e como indiferente...”

E que “fôssem embora dizendo que Bernadette era uma menina meiga, afável, mas insignificante!”

Mas o Padre Duboé, que relata essas impressões recebidas por certos visitantes, acrescenta que tudo mudava se por acaso entendiam de contradizê-la e de negar, por exemplo, as aparições.

“ Aquela pobre pastorinha, a quem não se conseguia ensinar o alfabeto, diz êle, espantou e reduziu ao silêncio homens instruídos, que lutavam contra ela com a vantagem de sua palavra exercitada. Os mais hábeis não puderam vencer a sabedoria repentina que a inspirava ”.

* * *

No dia da primeira comunhão de Bernadette, no Conselho Municipal, o Prefeito Lacadé falou assim:

— Foi descoberta em Lourdes, na margem esquerda do Gave, uma água que dizem ter virtudes curativas especiais.

Esta água foi recentemente analisada pelo Sr. Latour, químico do departamento, que lhe reconheceu propriedades tais, que a ciência poderia talvez classificá-la no número das que fazem a riqueza de nosso país.

Nestas circunstâncias, venho pedir, Senhores, autorização de submetê-la a uma nova análise ”.

A decisão foi votada.

Algumas semanas mais tarde, recebia-se o resultado dessa análise qualitativa e aprofundada, feita pelo Sr. Filhol, químico em Tolosa, o qual, depois de suas dosagens, concluía:

“ Resulta desta análise que a água da Gruta de Lourdes tem uma composição tal que se pode considerá-la como água potável, análoga à que se

encontra nas montanhas cujo solo é rico em calcáreo. Esta água não contém nenhuma substância ativa capaz de lhe dar propriedades terapêuticas acentuadas; pode ser bebida sem inconvenientes. *Assinado*: Filhol.

Este relatório era acompanhado de uma carta ao Prefeito de Lourdes: “Os efeitos extraordinários que se afirma terem sido obtidos com o emprêgo desta água, não podem, ao menos no estado atual da ciência, ser explicados pela natureza dos sais cuja existência a análise revela”.

Conta-se que esta análise foi uma grande decepção para o partido dos incrédulos, que atribuíam à virtude química daquela água as curas que se sucediam, havia cinco meses, na Fonte da Gruta.

* * *

Em 8 de junho, o Prefeito, sob a pressão feita pelo governador, lavrou um decreto assim redigido:

1º E' proibido beber água da Fonte.

2º Passar pelo terreno da comuna chamado ribeira de Mossabielle.

3º Será levantada na entrada da Gruta uma barreira de tábuas para que se não possa chegar a ela.

DÉCIMA OITAVA E ÚLTIMA APARIÇÃO

Em 16 de julho, festa de Nossa Senhora do Carmo, Bernadette foi comungar pela manhã na paróquia. Na volta passou o dia como de costume, e ninguém soube de suas emoções religiosas. Entretanto, os impulsos de sua piedade discreta e oculta levaram-na de tarde à igreja, onde foi de novo procurar o recolhimento.

Ali é que sentiu pela vez derradeira o apêlo irresistível da Virgem, que lhe apontou o último encontro em Massabielle.

Corre imediatamente à casa de sua jovem tia Lucila, para pedir-lhe que a acompanhe. Estando os acessos à Gruta vedados e mais ainda fechados por cercado alto, resolvem dirigir-se aos prados da Ribeira na margem, direita do Gave, fronteira a Massabielle. Já estava ali certo número de mulheres em oração, com o rosto levantado para a Gruta. Bernadette ajoelhou-se entre elas.

De repente ficou transfigurada e gritou:

— “Oh sim! Ei-la! Ela nos sorri por cima das barreiras!

O êxtase foi mudo e sem movimento. Maria e Bernadette olharam uma para a outra silenciosamente. Foi somente o que o mais eloqüente testemunha das aparições, Estrade, chamava “uma admirável troca de expansões”. Ele acrescentava que

então: “ a pequena extática parecia fazer esforços como querendo voar para a divina Mãe ”.

Não houve lágrimas, nem despedidas dilacerantes. Quando o sol se reclinou no horizonte, a SSma. Virgem desapareceu, sem que a tristeza alterasse as feições da Vidente.

Todavia, havia de ser esta a última vez. . .

CAPÍTULO IV

ADOLESCÊNCIA

Em 28 de julho de 1858, o bispo de Tarbes, D. Laurence, fazia enfim ouvir a voz da Igreja nessa divina história de Lourdes, em que até então, os fiéis tinham ficado entregues ao seu próprio senso religioso.

Publicava o seu famoso mandamento que foi lido no primeiro domingo de agosto em todas as igrejas e capelas da Diocese. “Mandamento que constituía uma Comissão eclesiástica encarregada de verificar os fatos que se produziram há cerca de seis meses, por ocasião de uma aparição, verdadeira ou suposta, da Santíssima Virgem, em uma gruta situada a oeste da cidade de Lourdes”.

Bernadette, que ouviu ler essas páginas, em vez do sermão, no domingo, há de ter pensado: “Finalmente! Finalmente!” Era a suspeita que estava para acabar.

* * *

Entrementes, o rude cura Peyramale, tão céptico aparece naquele momento, já mais fortemente abalado. É ele quem conta que num domingo daquele verão, ao dar a comunhão aos fiéis na sua igreja, seus olhos foram atraídos por uma luz. Viu que aquela luz aureolava como um nimbo a cabeça de uma criança ajoelhada. Olhando melhor, reconheceu naquela criança a pequena Soubirous.

Propôs, pois, a Bernadette entrar para a Congregação das Filhas de Maria. A humildade da pobre menina espantou-se com isso. Mas o Padre Peyramale bem sabia que o lugar dela ali estava marcado, e que nenhuma das moças que traziam a fita azul, distintivo das Congregadas, serviria tão generosamente à Virgem como aquela. Nenhum eco chegou até nós da cerimônia de admissão, mas pode-se facilmente imaginar, em Bernadette, arroubos secretos de alegria que ninguém suspeitou.

Ela só era exuberante nos brinquedos. Os divertimentos da escola, com a cabra-cega e sobretudo aquelas cirandas, que se dançavam cantando, e que ela preferia a tudo, iam fazer-lhe falta. Mas naquele tempo, Francisco Soubirous trabalhava regularmente como ajudante de moleiro, Luisa Castérot, nos dias de feira, ia servir bebidas na taberna de Hourcade, pouco distante. Bernadette cuidava dos irmãos e da irmã, e em seguida, dos trabalhos caseiros.

Quando tinham algum dinheiro, Luísa fazia filhós — tendo certamente a farinha de graça, — e Bernadette trazia crianças vizinhas para tomarem parte na festa.

Algumas vêzes também os garotos vizinhos entre os quais o pequeno Hourcade, filho do taberneiro, traziam sua parte, êste, ovos, aquêle, leite, um terceiro, azeite, e pediam à mãe de Bernadette que tomasse a sartã. Eram, ao que parece, festas divertidas, de cuja folga seus atores, já velhos, — entre outros aquêle Hourcade — ainda lembravam com transportes as alegres expansões.

Na fumaça da lenha e da gordura, iluminada por uma ou duas candeias, entre os gritos e o tumultuar de meia dúzia de garotos turbulentos, apparece-nos uma Bernadette cheia de riso que petiscava alegremente seu quinhão de vida humana.

* * *

Mas não se vá crer que era sempre assim. Aos operários os dias úteis eram então bem mal pagos; Luísa Castérot ficava tantas vêzes impedida de trabalhar, que o dinheiro faltava freqüentemente em casa. Bernadette então comia só porque boas vizinhas tinham dó de sua saúde delicada. A Sra. Millet, a Sra. Barbet, proprietária do estabelecimento de banhos, muitas vêzes lhe davam pães, que ela levava para casa. E quando não se tinha nem fogo, nem comida no calabouço, a querida Ciprina

Gesta, a que emprestava o capuzinho branco a Bernadette para ir à Gruta, recebia-a em casa, obrigava-a a aquecer-se e lhe servia uma boa refeição.

Era a avezinha de Deus, à qual todos gostavam de dar o biscato. E tão risonha, tão alegre, apesar do mistério da sua santidade ignorada!

* * *

Sente-se algo de encantador ao pensar que foi a doce Imperatriz Eugênia que interveio para fazer retirar as cârcas com que, ainda no outono, a Gruta estava trancada, o que revoltava o povo de Lourdes, cheio de fé nas aparições.

Foi ela, que, em presença de vários personagens da Côrte, depois de ter sido informada por visitantes, do que se passava naquela região pirenaica, que ela adorava, suplicou a Napoleão III levantasse o interdito que pesava sôbre Massabielle.

Poucos dias depois, o governador era convidado a cessar tôda oposição, e a 5 de outubro de 1858, o Prefeito Lacadé publicava uma portaria assim redigida:

“ A portaria de 8 de junho de 1858 é revogada ”.

E as cârcas desapareceram.

“ Ou os fatos da Gruta são falsos, dissera o Imperador, e cairão por si mesmos; ou são verdadeiros: e então nada deterá o curso dos acontecimentos ”.

INTERROGATÓRIO ECLESIASTICO

No dia 17 de novembro, a comissão eclesiástica de inquérito, composta de numerosos sacerdotes, dirige-se a Lourdes. Mandam vir antes de tudo Bernadette ao presbitério. E lá, perante êsses espíritos ainda neutros, que não negavam nem acreditavam, teve de narrar mais uma vez as aparições. Se foi tímida ou não, ninguém soube. Conservava-se simples, sabendo apenas que prestava testemunho a Maria perante a Igreja, pois lhe haviam explicado o alvo de inquérito.

Está consignado no processo verbal daquela sessão: “Bernadette se nos apresentou com grande modéstia, e entretanto, com segurança notável. Mostrou-se serena, sem acanhamento no meio daquela numerosa assembléia, em presença de eclesiásticos respeitáveis que nunca tinha visto”.

Afigura-se-nos plácidamente de pé diante daquele areópago, com tôda aquela verdade de que sua alma era tão ciosa, que não a podia ver nem deformada, nem incompreendida. Pouco pensando a seu respeito, ela advogava; advogava pela verdade das aparições, pela realidade de Maria, pelo sobrenatural da fonte e dos milagres, e só tratava de convencer.

Os sacerdotes que enchiam a sala ficaram sem saberem que dizer. Talvez tivessem alguns vindo com o pensamento oculto de encontrar uma visionária ou uma nevrosada. Êsses não tardavam em

ficar impressionados com aquela bela clareza de espírito, com aquela precisão, com aquelas réplicas de bom gênio.

— Acabais de nos contar, disse-lhe por exemplo o Presidente, que no momento do descobrimento da nascente, comestes um fio de capim. Por quê?

— Não sei; a Senhora me levou a isso, dando-me a entender.

— Mas, minha filha, só os animais comem capim.

— Oh! quanto a isto, Senhor Padre, estais enganado. Comeis vós mesmos saladas cruas.

Depois sorrindo:

É verdade que acrescentais azeite e vinagre.

Outra pergunta:

— Por que beijáveis a terra sem cessar? É muito exquisito que a SSma. Virgem vos tenha pedido essas coisas sem alguma razão...

— Oh! senhor Padre! E a conversão dos pecadores!

* * *

Em seguida, a Comissão dirigiu-se à Gruta. Foi interrogada a gente do lugar relativamente à nascente. Adquiriu-se a certeza de que ali não jorrava antes nenhuma fonte; admirou-se a fôrça do jorro. Depois, fez-se em Lourdes e nos arredores o exame das curas miraculosas, com o concurso do Dr. Vergés, médico das águas de Barège, e do Dr. Douzous.

Na última sessão do inquérito em Lourdes, à qual se fez comparecer Bernadette, o bispo de Tarbes, D. Laurencé, esteve presente. Era aquêle prelado ascético de semblante severo, de olhar coado através de pálpebras semicerradas, de lábios delgados e contraídos, e pelos retratos, parece de acesso glacial.

Quis obter de Bernadette dados exatos acêrca da aparição de 25 de março, dia em que a Virgem declarou o seu nome.

— Minha filha, dize-me exatamente como as coisas se passaram.

Segundo o seu costume, Bernadette narrou as atitudes da Virgem, reproduzindo-as. A princípio, com os braços estendidos, depois levantados, para encostar as mãos postas à parte superior do peito, olhando para o céu. E a santa menina revia tão intensamente as imagens esmaecidas, que sua fisionomia, sem dúvida inconscientemente, representava um pouco a expressão de Maria quando ela pronunciou, para obedecer ao bispo: “Eu sou a Imaculada Conceição”.

E viram o velho bispo chorar.

ENTREVISTAS COM A VIDENTE

Em agôsto de 1859, reencontramos Bernadette num velho moinho em ruínas, o “Moula del Tabacaire”, onde seu pai se instalara sem que o proprie-

tário quisesse fazer consertos. (Ali nasceu seu irmão caçula, Pedro, o último sobrevivente da família, que assistiu às festas da beatificação da irmã).

Aquêlê bairro baixo de Lourdes não era melhor para a saúde de Bernadette do que a rua das Valtas. Vemo-la ali de cama prostrada por um ataque de asma ou um surto de tuberculose.

Os visitantes continuavam numerosos. Aí estão dois senhores distintos que a procuram. São introduzidos.

— Não vos cansamos?

— Oh! não, senhor, hoje posso falar.

— Não bebeis água da Gruta? Essa água cura os outros, por que não a vós?

— A SSma. Virgem quer talvez que eu sofra. Tenho necessidade disto.

— Por que mais do que os outros?

— Deus é que sabe.

— Voltais algumas vêzes à Gruta?

— Quando o Sr. Cura permite.

— Por que não vos permite sempre?

— Porque a gente me acompanharia.

— Outrora lá fostes apesar da proibição?

— Porque era impelida com muita, muita força.

— A SSma. Virgem vos disse que sérieis feliz na outra vida. Estais, portanto, certa de ir para o Céu?

— Oh! não, sòmente se eu andar direito.

— Não vos disse Ela o que era preciso fazer para isto?

— Nós bem o sabemos, Sr. Não era preciso que mo dissesse.

* * *

A pobre Bernadette não tem quase outra ocupação senão receber visitas. Os contemporâneos dizem que era até quinze ou vinte vezes por dia. Ela repetia sempre a mesma narração. No fim recommçam as lutas para recusar o dinheiro que a miséria do moinho Tabacaire por si mesma sugeria.

A obstinação de tôda aquela família Soubirous em repelir qualquer oferta fêz pensar então a alguns que, talvez, um dos três segredos da SSma. Virgem fôsse ordem nesse sentido. Mas é também lícito crer que aquela gente, já profundamente religiosa antes do milagre de sua filha, e muito altivos, tinham cruelmente sentido a acusação de explorarem a credulidade pública, e tinham decidido, uma vez para sempre, não receber um vintém dos que davam, com receio de justificarem a suspeita oculta de proveito, invalidando assim o milagre.

Um dia, ao pequeno João Maria, rogaram visitantes de Bernadette fôsse a Massabielle buscar-lhes água da Gruta. Recebeu dêles dois francos pela viagem. Bernadette achou êsses dois francos no bolso do irmão, e, num repente, o esbofeteou às direitas; depois, obrigou-o a correr ao hotel, onde ês-

ses visitantes estavam hospedados, e devolver-lhes a moeda.

Essa mão pronta, êsse receio de tudo que se-
melhasse comércio qualquer da graça, essa pureza
absoluta, que rasgo vivaz da querida menina!

Em outubro de 1859, Bernadette tossia muito.
O Dr. Dozous ou o Dr. Balencie aconselha aos pais
que a enviem a Cauterets para uma estação na
montanha.

Ali, todos porfiaram em hospedá-la. Mas o re-
pouso que o médico esperava ficou muito prejudi-
cado. Acompanhada de uma das tias Castérot, era-
lhe preciso ir de casa em casa contar as aparições.
Cada qual pedia-lhe um objeto que lhe pertencesse,
uma medalha, uma imagem, uma fita.

Sempre um pouco rude, Bernadette respondia:
— Pensam que eu sou negociante?

A PENSIONISTA

Entrementes faziam-se reuniões secretas entre o
Padre Peyramale e as religiosas do hospital acêrca
da menina predestinada. Ela não sabia ler perfeita-
mente, embora voltasse de quando em quando à
escola.

Sua ignorância estava em desacôrdo com o pa-
pel de que Deus a incumbira. Depois, aquela misé-
ria sórdida da nova residência, o estado de imun-
dície da morada acarretando o dos moradores, des-

prestigiavam aquela, perante a qual desfilavam diariamente os peregrinos de toda a Europa. De mais, nenhum cuidado com a fraca saúde dela.

Além disso, a sua vivacidade, suas travessuras, aquêle pudor que lhe fazia esconder a sua piedade não davam muitos penhores de santidade que já habitava nela. Aquelas senhoras não se mostravam muito tranqüilas de ver essa menina de dezesseis anos gozar de uma liberdade sem fiscalização, receber fiéis e incrédulos e responder-lhes *ex cathedra* como um Padre da Igreja.

O cura Peyramale disse um dia à Superiora:

Minha cara Madre, é em vossa casa que deveria estar essa pequena Soubirous. Faltam-lhe cuidados de todo ponto de vista. Vós lhos dariesis.

Combinou-se, portanto, que Bernadette entraria para o hospital a título de doente indigente. O estabelecimento era muito vizinho do moinho dos pais para que a separação fôsse muito sensível. Ver-se-iam freqüentemente. Entretanto Bernadette, deixando o lar, e sobretudo a boa Luísa Castéret, teve de derramar muitas lágrimas.

Foi em julho de 1860 que ela transpôs o peristilo grego...

* * *

Estava no hospital, fazia pouco tempo, uma jovem religiosa a cujo respeito parentes afins me dão informações preciosas. Era a Irmã Elisabeth Rigal. Tenho diante dos olhos uma carta da Sra. de Henri-

que Lasserre, escrita em 1906, no momento em que morreu a religiosa: “ Experimento uma emoção dolorosa ao saber da morte da querida e muito honrada Irmã Elisabeth Rigal. Depois do meu casamento, conheci no hospital de Lourdes essa jovem religiosa suave e encantadora, de sorriso angélico. Cada ano eu e meu marido a encontrávamos no seu pôsto de honra ”...

Quando Bernadette chegou ao pensionato, foi a ela que a Madre Roque, Superiora, disse:

— Irmã Elisabeth, deveis encarregar-vos de ensinar a ler e escrever a Bernadette. Dizem que esta pequena é pouco inteligente; vêde se é possível fazer alguma coisa dela.

Adivinha-se a alegria que deve ter experimentado a jovem Irmã ao tomar essa tarefa.

Mas que surpresa não teve ela, tão desfavoravelmente prevenida, descobrindo aquela jovem inteligência caluniada! “ Minha tia, — escreve a sobrinha daquela santa religiosa, — encontrou em Bernadette uma inteligência muito viva, finura, perfeita candura e um coração de ouro.

Nenhum trabalho teve em instruir essa menina encantadora, e pôde dizer depois à Superiora: “ Minha querida Madre, enganaram-vos, Bernadette é muto inteligente e assimila muito bem o ensino que se lhe dá ”.

Grande amizade ligou desde então a mestra e a discípula.

* * *

Bernadette não estava sujeita ao regime dos indigentes. Instalada num quarto particular, que dava para os jardins, tomava as suas refeições à mesa das pensionistas. Os cuidados de que estava cercada não impediram que um surto da sua doença, mais forte do que nunca, a atingisse dentro em pouco. O mal estar tornou-se tão alarmente que seu confessor, o Padre Pomian, decidiu dar-lhe a Extrema-Unção. Uns médicos, os doutores Balencie e Dozous, em vista do seu estado de dispnéia, a declararam perdida. Parece mesmo ter tido momentos de coma. As Irmãs fizeram-lhe beber água de Lourdes, e imediatamente voltou à vida.

Sua missão começava apenas, pois ali estava para dar testemunho e fortalecer a fé dos homens no mistério de Lourdes.

Cumpre-nos confessá-lo! tôda a nossa fé nas aparições está fundada naqueles anos ininterruptos de testemunho, dado pela jovem doente, na plenitude de sua razão de mulher. Tivesse ela voado para a felicidade celeste num êxtase, como Luísa Castérot temia tanto, e esta bela história já não estribaria senão na fonte maravilhosa: as imagens das aparições tornar-se-iam inconsistentes, nebulosas, atribuíveis a uma ilusão qualquer. Mas foi pela constância dessas afirmações renovadas durante vinte anos que se assentou a noção clara da objetividade das aparições.

Bernadette foi a mais ativa das missionárias. Ela não evangelizou as multidões percorrendo a terra, pela razão de que foram as multidões que vieram a ela.

Sobretudo, não se creia que a invariabilidade da narração fôsse simples uniformidade de uma lição aprendida e repetida eternamente. Com cada espírito, cada objeção, cada modo de receptividade ela defendia sua narração com armas novas. A narração não podia variar, mas era-lhe bastante pessoal para que a explicasse segundo as reações de cada ouvinte.

Oponham-se, ao contrário, contradições ao embusteiro que recita de um fôlego um texto aprendido de cor, êle perde o fio e nada mais consegue além da sua declamação automática.

* * *

Foi êste o martírio daquela vida — suportado aliás com o sorriso nos lábios.

O que quer que ela tentasse fazer na escola, escrita, lição, trabalho de agulha, era invariavelmente interrompida no mais intenso da sua aplicação.

Uma velha senhora de Lourdes, de que já falei, e que, em criança, esteve no pensionato com Bernadette mocinha, dizia-me ter ficado impressionada sobretudo por êsses chamados ao locutório, que lhe interrompiam tôdas as tarefas. Bernadette deixava então o trabalho, para ir receber o sacerdote ou o

incrédulo, o mundano ou o bispo, o estrangeiro rico ou o camponês bigorrês que por ela esperava.

Bernadette era tão simples, — acrescentava essa senhora — quando era algumas vezes encarregada de nos vigiar, era de modo tão infantil, brincando conosco, que nós não fazíamos muita conta da sua miraculosa aventura. Educadas naquele pensamento de que a nossa companheira tinha visto a SSma. Virgem, julgávamos o fato tão natural como o de uma criança de hoje que tivesse visto o Presidente da República. Mas os chamados ao locutório tinham muito mais valor para nós ”.

Entretanto, ela nem sempre guardou serenidade nesses casos. Não era sobrehumana. Sua natureza viva e espontânea superava às vezes os seus esforços de paciência. A Irmã Elisabeth contava à sua sobrinha, escreve-me esta, que um dia o vigário de certa paróquia vizinha, tendo perguntado pela vigésima vez:

— Diga-me, era muito bonita a SSma. Virgem?

— Oh! sim, senhor cura! foi-lhe respondido, muito mais bonita do que vós!

Para julgar a que ponto sua vida era enfiada por essas entrevistas incessantes, é preciso escutar Bernadette dizer a uma senhora que a viera ver quando doente, e que a lastimava pela sua sufocação tão penosa:

— Sim, é muito incômodo, mas eu prefiro isto a receber visitas.

Muitas vezes, quando a Irmã Vitorina, encarregada de acompanhá-la ao locutório, vinha buscá-la na aula onde aprendia a fazer aquêles encantadores bordados, que foram para ela uma arte, levantava-se cansadamente sabendo bem que a fadiga da conversa ia mais uma vez desencadear-lhe um acesso de asma, e, no vestibulo, punha-se a chorar. “Na porta, diz a Irmã Vitorina, eu a via parar para enxugar grossas lágrimas”.

“Coragem, Bernadette! dizia-lhe eu”. Então, depois de enxugar os olhos, armava um semblante gracioso, e entrava.

Esse locutório lhe reservava os visitantes mais inesperados, mais heteróclitos. Sacerdotes tomavam-na por uma grande teóloga, espécie de Catarina de Sena. Então ela fazia explicar o fundo da questão pelos outros interlocutores eclesiásticos, e quando tinha entendido o sentido do que lhe perguntavam, respondia rudemente, judiciosamente, como lídima filha dos Pireneus.

Ouvia coisas de todos os calibres. Tratavam-na como um confessor, expunham-lhe situações escabrosas, casos passionais inextricáveis. Irmã Vitorina tinha que corar, agitar-se em sua cadeira, sem atrever-se a impor silêncio àquelas pobres almas conturbadas. Mas a menos embaraçada por essas questões, para as quais nenhuma curiosidade a inclinava, era Bernadette. Ela aconselhava muito simplesmente:

— Rezem a Nosso Senhor. Rezem à SSma. Virgem.

Segundo a Irmã Vitorina, nada alterou jamais, nem embaçou aquêles espelho de pureza.

Tudo lhe foi dito, até isto.

— Lembrai-vos bem das feições da SSma. Virgem para reconhecê-la quando chegardes ao Paraíso?

— De certo! respondeu ela, fingindo seriedade — contanto que Ela não tenha mudado!

E os cumprimentos! “ Abençoi-me, criatura privilegiada! — Deixai-me beijar vosso vestido. Dai-me uma relíquia vossa, um pedaço de vosso avental, um dos vossos cabelos — Sois uma santa”. Bernadette fazia esforço para abafar o riso. Quando as senhoras tinham ido embora, ela exclamava:

— Como me amolam!

Outras vêzes são religiosas pertencentes às ordens mais diversas, que sonham arrebatam aquela pomba para a gaiola abençoada de seu convento, — cada uma, já se sabe, tendo o seu como o melhor e o mais santo. Porfiam pela posse daquele vaso de eleição; porfiam por levar a cabo a perfeição daquela menina eleita, elevá-la até a santidade. Gaham-lhe cada ordem uma depois da outra.

Um dia até, uma daquelas queridas irmãs visitantes tira da sua mala uma touca e um véu semelhante aos próprios para embaçar Bernadette com eles, com todos os meneios e propostas de uma corretora de modas. Bernadette divertiu-se muito. Mas a Irmã Vitorina, que estava presente, julgou de mau

gôsto os gracejos, e as damas do hospital, o processo fora de lugar.

Bernadette não se deixa levar. Apesar da sua humildade e daquela ignorância de que só se liberta lentamente — mal começa a escrever com aquela escrita inclinada, tão fina, em que cada letra é perfeita, e de que temos muitos espécimes — é um caráter. Um caráter duro como a rocha pirenaica e cujo grão parece de energia. Nada a faz desfalecer, nem as torturas físicas, nem as contrariedades cotidianas das entrevistas, que teriam cansado tantas outras, nem as severidades das suas mestras, nem o pêso que Deus lhe pôs nos ombros débeis. Lança às vêzes fogo e chamas, tem palavras picantes, ou amuos mudos ou risos loucos de criança e bondades adoráveis. Mas permanece qual roseira brava, agarrada ao rochedo com tôdas as suas raízes teimosas, e nela se estribou a Imaculada Conceição.

* * *

Aprendeu no pensionato a cuidar de seus cabelos como as outras alunas, a se lavar, a amarrar o lenço de cabeça menos “à la diable”, com uma ponta elegante caindo para o lado esquerdo. Toma gôsto nos requintes que a sua infância ignorara. As religiosas afeiçoam-na à ordem, ao asseio. Tor-na-se meticulosa.

Algumas meninas do pensionato são da alta sociedade, e, bastante elegantes, usam mangas “pa-

godes”, cintura de vespa, crinolinas. Vêm também ao locutório senhoras de Paris, vestidas de sêda, cobertas de manteletes de rendas, e de jóias

Aos dezessete anos, essa reação dos cuidados pessoais, depois do desleixo da infância miserável, imprime a Bernadette um surto de faceirice. Uma das companheiras a instiga a vertir-se melhor, desperta-lhe o gôsto, sugere-lhe o senso do vestir-se apuradamente.

E uma tarde — ó vergonha inexprimível! — a Irmã Vitorina encontra a menina “a ponto, diz ela, de alargar o vestido para lhe dar um ar de crinolina!”

— Oh, minha filha! Podeis alimentar desígnios tão fúteis e ridículos?

Bernadette, confusa, renunciou à falsa crinolina: mas sonhou ainda algum tempo com a cintura de vespa, e a sua fiel vigilante, Irmã Vitorina, a surpreendeu outra vez a enfiar um pedaço de pau no corpinho, à guisa de vareta de espartinho.

Essas “abominações” duraram pouco tempo, graças a Deus! Segundo a expressão da Irmã Vitorina: “Essa febre passou depressa!...”

...Como viera.

* * *

Consternação na comunidade! Certo dia, Madre Alexandrina Roques, dando um passo em falso, torceu o pé. Chamam o Dr. Balencie, que ordena repouso durante quarenta dias, achando o caso grave.

A boa religiosa ficou aterrada, pois estava naquela ocasião sobrecarregada de serviço. Manda vir Bernadette à sua cabeceira e lhe diz: “Minha filha, compreendes que eu não tenho tempo de ficar de cama. É preciso que a SSma. Virgem me cure. Vai pedir-lhe isto”. Bernadette corre à capela, prostrase diante da estátua dourada, da qual gosta tanto, e suplica pela cura da querida Madre. No dia seguinte, o médico a encontra de pé, já sem dor alguma.

* * *

Bernadette ficava muitas vezes doente; a Irmã Vitorina relata, no processo de beatificação, que ela sofria tôda a espécie de achaques e dôres, dôres de dentes, reumatismos, escarros ou vômitos de sangue, palpitações, crises de asma medonhas, durante as quais suplicava que lhe abrissem o peito. Vivia parte do tempo no quarto ou na enfermaria.

É provável que em 1861 ou 1862, aos dezoito anos, começaram aquelas hemoptises, que davam o rebate dramático da sua doença.

É de imaginar então o desapontamento, a decepção dolorosa que se estampava no semblante dos peregrinos, quando lhes respondiam: “Bernadette está doente; não vos pode receber; está proibida de levantar-se e de falar”.

Êles suplicavam:

— Vê-la sòmente, contemplá-la um instante!

Então, ao que parece, sugeria-se à doentinha que se agasalhasse num xale e fôsse mostrar-se na janela. E os visitantes, com a cabeça levantada, enchiam os olhares com aquêlo doce semblante sorridente, no qual procuravam ainda o reflexo de outro Semblante... Porquanto ela conservou sempre, ao que nos dizem, sua fisionomia do tempo das aparições.

Era preciso arrancá-los dali, retirando da janela Bernadette, que suspirava, ao deitar-se de novo:

— Sou deveras, algo de estranho!

Não é possível deixar de comover-se, apesar do que custava à querida Santinha, com êsse apaixonamento religioso que atraía para ela aquêlo desfile ininterrupto. Aquela gente estava ávida sobretudo dos olhos que tinham visto a Mãe de Deus. Em suma, era Maria que êles procuravam em Bernadette e Bernadette tinha um senso muito justo para não atribuir a si o mérito.

JUÍZO DOUTRINAL DA IGREJA

Em 18 de janeiro aparecia o mandamento de Dom Laurence, bispo de Tarbes, que nada menos significava do que o Juízo doutrinal da Igreja “sôbre a aparição que ocorreu na Gruta de Lourdes”.

“Nossa convicção, dizia êle, está formada pelo testemunho de Bernadette, mas sobretudo de acôrdo com os fatos que se produziram, e que não po-

dem ser explicados senão por intervenção divina. O testemunho da menina apresenta tôdas as garantias. Sua sinceridade não pode ser posta em dúvida. Quem não admira, aproximando-se dela, a simplicidade, a candura, a modéstia dessa menina!

Ela só fala quando a interrogam. Narra então com uma ingenuidade comovedora. Dá, sem hesitar, respostas nítidas, precisas, cheias de bom senso. Submetida a rudes provas, nunca vacilou. Sempre de acôrdo consigo mesma.

Não foi ela vítima de alucinação? — Como nos seria possível crê-lo? A prudência de suas respostas revela um espírito reto, uma imaginação calma, um bom senso acima da idade. Nenhuma desordem intelectual, nenhuma afecção mórbida. Durante as aparições ela ouvia uma linguagem cujo sentido nem sempre compreendia, cuja recordação, porém, conservava sempre. Não podendo o fenômeno ser explicado naturalmente, estamos autorizados a julgá-lo sobrenatural.

Não conheço estudo mais completo sôbre a jovem Santa do que êste fragmento do mandamento do velho bispo, a quem, só o aspecto de Bernadette um dia, arrancou lágrimas.

* * *

Na primavera daquele mesmo ano de 1862 Bernadette teve uma grande alegria: começava-se a edificar a capela, que, por ordem de sua Senhora “e-

la foi pedir aos padres ". Sessenta operários pedreiros e terraplaneiros tinham sido lançados ao cimo de Massabielle, cujas rochas iam ser o embasamento mesmo do edifício, ao passo que seriam respeitadas em baixo, covas, já agora sagradas.

Entre aquêles sessenta operários estava Francisco Soubirous.

Doadoras ricas tiveram, naquela ocasião, a idéia de dotar com uma estátua, que lembrasse a Aparição, o nicho do rochedo onde Maria costumava colocar-se. Foi encarregado disso um escultor de Lyon, o Sr. Fabisch. Veio a Lourdes para recolher documentações da boca da própria Vidente.

Quando ao locutório do hospital, lhe trouxeram aquela menina, que, com dezoito anos, aparentava catorze, cujos grandes olhos negros eram um tanto cerrados pela traquinice e esperteza, de frente teimosa e inclinada, de aspecto fechado, selvagem mesmo, por causa da sua timidez, de olhar dardejado de baixo para cima, julgou que não conseguiria nada daquela montanhesa.

Mas logo que a montanhesa se pôs a descrever Maria, tudo mudou. Ela falava da maravilha do pano que compunha o vestido, e do véu tão bem arrumado, e do cinto, tal que o céu nunca teve aquela côr. E quando êle quis ver a atitude da SSma. Virgem no instante em que pronunciara: " Eu sou a Imaculada Conceição ", Bernadette reproduziu aquê- le gesto do céu, de que fala o Padre Duboé, que tan-



tas vêzes causou admiração e tantas lágrimas fêz correr.

“ Jamais esquecerei, dizia Fabisch, aquela expressão arrebatadora. Vi na Itália tôdas as obras-primas dos mestres, que reproduziram os lances do amor divino e do êxtase. Em nenhuma encontrei tanta suavidade no arrebatamento ”.

Voltou várias vêzes ao hospital para lhe fazer tomar a atitude daquele movimento. Foi sempre a mesma transfiguração. Trazia-lhe os seus esboços para modificá-los na ocasião segundo os dizeres dela. Estava entusiasmado. Queria que, vendo a obra que ia criar, aquela deliciosa Bernadette exclamasse: “ E' ela! ” Só trabalhou por intermédio de Bernadette.

TRAQUINICES DA VIDENTE

Entretanto permanecera Bernadette tão criança, que, na aula, passava às suas companheiras o rapê que lhe tinha sido receitado contra a asma. E como tôdas se punham a espirrar ao mesmo tempo, eram gargalhadas intermináveis.

Tinha obstinações que já não eram de sua idade. Um dia envergou o vestido domingueiro e recusou-se obstinadamente a tirá-lo, não se sabe porque. Outra vez, deu-lhe na veneta ir ver os pais; as Irmãs negam-lhe a licença. “ Pouco importa, irei assim mesmo ”. E' preciso que as Irmãs se zanguem. Quan-

do limpa os legumes na cozinha, não se sujeita a lançar as cascas na cesta de despejo.

Ao dar-se conta das suas teinas, então vêm as lágrimas de remorso. Suplica que lhe perdoem...

* * *

Ser santo não é não ter defeitos. A santidade está em ser imperfeito e vencer-se. O que podemos adivinhar são os esforços de Bernadette para se aperfeiçoar.

Achavam que sua piedade era muito ordinária. Censuravam-na porque não ia encerrar-se na capela, e seu dito: “Não sei meditar” é citado por toda parte. Não é isso uma saída da mesma espécie daquela por ela usada para com os que lhe pediam a bênção. Clérigos ou leigos: “Eu não sei abençoar”. E não era porque não fôsse desembaraçada.

Que fazia, pois quando no rezar terços sem fim, relembrava a Senhora da Gruta? ou quando esperava à noite, numa impaciência silenciosa, a sua comunhão do dia seguinte, recusando, conquanto muito doente, o remédio que lhe teria acalmado a dor instantaneamente, mas privando-a da Eucaristia? Que fazia, quando se esgotava em pedir o perdão, a conversão dos pecadores, dos quais, durante toda a sua vida, ela se fará, depois de Maria, a advogada?

As palavras da SSma. Virgem e as tristezas do seu semblante gravaram-se fundamente nesta alma

sensível. Ela se havia incontestavelmente oferecido em favor dêsses pobres desgraçados, inimigos de Deus.

Não o disse explicitamente, mas as palavras que lhe escaparam o provam bem, como esta deliciosa anedota do Sorriso do Pecador:

Achando-se um dia, debaixo do peristilo do hospital, um turista perguntou-lhe se podia ver Bernadette Soubirous. A menina respondeu que era ela própria.

Ele então a tomou como diletante; falou das histórias fantasmagóricas que ela contava, e pediu-lhe que lhe dissesse o que vira nas Grutas.

— E' inútil, visto que não acreditarias nisso.

Ele, porém, que ouvira falar do sorriso inefável da Virgem por ela tão bem imitado, estava, no íntimo tomado da curiosidade muito humana.

— Eu sou um pecador, acabou por dizer. Mostre-me como ela sorria, e talvez o teu sorriso me converta.

Aquêles sorriso só se vê no céu, diz Bernadette. Mas, visto que sois pecador, vou procurar dar-vos uma idéia dêle.

Com tôda a sua candura infantil, confundindo-se com a recordação que tinha da Senhora, levantou os olhos para o céu e sorriu.

E, ao invés de zombar, o pecador foi embora. Correu à Gruta e ficou inundado com as luzes da graça.

Pode-se pensar, depois de tais rasgos, que Bernadette não foi sobrenatural com tôda a alma!?

NOVO RUMO

Momentos houve em que queria ser carmelita. Mas diziam-lhe, com razão, que sua saúde não suportaria a Regra terrível do Carmelo.

Foi em 1863 que sua vida se orientou para o estado monástico. O bispo de Nevers, D. Fourcade, visitando a comunidade de Lourdes, desejou naturalmente ver Bernadette. Não a mandaram vir ao locutório. Mostraram-lhe muito simplesmente na cozinha, ocupada em limpar legumes. Sentiu o prelado grande emoção. À noite fê-la chamar à sala da comunidade e lhe propôs nitidamente a questão: Que desejava ela fazer de sua vida? — Oh! só pedia uma coisa! ficar ali como criada. — Nunca tivera a idéia de ser religiosa naquela comunidade? — Julgava não ser possível, visto que era tão pobre, tão ignorante. — Nem por isso, disse então o bispo. — Pode-se mitigar a regra e receber uma moça sem dote, quando tem grande vocação...

Bernadette ficou um tanto perturbada. Tinha dezenove anos, mas é sabido que não passava de uma menina. Possuía também muita prudência e siso na-

tural para não se exaltar com semelhante proposta. Respondeu que ia refletir. O bispo a persuadiu a fazer isso sem pressa e com tóda a liberdade de espírito.

Não a viram mudar. E salvo a seu confessor, o Padre Pomian, não falou a ninguém dos novos horizontes que se lhe abriam.

Mas em 1864 iniciou-se certamente uma nova evolução bastante grave de tuberculose, pois esteve doente de março de 64 a outubro de 65, época em que, segundo é referido se restabeleceu depois de uma convalescença de seis meses.

Forte febre a impediu, em 4 de abril de 1864, de assistir à inauguração, na Gruta, da famosa estátua de Fabisch. Dêsse período de evolução deve datar a primeira lesão cavitária em seus pulmões. Devia estar em plena hemoptise. Estaria incapaz de mexer-se.

Foi, entretanto, uma função esplêndida. Milhares de pessoas assistiram a ela. Uma verdadeira multidão de padres rodeavam o bispo. Durante êsse tempo, Bernadette, com 39 ou 40 graus de febre, tossia no fundo do leito em que havia de ficar de então em diante tantas vêzes crucificada. Tinha, porém, a a doçura resignada dessas jovens doentes, que parecem ter resolvido o insondável problema da dor.

* * *

Todavia, o Dr. Dozous nos conta que em março, antes que ela caísse doente, tinha-se autorizado Bernadette a ir lá.

Quando a pobre menina, no nicho iluminado, não havia muito, pela glória celeste em que brilhava o rosto da SSma. Virgem, percebeu a estátua de mármore, soltou um grito e teve de virar a cabeça. Nem mesmo pôde ficar aí. Muito mais do que o próprio vácuo, aquela imagem inteiriçada da sua Senhora viva e verdadeira lhe fez sentir a ausência dela.

...“Como a terra se assemelha ao céu!” apreciava tristemente Bernadette, quando lhe perguntavam se a imagem se parecia com Maria.

E não mostrou nenhum pesar por não ter estado presente no dia da inauguração daquela estátua.

* * *

A resignação, êsse heroísmo dos jovens tuberculosos, Bernadette a levou à perfeição. Tinha particularmente, em suas relações com Deus “aquelas notas requintadas, de que fala seu médico, o Dr. Balencie, aquela delicadeza de sentimentos que indica uma harmonia perfeita entre tôdas as energias físicas da vida e as faculdades da alma”. Aceitava a vontade divina com a elegância afetuosa de um coração que não regateia com o Amor. Não se queixava. A febre tuberculosa que a roía, devas-

ta sem sofrimentos, dir-se-ia que fortifica o espírito. Bernadette revia em sonho Maria, rezava terços abrasados de ternura, dava-se pelos pecadores.

Foi em agosto de 1864 que a sua vocação religiosa, depois das longas reflexões do tempo da doença, tendo-se formado completamente, Bernadette se abriu a êsse respeito com a Madre Alexandrina Roques.

“Minha querida Madre, eu orei bastante para saber se era chamada ao estado religioso. Creio que sim. Quisera entrar, se é possível, na vossa Congregação. Quereis ter a bondade de escrever isto ao senhor bispo?

Foi um minuto muito comovedor para a Superiora. Tomou a Bernadette nos braços, e, com o rosto banhado de lágrimas, deu-lhe diante de Deus o beijo maternal. Seu anelo, acariciado secretamente durante anos, realizava-se finalmente.

* * *

No decorrer de 1865, o estado pulmonar de Bernadette parece ter-se tornado estável. Os médicos, para mudá-la de ares, enviam-na às Irmãs de Pau. Mas o estabelecimento fica a tal ponto sitiado pela multidão, logo que se soube de sua vinda, que as Irmãs vêem-se obrigadas a chamar a polícia. Houve ali uma ligeira recaída na doença. Envia-na a Oloron, onde a multidão recomeça a cansá-la demais. Daí um aumento de febre. É pre-

ciso trazê-la de novo a Lourdes, onde fica novamente de cama.

No fim do ano sua saúde se fortalece de vez. Vai passar o mês de novembro de 1865 em Monnières, junto de sua querida prima Maria Védere, futura religiosa cisterciense, cuja vocação Bernadette vigia e dirige. (Essa prima é filha de uma Castérot, que casara com o padeiro de Monnières). Com efeito, não se deve crer que Bernadette, a quem iam ainda dando catorze anos por causa de seu rosto de menina sobrenatural, fôsse leviana ou negligente. Seu caráter firme era capaz de conselhos fortes, quando necessários. Não deixou Maria Védere, a quem os pais recusavam a entrada num convento clausurado, usar de fingimento oferecendo-se às Filhas de Caridade, para de lá passar às Beneditinas. Essa duplicidade scandalizava a leal Bernadette, que fez ver a Maria Védere a vileza de tal procedimento, dizendo que Deus não tinha necessidade de mentira para a execução das suas vontades. Em verdade, tudo se arranjou da melhor forma um pouco mais tarde.

Foi em Monnières que o cura de Lourdes, Padre Peyramale, enviou um fotógrafo de Tarbes para obter um bom retrato de Bernadette. Maria Védere se afanou muito com êsse acontecimento, e achando a prima muito miseravelmente vestida com pobre vestido domingueiro, provavelmente já muito remendado, quis fazê-la envergar o seu próprio vestido de sêda. Mas já não era o tempo em que

Bernadette sonhava com crinolinas. Mandou Maria plantar batatas.

— Deixa-me em paz com essas frioleiras. Este vestido velho está muito bom para mim.

* * *

Durante esse tempo a água da Fonte continuava a realizar prodígios, e a igreja saía das rochas de Massabielle como uma vegetação de pedras. Arquitetura contestada, mas sábia e sólida, que não tem as proporções severas da basílica romana de La Salette, mas aspira a maior ímpeto místico, e que nos deve comover sobretudo pela realização do desejo mariano.

A 21 de março de 1866 inaugurou-se a cripta. Foi uma explosão popular de fé, Lourdes empavesada, ornada de arcos de triunfo, de bandeiras, de ramagens e flores. Milhares de peregrinos. A primeira procissão que respondia ao desejo da SSma. Virgem, partiu da igreja paroquial encaminhando-se para a Gruta, onde o Sr. Bispo celebrou a primeira missa. Rebentou um temporal que interrompeu o sermão. Mas a multidão continuou o discurso com o grito formidável de: “Viva Nossa Senhora de Lourdes!”

Nas fileiras das Filhas de Maria, trajadas de véu branco e fita azul, havia uma pequenina, que rezava impassivelmente o terço...

Milhares de olhos procuravam entretanto, descobri-la. Por fim, alguém a mostrou aos peregrinos e o sinal se propagou de grupo em grupo. Partiram aclamações daquela massa repentinamente iluminada: “Eis a Santa! Eis a Santa!” Essa voz do povo era em verdade a voz de Deus, e a multidão é muitas vezes inspirada. As boas religiosas, que, ante êsse delírio e essas ovações, tremiam pela humildade daquela “menina como as outras”, viam menos claro do que êsse povo anônimo e cego, mas em estado de fé contagiosa.

Houve um atropêlo. Ninguém queria deixar aqueles lugares abençoados sem ter visto, tocado ou abraçado aquela, cuja candura atraíra a SSma. Virgem à terra. Seu véu foi feito pedaços para terem relíquias. No centro daquele turbilhão humano a pobre da Bernadette se mantinha tôda sem jeito, abalroada, assaltada. As religiosas tiveram que lhe fazer uma guarda de corpo, sem o que suas roupas teriam sido arrancadas.

À noite, durante a iluminação da cidade, a multidão invadiu o hospital para tornar a ver a pequena Santa. Implorante, imperiosa, reclamava com altos brados. A Madre Superiora acabou por ceder, e permitiu que Bernadette descesse e passeasse no vasto jardim inclinado à entrada, escoltada por soldados, percorrendo assim as fileiras dêsse povo extasiado, que seus guardas tinham de conter com muito custo.

A pobre da menina estava quase não agüentando mais. Dizia:

— Mostrais-me como se eu fôsse um bicho estranho.

Alguns dias antes havia escrito:

“Tenho mais pressa do que nunca de deixar o mundo. Agora estou completamente decidida, pretendo partir dentro em pouco”.

* * *

Escrevia então com linda letra monacal, delicada, modesta e firme, nesse estilo impessoal das religiosas, que têm o grão da goma de suas toucas e sua branca suavidade. Escrevia fâcilmente e escreveu abundantemente. Havia escrito para a Irmã Elisabeth Vidal uma relação das aparições, que está atualmente nas mãos da sobrinha desta, Sra. de la T., de que já falei. Infelizmente, o tempo destruiu em parte a tinta, pois a Irmã Elisabeth levou êsse documento consigo a vida tôda em um estojo de couro, e agora está quase ilegível. Diziam que era muito comovedor.

Bernadette, havia muito, já não se dava ao estudo. Ocupava-se das classes pequenas como vigilante. Às vêzes cuidava dos doentes, e isto era sua suprema felicidade. Guardou-se a lembrança de uma pobre velha do hospital coberta de úlceras, de cu-

jas chagas cuidava todos os dias com caridade transbordante.

Sua esperança era vir a ser um dia Irmã enfermeira.

ÚLTIMA VISITA A MASSABIELLE

Nos primeiros dias de julho de 1866, foi vista Bernadette descer do hospital rodeada de algumas religiosas. Taciturna como de costume, e pouco expansiva, lá se ia a Massabielle pela derradeira vez.

Mas é aqui que vamos ver, uma dilaceração de sua natureza voluntariamente fechada, a verdadeira Bernadette sensível, ardente, fremente. Tôda sua alma estala à vista dessas grutas, às quais, religiosa de amanhã, ela tem que dizer adeus. Não a conheciam ainda, não conheciam seu coração vibrante, seu culto da recordação, sua ternura para com a Virgem, que tornava a encontrar oculta aqui, que lhe aprazava sem dúvida nesses lugares, encontros para reuniões invisíveis. Lança-se de joelhos, experimenta rezar o têrço, mas não o consegue; suas lágrimas correm, os soluços a sacodem, cai com o rosto contra o chão, não pode ela, tão senhora de si ordinariamente, reter um grande e terrível grito:

— Oh! Minha Mãe, minha Mãe! como poderei deixar-vos!

Levanta-se, vai, como no tempo das aparições, ao pé do nicho. Mas só vê ali a estátua de mármore

rígido. Então, deixa-se cair sôbre a rocha, beijando-a e pregando nela os lábios, e lá fica prostrada. Por fim levanta-se, afasta-se para rever ainda o conjunto das grutas. Uma religiosa roça-lhe no ombro.

— Querida pequena, é hora de voltar.

— Oh! minha Irmã ainda um pouco... É a ultima vez!

E recaí de joelhos.

Foi preciso arrancá-la daquele lugar, com o rosto debulhado em lágrimas. Encaminhou-se então resolutamente para a cidade, sem se voltar um segundo sequer.

No dia seguinte, disse, como para desculpar-se daquela manifestação exterior:

— Entendam, a Gruta era o meu Céu na terra.

* * *

No dia seguinte fêz as suas despedidas à família.

O Padre Peyramale tinha finalmente comprado para Francisco Soubirous um moinho conveniente, chamado moinho Lapaca, onde ganhava folgadoamente a vida. Era uma habitação decente, e ainda hoje mostra-se ali o quarto onde Bernadette vinha passar seus dias de licença, quando passava bem.

Sua emoção foi tão grande naquela manhã, que entrando na casa, desmaiou. Quando voltou a

si, viu-se como antigamente — era tão pequena, tão leve — nos joelhos de Luísa Castérot, que a acariciava docemente. Sua irmã Toinette seus irmãos a rodeavam, para abraçá-la. Seu pai, “a quem ela nunca desobedecera”, agüentava silencioso.

Ao ouvir parar diante da porta da morada paterna, a carruagem que a vinha buscar, levantou-se precipitadamente e partiu bradando apenas:

Adeus! Adeus!

Deixava Lourdes para sempre a 4 de julho de 1866.

V CAPÍTULO

VIDA MONÁSTICA

A Madre Alexandrina Roques tinha escrito de Lourdes à Madre Geral de Nevers:

“Bernadette está no cúmulo da alegria e só suspira pelo momento da partida. Receio que seja retardado e que o Sr. bispo de Tarbes exija para o bem da Gruta que ela fique ainda algum tempo. Orai a Deus, minha querida Madre, para que isso não se dê, a fim de que esta pobre menina esteja mais depressa livre do amor próprio e das ofertas de certas ordens religiosas que vêm solicitá-la em nossa presença.

Isto a faz afastar-se delas e desejar ainda mais ser das nossas, bem que jamais tenhamos feito coisa alguma para solicitá-la a isso...”

É provável que depois das manifestações das Festas da Cripta, o bispo de Tarbes se tenha rendido à opinião das religiosas, para subtrair Bernadette às pias curiosidades das multidões.

A viagem, feita em companhia de duas religiosas e de outra postulante, foi para ela encantadora.

Apenas chegada a Nevers, Bernadette a narra às boas Irmãs de Lourdes numa cartinha engraçada, em que todo o seu prazer transborda:

“Chegamos a Bordéus às seis horas da tarde da quarta-feira, e ali ficamos até às treze horas de sexta-feira. Podeis acreditar que aproveitamos bem o tempo para passear. De carruagem, imaginem! Fizemos-nos visitar tôdas as casas (da Ordem); tenho a honra de vos dizer que não é a de Lourdes! Sobretudo a Instituição Imperial (a das Surdas-Mudas). Parece antes um palácio que uma casa religiosa”...

Mas quantas outras maravilhas! Viu o rio Garona e seus navios, a Igreja dos Carmelitas, onde terá rezado alguns terços. Viu o Jardim Botânico, e lá — aqui é que se revela a sua alma de criança — viu alguma coisa inteiramente nova, que vós não adivinhareis!... Peixinhos! peixes vermelhos, pretos, azuis, cinzentos. O que achou mais bonito é que nadam sem o menor medo das crianças, que acodem em bando para os contemplarem.

Na sexta-feira pernoita em Péregnen, e chega a Nevers no sábado às dez e meia da noite. O domingo passa-se em lágrimas. Mas as religiosas lhe asseguram que isso é sinal de boa vocação, que não vai sem a cruel saudade do que se ofereceu em sacrifício.

Os anais do convento naquele dia assim rezam:

“Bernadette é realmente tal qual a fama a pintou, humilde em seu triunfo sobrenatural: simples e



modesta, quando tudo até agora concorreu para exaltá-la; sorridente e suavemente feliz, conquanto a doença a gaste. É o cunho da santidade: o sofrimento ao lado das alegrias celestes."

* * *

Lá está Bernadette naquele belo convento, onde, no princípio de nossa peregrinação, a encontramos adormecida no seu esquite de vidro.

Chega, esperta, alegre, apesar da doença, cujo segredo é não apoucar a vida. Pergunta: "Será que é permitido saltar a corda nos recreios do noviciado? Gosto tanto de menear a corda quando as outras saltam!"

Vai conhecer a linda capela esbelta que será um dia a sua última morada, o claustro arrebatador de arcadas góticas, e delgadas que cria uma transição entre os edifícios do mosteiro e o comêço dos jardins. Já aqui está o primeiro, espécie de parquezinhos quadrilátero, cercado de três andares de celas. E dessa plataforma até a parte inferior da cidade, até a estrada de ferro, descem majestosamente tabuleiros de relva, platibandas, hortas, pomares, árvores de todas as essências.

No ângulo que o muro de recinto faz em baixo, a sudoeste, de novo encontramos o nosso oratóriozinho misterioso do primeiro dia, onde eu disse que o mistério era maior do que se julga: o oratório de Nossa Senhora das Águas.

Quando Bernadette fôr autorizada a descer até lá, seu coração ficará ferido por uma flecha. Ela, que diante das vulgares imagens de Maria, das obras de arte em série, das figurações adocicadas e sem fé, exclamava de mãos postas: “Minha boa Mãe! como vos desfiguraram!” estacará de chofre ante aquela Virgem branca, que estende os braços com um sorriso de Joconda. Desta vez, reconhecerá a sua Senhora. Oh! não muito parecida certamente, mas em todo caso, reproduzindo um algo do modelo incomparável.

Portanto, aposto que nenhuma alma piedosa pode contemplar aquela estátua sem emoção.

É ali que, sentada num murozinho baixo de feitiço semi-circular, fronteiro ao altar rústico, verdadeira gruta de verdura, a Irmã Maria Bernarda passará todos seus tempos livres, às vêzes tardes inteiras, com o têrço nos dedos — a sonhar na outra vida — ela que dizia não saber meditar.

* * *

O Instituto das Irmãs de Caridade de Nevers, do qual êsse mosteiro de São Gildardo era a Casa Mãe, tinha por Superiora Geral a Madre Josefina Imbert. A Mestra das Noviças chamava-se Madre Maria Teresa Vauzou.

Eram duas grandes religiosas de outrora, ardentes em sua fé, discretas e recatadas em sua prudência. Receberam tremendo de felicidade Bernadette,

êsse depósito sagrado, êsse vaso cheio das graças de Deus. Mas, bendizendo o Senhor por ter confiado tal papel a uma criatura tão incapaz, não pareciam ver senão a indignidade do vaso receptor. O aspecto vulgar da pequena postulante não terá indisposto também, inconscientemente, as Madres, habituadas a ver acorrer para ali moças da sociedade, deixando as melhores rodas para virem servir os pobres?

Em todo caso concordam as testemunhas em afirmar, que uma desconfiança invencível as impediu sempre de reconhecerem a santidade profunda de Bernadette, ao paço que as jovens noviças experimentavam só com vê-la uma emoção indizível: “ Sua fisionomia sobrenatural, seu olhar celeste deixaram em meu coração uma impressão profunda ”. “ Jamais me aproximei dela sem me sentir mais perto de Nosso Senhor”. “ Considero-a como uma Santa ”, escreveram elas uma após outra.

As duas Madres ao contrário, duvidaram sempre da sua piedade, da sua vocação. Não tendo nenhuma confiança na sua humildade deram-se ao penoso dever de a humilharem sem cessar. Madre Maria Teresa Vauzou, em particular, tão clarividente e psicóloga na direção das suas queridas noviças, ficou como cega diante de Bernadette. “ Ela não conheceu diz a religiosa que escreveu “ A Confidente da Imaculada ”, nem a sua união íntima com Deus, nem aquele abandono total ao beneplácito divino, que formava a sua vida interior ”.

E essa religiosa escritora julgava ver nisso o dedo de Deus, que queria mediante tôda a casta de dôres, trabalhar a sua pequena serva. Sem as durezas — é preciso dizer a palavra — das duas Madres, que aliás se mostraram tão bondosas para com as outras jovens irmãs, o convento de São Gildardo teria sido um lugar de delícias para aquela vítima dos pecadores.

A JOVEM NOVIÇA

Quando Bernadette chegou pelas onze horas da noite, a Madre Josefina sufocou tôda a sua emoção para dizer-lhe: Vinde, minha filha, vou levar-vos ao refeitório com as Irmãs de Lourdes. Amanhã de manhã, se não estiverdes muito cansada, ireis à cozinha onde ajudareis a Irmã a lavar a louça”.

Nem uma palavra de sua celeste aventura. Proibição a tôdas as religiosas, a tôdas as noviças de fazerem a menor alusão às aparições. Nunca se devia tratar delas, por receio de despertar êsse orgulho de que ela estava tão afastada, e que obsedava as suas mestras.

Bernadette tomou o hábito no fim de três semanas, e recebeu com o nome de Maria Bernarda, o vestido de mil dobras, que lhe embarçava a pequena estatura, a touca ogival, que cinge o rosto e termina em duas tiras caídas sôbre o peito, o rosário e, enfim, o véu de sêda preta das noviças.

“Ela estava perdida em Deus”, escreve uma postulante que tomou o hábito com ela.

Êsses esponsais com Cristo foram evidentemente uma alegria insondável para a pequena Santa; ela, porêr,nada disso confiou a pessoa alguma”.

* * *

Depois da sua chegada a Nevers, parecia estar melhor de saúde, quando, no fim de abril, isto é, depois de seis semanas a febre voltou e assinalou nova evolução da tuberculose. Foi então que ela se recolheu pela primeira vez àquela enfermaria de São Gildardo, onde havia de passar uma parte de sua vida religiosa! — vasta sala de oito leitos velados de branco e alinhados ao longo das paredes; iluminada por duas largas janelas, por onde os raios do sol se vinham mirar no soalho encerado, como num espelho.

Os acessos de tosse dilacerante desencadearam-se logo. Ocasionavam crises de asma. Lá estava ela, no leito colocado à direita da janela, no ângulo das paredes. De noite, sufocando, ela não podia estirar-se, e tinha que sentar-se na beira do colchão. Não se queixava nunca, chamando somente: “Jesus!” como Joana D’Arc. E era de ver, dizem, os seus belos olhos cheios de um brilho extra-humano quando se levantavam para o Crucifixo.

Uma noite, ao tossir, seu lenço encheu-se de sangue. Foi uma hemoptise incoercível, que não parou durante muitos dias. O Dr. de Saint-Cyr veio

asculá-la. Seus pulmões estavam já tão devastados, que, diante daquele fluxo de sangue, êle anunciou o fim iminente. A Madre Superiora mandou avisar o bispo de Nevers, D. Fourcade, que veio, e não podendo dar-lhe a comunhão, por causa das hemorragias constantes, administrou-lhe a Extrema-Unção. Então a Madre Josefina, cuja bondade nativa reaparece aqui, teve a idéia de não a deixar partir para a felicidade eterna sem ter pronunciado seus votos terrestres. Falou disso ao Sr. bispo. A Comunidade consultada, assentiu unânimemente. Interrogasse a doente, que não pode falar, mas aquiesce com um sorriso. Então, assistido por seu Vigário Geral, naquele canto da enfermaria, D. Fourcade lê as preces e as fórmulas do compromisso, às quais Bernadette dá, por meio de sinais, o seu assentimento. E entregam-lhe o véu de estamenha das Professas.

* * *

Depois da cerimônia, a Irmã Maria Bernarda estava extenuada e tão pálida que se esperava o último suspiro. Fisiologicamente ela devia expirar. Mas Deus se ri das leis fisiológicas, de que é Senhor. Ao invés de morrer, adormece, e com um sono tão plácido, que, no dia seguinte, pela manhã, declara à Madre e Josefina, que viera anciosa em busca de notícias.

— Minha querida Madre, fizestes-me fazer a minha profissão, porque pensáveis que eu ia morrer. Pois bem, eu não morrerei!

Recebeu a Madre Geral essa frase travêssa? Não se sabe. Todavia diz-se que respondeu:

— Tolinha! Sabieis que não estáveis para morrer e não no-lo dissestes? Neste caso, se não estiverdes morta até amanhã cedo, retiro-vos o véu de estamenna.

— Como quiserdes, querida Madre.

* * *

Essa frase inimaginável pronunciada pela Superiora Geral, é relatada pelo R. P. Cros. Parece totalmente incompatível, num momento tão patético, com a doçura e com a bondade de uma religiosa. Mas esclarece também o aspecto sob o qual a Madre Imbert encarava Bernadette; um sêr amorfo, mas cumulado de atenções divinas, de manifestações, de revelações, às quais não se via que ela reagisse senão como um instrumento inerte das obras de Deus. A Superiora, nessa ocorrência, terá julgado que a Irmã Maria Bernarda tivera aviso de sua cura e calara, para aproveitar as circunstâncias. Assim se explica essa rude censura.

A MORTE DA MÃE

Ela não sarou —aparentemente — senão para sofrer a mágua mais tremenda que a pudesse afligir.

No dia 8 de dezembro seguinte, na hora em que, pela primeira vez, na cripta de Massabielle se canta-

vam as Vésperas da Imaculada Conceição, sua mãe, a encantadora e tão simpática Luísa Castérot, morria na casa de Lapaca, depois de breve doença. Tinha apenas quarenta e cinco anos. Quando se deu a notícia à noviça — pois apesar da sua profissão provisória, Bernadette continuava os exercícios do Noviciado — de que já não tinha mãe, a dor excedeu a sua resistência física e desmaiou. A volta aos sentidos continuou no pranto. Todavia a dor tomou imediatamente a forma suave e resignada de sua própria alma, pois as primeiras palavras ao recobrar a consciência foram: “Meu Deus, vós o quisestes. Eu aceito o cálice que me apresentais. Bendito seja o vosso nome!” Ela fôra, porém, filha demais amorosa para que não aquilatemos a grandeza de sua dor, apesar de sinal consolador dessa coincidência, que, da festa da Imaculada Conceição, fazia o *Dies Natalis* de sua mãe segundo a natureza, a doce Luísa Castérot.

* * *

A Irmã Maria Bernarda ficou tão deprimida com a perda daquela mãe querida, que tiveram dó da sua fraqueza: foi isenta da Regra, e, conquanto fôsse o Advento, seguiu um regime especial.

Conservaram-se rasgos deliciosos do tempo do seu noviciado.

Tratava das recém-chegadas com amor fraterno tímido e receoso. Um dia, vendo uma delas mui-

to melancólica, aproxima-se, envolve-a com o braço, e cochicha-lhe ao ouvido:

“Chorou muito com saudade da mãe?” E como era muito eloquente, depois da resposta da moça, contentou-se com sorrir, com aquêlê sorriso donde transbordava sua caridade mal externada. Assim, confortava, sem sequer pensar nisto, tôdas as companheiras.

Uma postulante chega ao convento num instante que a Irmã Maria Bernarda se achava junto da Superiora Geral. Uma das primeiras palavras da mocinha foi: Eu tinha vontade de ver Bernadette! — “Pois bem, aqui está ela”, disse a Madre Josefina. — A postulante vira-se, repara na pobre e mirrada religiosazinha, e exclama: “Bernadette? é isso? — “Mas sim, Senhorita, exclama a Irmã M. Bernarda, prorrompendo em riso, não passa disto”.

A postulante, tornando-se religiosa, nunca, pelo que referem, perdoou a si mesma a incorreção dessa palavra terrível.

Continuava entretanto a ser tratada pela Mestre das Noviças com tal severidade que suas companheiras diziam: “Não é bom ser Bernadette!” E todavia todo o ímpeto do seu coração a impelia para essa Madre Maria Teresa, cuja pureza de intenção, ela mais clarividente do que nós, certamente distinguia. Vemo-la, um dia que essa religiosa voltava de viagem, depois de duas semanas de ausên-

cia, precipitar-se-lhe nos braços, como teria feito outrora com Luísa Castérot.

O impulso era mesmo tão vivo, que ela não tardou a repreender-se daquele movimento “demasiado natural”.

Nos intervalos que há entre os exercícios, o exame particular na capela, onde as noviças se dirigem em fila às onze horas da manhã, as admoestações, ao ofício da noite, Irmã Maria Bernarda fica na cozinha, onde limpa os legumes e enxuga a louça.

PROFISSÃO RELIGIOSA

Assim continua ainda quase um ano, ano entrecortado de muitas estadas na enfermaria por crises de asma, reumatismo, surtos passageiros de tuberculose, febre, hemoptises. “Não é nada, diz ela sempre. Sou como os gatos, não posso morrer”. Depois, bons períodos no noviciado, onde há recreios tão divertidos.

Tôdas aquelas mocinhas ali estão alegres como crianças. Fazem Bernadette cantar canções em dialeto bigorrês, que encantam as companheiras. Contam-se histórias, lendas, provérbios provincianos. Brincam-se mil brinquedinhos de inverno na sala de recreações, de verão nos jardins. Depois, toca o sino, anunciando o fim dessa hora de descanso. Mal retine a primeira badalada, Bernadette, contendo-se

instantâneamente, entra em si mesma como numa capela, para reencontrar aí a presença divina.

Em 31 de outubro de 1867, faz solenemente a Profissão com tôdas as suas companheiras, que iriam ser dispersadas através da França, para as respectivas destinações, escondidas até então com misterioso segredo.

* * *

Bernadette esperava a sua com ânsia, dominada por sua submissão de perfeita religiosa. Ardia por ser votada aos doentes. Mas, pronunciando os votos de seu místico casamento com o Senhor, abandonara tôda a vontade própria. Enviassem-na onde quisessem.

Foi na noite mesma do grande dia que as novas professoras ficaram reunidas na sala do noviciado em presença do bispo de Nevers, para receberem suas cartas de obediência. A querida Santinha está em todo caso um pouco nervosa. Para onde vai ser enviada? Para Bordéus? Para o Norte? Para o Sul? Eis que cada uma das jovens Irmãs adianta-se para receber a sua sobrecarta, e não se cogita da Irmã Maria Bernarda.

Bernadette ignorava que tinham decidido guardá-la ali, para estarem mais seguras de ocultá-la, e que, de acôrdo com D. Fourcade, a Madre Josefina tinha resolvido juntar a essa decisão, que poderia passar por um favor excepcional, uma solene humilhação.

Assim, quando acabou a cerimônia, Bernadette julgando-se esquecida, teve o pesar de ouvir a Madre Superiora responder diante de todos ao Sr. bispo que a interrogava: “E a Irmã Maria Bernarda?”

“Oh! quanto a esta Excia. não sabemos o que fazer dela. Não serve para nada.

A pobre da religiosazinha não deixara de todo de ser humana. Essa injúria pública a dilacerou. Foi-lhe possível naquele momento esquecer as cortesias da SSma. Virgem, que se inclinava tão polidamente diante dela dizendo com voz incomparável: “Quereis ter a bondade de vir...” Deixou de comparar as gentilezas da Mãe de Deus com as asperezas da sua Superiora?

Ela não disse nada, não derramou uma lágrima, mas fez mais tarde a confidência de que essa humilhação pública a tinha cruelmente magoado.

É verdade que houve um paliativo.

A Madre Superiora acrescentara:

— Se é de vosso gosto, Excia. por favor poderíamos tentar utilizá-la para ajudar a Irmã-enfermeira.

Era a gota de mel no fundo do cálice amargo.

Um instante depois, no recreio, dizem que reco-meçava suas rizadas estabanadas com as companheiras.

A DEDICADA ENFERMEIRA

Até 1874 a Irmã Maria Bernarda serviu na enfermaria.

Causa pasmo o pensar em todos os tesouros de ternura fraterna que foram prodigalizados ali pela Santa enfermeira, ao mesmo tempo que os remédios e os tratamentos. “Ela possui um encanto incomparável, disse um visitante, um encanto que não é dêste mundo. Só a sua vista eleva a alma”. Eis o suave semblante de grandes olhos negros, que durante sete anos vai debruçar-se sôbre tôdas as religiosas doentes.

Dizem que não podia ver os outros sofrerem, ela que aturava com o sorriso nos lábios os mais cruéis sofrimentos; que procurava distrair as doentes, que se esforçava por lhes prodigalizar todos os remédios, e que, então, se o mal não cessava, entrava em oração, e muitas vêzes obtinha o alívio que os calmantes não haviam conseguido.

Que bom seria, ó Irmãzinha, receber vossos cuidados, tomar de vossas mãos uma porção amarga, sofrer sob o olhar de vossa meiga compaixão, ficar curado por pedido vosso, ou morrer em vossos fracos braços! Ainda hoje, debruçai-vos por favor, sôbre os doentes, em particular sôbre aquêles cujo mal vosso exemplo ainda enobreceu, e, da mansão a que subiste, obtende-lhes esperança!

* * *

Um dia que ela se achava só na enfermaria, fazendo a limpeza, tendo a porta ficado entreaberta, uma religiosa que passava a viu imóvel, com o espanador na mão, diante da chaminé, onde se achava a estátua da SSma. Virgem. Ela a contemplava, dirigindo-lhe meigos sorrisos. No fim tomou a estátua entre as mãos e beijou-a com muito respeito; depois, com mil precauções, a recolocou na chaminé e voltou a espanar os móveis.

* * *

Aquela imagem da Virgem de Lourdes, todavia, não lhe agradava muito.

— Olhai, dizia ela, êsse papo que lhe fizeram! Eu nunca disse que ela levantava a cabeça, mas que levantava os olhos. Não posso compreender que se façam caricaturas como esta, quando se trata da Virgem SSma.

No verão, quando não há serviço para ela na enfermaria, desce à Nossa Senhora das Águas, e ali passa horas em oração, sentada no murozinho semicircular. É talvez o que ela queria dizer quando escrevia aos de Lourdes: “Todos os dias eu vou em espírito à minha querida Gruta de Massabielle, e faço ali a minha peregrinação...”

O PAI SOUBIROUS

Francisco Soubirous morreu aos 4 de março de 1871. Amara muito a sua filhinha, e, depois que ela lhe fizera tocar com o dedo o sobrenatural, alcançara grande fé. A respeito dêle relata-se que um dia, os missionários de Lourdes, um dos padres tendo entrado de improviso no locutório, encontrou o pai Soubirous, vindo para falar-lhes, de joelhos, em oração profunda diante do quadro que representava sua filha na Gruta.

Extinguiu-se piedosamente, apertando o escapulário que trazia no peito.

A Irmã Maria Bernarda soube dessa nova infelicidade por uma carta da família, quando estava de serviço na enfermaria. Deixaram-na algum tempo sôzinha com a sua dor.

Na tarde do mesmo dia, uma jovem noviça penetrou na sala, sem ter conhecimento dêsse luto, e a encontrou apoiada à chaminé diante da estátua da SSma. Virgem, chorando, acabrunhada. Conso-lou-a como pôde. Bernadette disse-lhe: “Minha Irmã, tende sempre, sempre, grande devoção à agonia de Nosso Senhor. Sábado à noite eu orava a Jesus agonizante por todos os moribundos do momento. Foi exatamente naquela hora que meu pobre pai entrava na eternidade. Que consolação para mim tê-lo talvez ajudado!”

NOVAS ENTREVISTAS

Em Nevers as visitas não a deixavam sossegada. Conquanto tivesse pedido licença para não ir ao locutório, muitas pessoas desfilaram ali para vê-la entre as quais grande número de bispos trazidos por D. Fourcade. Sua timidez causava-lhe grande repugnância de aparecer perante êles. Sua careta, quando iam buscá-la não podia deixar dúvida a êsse respeito. Às vezes fugia. Às vezes deixava-se arrastar ao locutório.

“Percebendo um dia, conta D. Fourcade, que um Prelado muito elevado caíra em êxtase diante dela, eu disse num tom rude à Irmã Maria Bernarda: “Que esperais ainda? Já vos viram. Isso basta”. Retirou-se imediatamente sem dizer palavra, sem testemunhar nenhum desgosto, antes, sorrindo-me”.

D. Landriot está em passagem por Nevers e diz abertamente ao Sr. bispo:

— Eu não creio em Bernadette.

— Como vós quizerdes. Isto não é artigo de fé.

No dia seguinte, a contragosto daquele Prelado, o bispo de Nevers o leva a São Gildardo e o põe em presença da Irmã Maria Bernarda. Sem querer, êle fêz mil perguntas à pequena religiosa.

— Pois bem! agora eu creio em Bernadette, diz ao retirar-se. Creio porque fui vencido e não posso explicar como, a não ser por uma assistência sobrenatural, uma ingênua pastorinha dos Pireneus me executou tão fâcilmente.

Mas não gostaria que Bernadette soubesse disso. Acaso não convinha que êsses Príncipes da Igreja lhe dessem lições de humildade? ”

* * *

Em 1872 um médico da Salpêtrière, o Dr. Voisin, falando, no anfiteatro, das alucinações, que vão acabar quase sempre na loucura, dava por exemplo aos seus discípulos o caso de Bernadette: “ As pretensas aparições que foram afirmadas por uma menina alucinada, que está hoje encerrada no convento das Ursulinas de Nevers ”.

D. Fourcade, tendo tido conhecimento dessa preleção, respondeu, como convinha, ao Dr. Voisin, com carta aberta, publicada no jornal “ L’Univers ”, na qual convidava muito cortêsmente o professor a vir examinar êle próprio Bernadette, que, longe de ser louca, era, ao contrário, pessoa de bom senso pouco comum e de serenidade a que nada se assemelhava ”.

Como consequência daquela publicação, houve, no mundo dos psiquiatras, e até no mundo médico em geral, um movimento de curiosidade. O professor Voisin não veio a Nevers, mas o presidente dos médicos de Nièvre, Dr Saint-Cyr, interrogado pelo presidente dos médicos de Orne, sôbre o estado mental de Bernadette, respondeu em 3 de setembro:

“ A ninguém podíeis dirigir-vos com mais acêrto, para terdes sôbre a menina de Lourdes, hoje

Irmã Maria Bernarda, as informações que desejais. Médico da comunidade, prestei cuidados por muito tempo a essa jovem Irmã, cuja saúde muito delicada nos inspirava vivas inquietações. Hoje êsse estado melhorou, e, de doente, ela se tornou minha enfermeira, desempenhando-se perfeitamente do seu ofício.

Pequena, de aparência mirrada ela tem 27 anos. Natureza serena e meiga, cuida dos doentes com muita inteligência e sem omitir nada das prescrições dadas; goza de grande autoridade e, da minha parte, de inteira confiança.

Vêdes, meu caro confrade, que essa jovem Irmã está longe de ser alienada. Direi melhor: sua natureza calma, simples e meiga não a dispõe de maneira alguma a deslizar dêsse lado”.

* * *

Esta carta nos confirma que a saúde de Bernadette estava, durante aqueles anos em que foi enfermeira, bem consolidada. Que se passa nos seus pulmões naquela época? Cicatrização por esclerose? É possível pensar nisso. Mas, o seu caso demasiadamente dependia de circunstâncias sobrenaturais, para se poderem fazer a seu respeito as hipóteses ordinárias. A verdade é que ela dava naquele momento aparências de cura.

Estaria por isso a pequena religiosa despreocupada, é, do ponto de vista natural, feliz, como nos parece durante aquela quadra?

Não; ainda durante êsse intervalo, essa pausa da doença, não faz mentir a Senhora, que dizia: “*Não vos prometo serdes feliz neste mundo...*”

A enfermaria lhe dava grandes cuidados. Afora a dor de ver sofrer e morrer às vêzes suas queridas Irmãs, tinha sempre a peito manter a ordem, do mesmo modo que, em menina, na rua das Valetas, entre seus irmãos e irmã. Não devemos, com efeito, imaginá-la adocicada e amaneirada. Tinha caráter autoritário, alma de Superiora. Vemo-la repreender severamente uma postulante doente, obrigada a conservar-se na cama, e que tomara a liberdade de levantar-se para pegar num livro de orações e ler o Ofício de Nossa Senhora.

A Irmã Maria Bernarda agarrou o livro e o levou, dizendo:

— Isso é fervor alinhavado de desobediência!

Uma noviça, depois de dois dias de doença, tendo melhorado, levantou-se na ausência da enfermeira para descer à capela e assistir à missa. Ao voltar encontra a Irmã Maria Bernarda e lhe dá explicações.

“Então, conta a noviça, falou-me de tal modo da obediência religiosa, que, não obstante meu espirito de independência, eu lhe perguntei: “Que devo fazer?” — “Deitar-vos de novo”, respondeu ela

simplesmente. Isto me custava muito. Mas a nossa querida Irmã me convencerá de tal forma que obedeci imediatamente ”.

TEMPERAMENTO ARDENTE

Sofreu, não há dúvida, com as humilhações de que a fartaram. Seus superiores não parecem ter pensado que usavam de uma arma de dois gumes, e que havia uma tentação de rudeza de seus golpes; pois é na humilhação ofensiva, rebuscada, voluntária, que o orgulho encontra mais reação para recalcitrar, e é mais fácil permanecer humilde ante os elogios do que ante a injúria.

Havia também outro perigo: o de provocar, naquele coração tão vivo, a indignação, a irritação dissimulada.

Não há dúvida que a santa religiosa tinha tido que lutar nessas tentações, aliás, vitoriosamente. Quantas vezes não repetiu: “ Eu sou uma orgulhosa! ” Na sua natural humildade dizia: “ Se a SSma. Virgem tivesse encontrado outra mais ignorante do que eu, tê-la-ia certamente escolhido ”.

“ Quando a emoção fôr demasiado fore, escreve nas suas notas íntimas, lembrar-me-ei das palavras de Nosso Senhor: “ Sou eu, não tems! ” Nos desprezos e humilhações da parte dos meus superiores ou das minhas companheiras, agradecerei imediatamente a Nosso Senhor como por uma gran-

de graça. É o amor desse bom Senhor que fará desaparecer a árvore do orgulho em suas más raízes. Quanto mais eu me abaixar, tanto mais crescerei no coração de Jesus”.

Essas confissões deixam entrever duros combates.

* * *

Encontrava outras tentações no seu mau gênio. Tinha a réplica viva, mordaz, às vezes fustigante. Os superiores chamavam a êsses ímpetos de humor “repentes” dela. A Madre Josefina Imbert reconhecia-lhe, apesar de tudo, modos de boa educação, tais que não se poderia julgá-la de condição tão humilde, e por fim a estimava, muito superior ao meio em que nascera, acrescentando que isto se notava “nos seus períodos bons”, nos quais ela se mostrava amável — o que provaria que não era assim todos os dias.

Volta um dia da lavanderia para a Irmã Maria Bernarda uma peça de roupa do seu vestuário tôda rasgada. Ela a desdobra, olha e se encoleriza:

— Não podíeis ter mais cuidado? diz rudemente à Irmã roupeira. Agora terei de passar horas remendando! Se pusésseis mais sentido no que fazeis, isto não aconteceria.

Mas apenas proferidas essas palavras de asomo, percebe a falta de domínio de si mesma, e ei-la que detém a religiosa para humilhar-se diante dela:

— Perdoai-me, minha Irmã, perdoai-me! Eu é que sou má. Não consigo corrigir-me. Oh! orai pela minha conversão!

Foi a própria Irmã roupeira que contou a história.

Muitas vezes, depois dessas pequenas impaciências, era perante todas as Irmãs que ela se acusava e pedia perdão.

* * *

O capelão de São Gildardo, o Padre Febvre, declara, no relatório que fez sobre Bernadette no primeiro processo de beatificação, “que êle considerou sempre êsses ímpetos de temperamento como ação diabólica pouco comum”.

Por que então o mesmo padre escreve também, por outro lado, que Bernadette foi mais trabalhada por Deus do que exercitada por si mesma? Por que a mostra passiva, receptora de graças recebidas, quase impostas e não adquiridas lutando? Em todos os fatos, que nos citam dela, é o contrário que se revela, e vemo-la em perpétua luta pela humildade, pela paciência, pela mansidão, pela resignação.

* * *

Em 1874, por conselho do Dr. Saint-Cyr, foi dispensada de seu ofício de enfermeira. “Há perigo, dizia êle, em deixar nesse ar mefítico uma pessoa de saúde tão delicada”. Sem dúvida começava a dar sinais do despertar das suas lesões tuberculosas,

pois chegamos aos anos em que sua saúde irá continuamente declinando. As canseiras do seu papel de enfermeira não eram próprias para deter o trabalho sorrateiro da doença.

O Dr. Saint-Cyr não diz que era mais prudente, a respeito das jovens religiosas em tratamento naquela enfermaria, fazê-las assistir por outra que não por essa doente tão profundamente minada...

A SACRISTÃ

Por fim, ei-la na capela, como sacristã.

É a Irmãzinha de andar ligeiro, que sobe silenciosamente os degraus do santuário, gira em torno do tabernáculo com genuflexões rápidas de Anjo adorador, alisa a toalha do altar, estica-lhe a renda, acende as velas, prepara com emoção sagrada os objetos da missa. Seus dedos trêmulos enchem as galhetas do vinho predestinado, dispõem com amor as partículas no cibório para o maior milagre da terra; gostam de tocar os linhos finos dos santos mistérios, tratam com piedoso cuidado os vasos sagrados, levam apertando-a ainda religiosamente a custódia vazia. Foi Bernadette, a religiosa encerrada no círculo das coisas místicas; já não se move senão no sobrenatural, sempre em contato com a Eucaristia, associada, como é o servidor ao Senhor, ao dom por Cristo feito aos homens, estando o dia todo perto das Santas Espécies.

Fazia voltar as flores ao divino Autor delas, dispondo-as entre os castiçais, ou em cordelha diante da porta do tabernáculo.

Não tocava em nada que não fôsse santo ou que não houvesse de vir a sê-lo. Sua ardente caridade lá se ia a Deus pela ponta de seus dedos, que só para seu culto trabalhavam. Era um espetáculo adorável ver a nossa pastorinha de Bartrês, empregando agora todos os requintes adquiridos, a sua delicada perícia, a sua preocupação de limpeza meticulosa, o seu grande amor à pureza, que se estendia até a pureza material das coisas. — Madre Josefina Imbert admirava sempre a boa disposição e o asseio de quanto ela tocava — para honrar o Sacramento daquêle que disse: “E’ o meu próprio corpo, o mesmo que será entregue por vós”.

* * *

Lá vai e vem da sacristia ao altar, enche de óleo a lâmpada do santuário, carrega objetos de ourivesaria, cruzes e candelabros, pesados demais para os seus braços fracos, move-se com serenidade de paraíso.

Certa noite de Natal, prepara o Presépio. Fica tôda radiante de alegria infantil. Dispõe, com uma recordação enternecida de outrora, os cordeirinhos de papelão no musgo; acama com amor a palha da manjedoura; por fim, tudo está pronto, e, com alegria inexprimível, pega no Menino Jesus para ir co-

locá-lo, ela mesma, na caminha Carregando-o, estreita-o nos braços, aperta-o ao coração, fala-lhe à meia voz, e uma religiosa que orava sem ser vista num canto escuro da capela, ouve-a dizer-lhe:

— Oh! Coitadinho do meu Jesus! Devíeis sentir muito frio no estábulo de Belém. Eram pois sem coração aquêles habitantes para não vos darem hospitalidade!

E recordamos o dito da mulher do moleiro de Savy: “E’ um Anjo! Vossa filha é um Anjo, Luísa Castérot!”

* * *

Tossia muito. Suas crises de asma repetiam-se. Tinha de fazer, agora como paciente, freqüentes estadas na enfermaria, e, entrementes, continuava no seu ofício de sacristã.

Com o ano de 1876 vieram as esplêndidas festas da Coroação da Virgem em Lourdes. O sucessor de D. Fourcade, D. Ladoue, que ia assistir a elas, propôs a Bernadette levá-la. Ela respondeu: — “Excia., gostaria muito de assistir ao triunfo da SSma. Virgem, mas com a condição de ver sem ser vista, empoleirada bem alto como um passarinho. Aliás, não devo voltar a Lourdes. Antes de partir para Nevers, fiz as minhas despedidas à Gruta”.

Estas palavras deixam adivinhar uma convenção secreta entre a Virgem e Bernadette, feita no dia das despedidas. Basta lembrar aquela cena dilacerante. Sem dúvida, era um sacrifício pedido e generosa-

mente consentido pela jovem vítima dos pecadores. É uma visão muito luminosa que nos é proporcionada sobre a vida espiritual insuspeitada da Irmã Maria Bernarda, precursora do triunfo de Maria, e que desaparecia diante dela, como João Batista diante de Jesus.

* * *

Escreveram-se livros inteiros sobre as curas que se operavam diariamente na fonte de Lourdes durante anos. O convento de São Gildardo era também assaltado por cartas implorando as preces de Bernadette para doentes, para pecadores. Suas Superiores não lhe diziam: “Minha Irmã, pedem-vos uma novena de orações”. Porém: “Minha Irmã, escreveram-nos acerca de uma novena que nós vamos fazer para tal intenção”. Muitos milagres não autenticados se produziram assim pelo mundo, de modo contínuo, secretamente, pela intercessão da Santa de Nevers.

A PAIXÃO DOLOROSA

Em 1877, ei-la novamente na enfermaria por motivo de uma série de novas hemoptizes que dão rebote acerca de seu estado pulmonar.

Não mais será vista na sacristia. Entrou na sua paixão, a paixão da Irmã Maria Bernarda oferecida a Deus pelos pobres pecadores.

Não sabemos tudo, nem as inspirações que lhe foram dadas nos momentos de êxtase, nem a com-

preensão com que ela pôde ser iluminada ante a tristeza infinita de Maria que pensava nos pecados do mundo.

Mas estamos seguros de que o sentido da sua visão não foi outra coisa senão um oferecimento perpétuo de si mesma a Deus em favor dêsses homens desconhecidos e cegos.

— Que fazeis aí, preguiçosazinha, dizia-lhe um dia, na enfermaria, uma Superiora de visita.

— Minha querida Madre, estou desempenhando o meu ofício.

— Qual?

— O de ser doente.

Às Irmãs dizia às vezes:

— Mortifiquemo-nos mais, pelos pecadores.

Quando lhe traziam alguma porção intragável para beber, ela a engulia valentemente, dizendo:

— É pelo grande pecador.

Com efeito, pensava freqüentemente no mais culpado de todos, no homem mais indigno, mais decaído, mais malvado, que vivia em algum lugar da terra, sem que nem mesmo os que o rodeavam conhecessem o seu grau de culpabilidade, visto que somos incapazes de julgar. Mas a interlocutora não penetrava tão profundamente, e perguntava onde estaria, quem seria êsse grande pecador...

— Oh! a SSma. Virgem o conhece bem! respondia Bernadette.

Tôda sua vida vibra dêsse mesmo tom de penitência, de compaixão para com aquêles que, com

expressão de ternura, ela chama de pobres pecadores. Foi essa a sua maternidade, fraca imagem feminina de pureza absoluta, o resgate dêsse bando manchado de homens e mulheres chafurdando no pecado, e que ela adotava a cada instante nas suas dôres. Foi por êles que se deitou sôbre o leito da enfermaria, como sôbre a cruz da qual quase nunca mais se desencravará.

* * *

No inverno de 1877 sobreveio-lhe no joelho direito um abcesso tuberculoso. Não se conhecia ainda nenhuma medicação eficaz contra essas manifestações ósseas. Sofreu sem alívio, intoleravelmente, a tal ponto que se lhe via no rosto o desfiguramento. Cresceu-lhe no joelho um tumor enorme, que lhe foi deformando totalmente a perna, e que permanece ainda hoje muito visível, no ataúde, debaixo das dobras inumeráveis do vestido monacal, que essa protuberância do joelho levanta à direita.

Nunca se queixou; ou se lhe escapava um grito, pedia perdão. “Sou mais feliz com meu crucifixo no leito do que uma rainha em seu trono”, dizia ela um dia.

Mais ainda. As devastações da doença contribuíam para estabilizar nela o que se poderia chamar de “serenidade tuberculosa”, êsse predomínio da alma sôbre os movimentos da natureza, que

o físico mostra, como se essa doença fôsse uma espiritualização.

O capelão de São Gildardo, Padre Febvre, escreveu no seu relatório: “ Os repentinos dela, seus acessos de gênio quase não se produziam durante o tempo da doença. Se lhe acontecia então manifestar impressões dessa natureza, era contra o médico: “ Já não quero saber dê-lo! Deixe de voltar! ”

* * *

Guarda-se em Lourdes, no Museu Bernadette, uma carta por ela escrita da enfermaria a seu irmão João Maria:

“ ...Em seguida um grande escarro de sangue, que não me permitia fazer um movimento sem se repetir. Acreditarás sem esforço que o fato de estar assim pregada não se combina facilmente com a minha natureza ardente. Eis que as forças voltam. Nosso Senhor é muito bom. Tive a felicidade de recebê-lo durante todo o tempo da doença três vezes por semana no meu pobre e indigno coração. A cruz ficava leve e os sofrimentos suaves ao pensar que receberia a visita de Jesus ”.

A carta está toda amarelada, de letra filiforme, deitada, mas de firmeza e regularidade significativas.

Nunca deixou de ser como criança, dirão. Sem dúvida, sob alguns aspectos. Mas, por momentos, certos rasgos confirmam o caráter forte anunciado pela letra. Como crer, que, tão tímida e tão humi-

lhada quanto foi em seu convento, ela obtivesse com sua franca maneira de falar, a reforma de uns pequenos abusos, que o hábito deixa às vêzes implantarem-se numa comunidade?

Agora ei-la reduzida a completa inatividade: aqueles trabalhos de bordado em que se tornara tão hábil, aqueles coraçõezinhos que pintava nas imagens, aquele processo de decoração em ovos, que consistia em raspar certos lugares a casca pintada, — (tanto faz, dizia ela, caçoando de seu trabalho ingênuo, ganhar o céu raspando ovos quanto fazendo qualquer outra coisa!) está entregue inteiramente a seu martírio e à vida Eucarística; a Comunhão torna-se sua única alegria.

“ Quando pedia a comunhão, escreve Madre Imbert, eu já não a reconhecia ”.

Ia subindo. Sua união com Deus tornava-se constante.

Aquela que, vinte anos antes, lograra um antegozo da vida beatífica não falava senão do céu.

“ O céu! suspirava ela, dizem que há santos que não foram direitinho ao céu porque não o desejaram suficientemente. Não será êste o meu caso! ”

Aquela que chorava só com ouvir o cântico suave: “ Eu verei a Mãe querida! ” respondeu num dia de crise ao padre que lhe aconselhava o sacrifício da vida:

— Chamais a isto sacrifício?

Aquela que respondera a uma criancinha: “ Oh, sim! A SSma. Virgem é bela, tão bela que quando

a gente a viu uma vez já não pensa senão em morrer para revê-la!” Calculava agora as semanas, os meses que a separavam ainda do “outro mundo”.

Todos os que viviam em torno dela notaram isto, que à medida que seu pobre rosto emagrecia e suas feições se desfaziam, os olhos conservavam essa magnífica flama, própria dos tuberculosos, e que se avivava ainda mais quando ela os levantava para o Crucifixo. Na intensidade do colóquio com Deus seu olhar tomava uma expressão que o confessor qualifica de “empolgante”.

* * *

A 22 de setembro de 1878, por ocasião de uma leve melhora de seu mal, pronunciou os votos perpétuos. Imolação definitiva, que nela causou uma alegria inefável. “Julguei estar no céu”, dirá ela depois da função.

Parece que, naquele tempo, ela vai e vem um pouco pelo convento. Não acabou ainda a melhor estação do ano. Sem dúvida desceu com o auxílio das Irmãs ao Oratório de Nossa Senhora das Águas, onde terá passado algumas derradeiras tardes plácidas. Entretanto uma febrezinha a vai minando surdamente. Pode ainda celebrar na capela a festa da Imaculada Conceição. Mas no dia 11 de dezembro torna a subir à enfermaria, donde não tornará a descer.

Foi lá que a 13 de dezembro, os bispos de Nevers e de Tarbes vieram fazê-la passar por um supremo interrogatório. Queriam, que antes de se calar para sempre aquela voz tão humilde, mas a única certa, decisiva e convincente, repetisse ainda uma vez as aparições.

A Irmã Maria Bernarda, que fôra tantas vêzes importunada para repetir aquela narração, prestou-se com uma espécie de contentamento ao desejo dos dois Prelados. Na presença dêles e dos seus Superiores, respondeu a tôdas as perguntas que lhe fizeram, deu, sem nunca lhes alterar o sentido, tôdas as minúcias que quizeram e repetiu em dialeto tôdas as palavras de Maria, e desta vez as entregou à Igreja com solenidade de um testamento.

* * *

A tuberculose óssea generalizava-se. A Irmã Maria Bernarda emagrecia, e seu corpo, gasto pelo leite, cobria-se de chagas. E para que sua paixão fôsse completa e conforme ao seu Modelo, Deus a abandonou.

Perdeu a confiança; perdeu a paz; perdeu a certeza do céu; julgou-se indigna de ser salva. Dir-se-ia que só naquele momento compreendeu intimamente o enorme cabedal de graças que lhe foram concedidas. Sentiu o terror de não tê-las aproveitado.

Já não é senão uma pobre coisa que sofre. “O autor da *Imitação*, diz ela, tem muita razão de en-

sinar que para servir a Deus não se deve esperar o último momento. Então, quão reduzida é a nossa capacidade!”

O espetáculo é dilacerante, e para que a nossa sensibilidade não se desvie dêle num excesso demasiado doloroso de compaixão, é preciso lembrar o dogma essencial do Cristianismo, a comunhão dos Santos, e ver a pobre Bernadette na luz de Cristo, que disse: “Eu sou a videira e meu Pai, o vinhateiro. Todo sarmento que está em mim e dá fruto, Êle o poda para que dê mais frutos. Eu sou a vide, vós sois os sarmentos”.

Naquele tempo em que a humilde religiosa oferecia-se para o maior pecador, que a SSma. Virgem conhecia bem, seus terríveis sofrimentos morais e físicos, na videira mística palpitavam sarmentos malditos, os que dão maus frutos, e que o vinhateiro arranca. Quantos, lavados e alagados pela seiva divina, refloriram em virtude da própria superabundância do pobre sarmento podado: aquela jovem religiosa mártir, que tinha visto a Mãe de Deus! Admirável circulação secreta! Fraternidade inumerável dos filhos de Deus, que haurem seu leite do mesmo seio!

Nós mesmos, ainda hoje, debruçados sobre aquela vida tão comovente, quanta fonte de graças não receberemos em nós!

Uma das religiosas que lhe dizia que ia orar para obter-lhe consolações:

Não, não! Nada de consolações: sòmente fôrça e paciência!

Viram-na abrir os braços em cruz, murmurando:

Oh! quanto lhe quero bem!

Distribuiu os pobres objetos que lhe haviam pertencido a tôdas as religiosas, e pediu que enviassem seu véu de estamenha à Irmã Isabel Vidal, que lhe ensinara a ler e escrever (1). Só guardou o Crucifixo, dizendo:

— Fica-me êste. De nada mais preciso.

A 28 de março quiseram dar-lhe a Extrema-Unção. A princípio recusou-se.

— Não! Já a recebi três vêzes e cada vez curou-me. Talvez me impeça ainda de morrer!

Todavia, por obediência, sujeitou-se.

No momento de receber a comunhão, naquele dia, exclamou com voz, cuja fôrça surpreendeu: “Minha querida Madre, peço-vos perdão de todos os desgostos que vos causei pelas minhas infidelidades na vida religiosa. Peço perdão às companheiras dos maus exemplos que lhes dei, sobretudo com meu orgulho.

A 29 de março mostraram-lhe a fotografia de uma estátua de Nossa Senhora de Lourdes, por Armando Caillet, escultor de Lyon:

(1) Esse véu está ainda em poder da Sra. de la T., sobrinha dessa religiosa.

— É a menos má, disse ela depois de longa contemplação. Mas não sei porque representam a SSma. Virgem assim. Eu sempre disse que ela não ficava com a cabeça tão deitada para trás. Não era assim que olhava para o céu.

É que o céu não é o azul que nos envolve, mas o infinito, e Maria devia simplesmente olhar para o espaço, *para ao infinito...*

Quiseram de novo a narração das aparições, ao que respondeu:

— Disse quanto tinha que dizer. Lembrem-se do que disse as primeiras vezes. Posso ter esquecido e os outros também podem ter esquecido. O que se escrever de mais simples será o melhor. Quando leio a Paixão, fico mais comovida do que quando me explicam.

Frase admirável!

MORTE DE IRMÃ MARIA BERNARDA

Durante toda a semana santa vai sofrendo o seu martírio. “A minha paixão durará até que eu morra!” Assim fala e luta contra o demônio, cujo ataque sente nitidamente. Tem medo e grita. É mister dar-lhe segurança acerca da vida tão santa que levou e que ela julga indigna das graças recebidas.

Por causa das sufocações, não pode ficar deitada. Sentam-na numa poltrona, com a perna doente

colocada sôbre um tamborete, frente à chaminé, de modo que veja a estátua da SSma. Virgem.

Na quarta-feira de Páscoa, 16 de abril, às duas horas da tarde, o Padre Febvre é chamado precipitadamente, porque ela quer confessar-se. Em seguida, reclama o rescrito da bênção especial, *in articulo mortis*, que Pio IX, a quem escrêvera um dia intitulando-se seu “pequeno Zuavo”, lhe enviara. Como não tinha mais fôrça para segurar o crucifixo, pediu que lho prendessem ao peito.

“ Às duas horas e meia, seus belos olhos cheios de luz e de vida no rosto extenuado elevaram-se para o céu. Sua fisionomia respirava sossêgo, serenidade e não sei que gravidade melancólica; depois, com expressão indefinível, que manifestava antes surpresa do que dor, exclamou: “ Oh! Oh! Oh! ” Juntamente estremeceu-lhe todo o corpo; depois, com voz bem acentuada:

“ Meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração, de tôda a minha alma, com tôdas as minhas fôrças! ”

Estas linhas são de uma religiosa testemunha daqueles derradeiros instantes tão solenes.

Em seguida, a Irmã Maria Bernarda pede ainda perdão de tôdas as faltas. Diz: “ Tenho sêde! ” Apresentam-lhe um copo de água. Antes de molhar nêles os lábios, faz o seu último sinal de cruz, um daqueles sinais de cruz que aprendera de Maria, e que sempre foram causa de admiração para os que a rodeavam.

Alguns minutos mais tarde, murmurou:

— Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim pobre pecadora... pobre pecadora...

E deu suavemente o último suspiro: era o dia 16 de abril de 1879, às três horas e um quarto da tarde.

Seu corpo ficou exposto na capela, onde, durante três dias, uma multidão inumerável desfilou. Depois, foi sepultada numa capelinha gótica, edificada no centro do jardim do convento e dedicada a São José.

Sua lájea tumular recebeu esta inscrição:

“Aqui repousa — Na paz do Senhor — Bernadette Soubirous — Favorecida em Lourdes no ano de 1858 com várias aparições — Da Santíssima Virgem — Em religião Irmã Maria Bernarda — Falecida em Nevers — Na Casa Mãe das Irmãs de Caridade, em 16 de Abril de 1879 — no 36º ano de sua idade — e 12º de sua Profissão Religiosa”.

* * *

Em 22 de setembro de 1909, trinta anos mais tarde, por motivo do processo de beatificação, exumou-se aquele corpo precioso; e na presença de dois médicos, do bispo e dos membros do Tribunal, procedeu-se à abertura do ataúde.

A jovem Santa apareceu vestida do hábito religioso, em estado de perfeita conservação. O rosto descoberto assim como as mãos e os ante-braços, eram de um branco baço, a boca entre-aberta dei-

xava ver os dentes, os olhos fechados afundavam um pouco na órbita. Podia-se ver nos braços o relevo das veias.

A Superiora Geral despiu-a, ajudada pelas Irmãs. O corpo em grande parte estava ressequido, mas em estado de perfeita conservação. Depois de o terem lavado, colocaram-no de novo no ataúde.

Aos 25 de Abril de 1925, nova exumação. O colorido moreno do corpo acentuara-se devido ao êrro que houve em 1909, lavando-o. Mas nenhum vestígio de corrupção. Os tecidos permanecem até aqui e ali, elásticos. Extrai-se, para Roma, uma relíquia, retirada da última costela direita. O cirurgião encarregado da operação não pôde evitar que venha aderente a êsse fragmento de costela uma parcela do fígado. Tudo foi depositado num linho branco, antes de ser piedosamente encerrado no relicário preparado. No momento de levantar a relíquia, percebeu-se que deixara no linho uma mancha úmida, avermelhada.

Assim, as próprias vísceras não estavam ressequidas, preservadas, portanto, de tódia a corrupção.

É êste corpo abençoado que reencontramos hoje no ataúde da capela do convento, em Nevers, com o rosto e as mãos recobertas de uma delgada camada de cêra. O corpo conservou a posição de que tinha em 1909, inclinado sôbre o lado, como as Virgens dos primeiros séculos cristãos, encontradas nas catacumbas.

É ali, ó Santa Bernadette, que voltamos para vos dizer adeus, depois que, em São Pedro de Roma, se patenteou, na música e no incenso, a glória que vossos irmãos da terra oferecem à vossa humildade, modesta Santinha francesa, que ninguém pode conhecer sem amar-vos.

Perdoai à autora indigna que tentou seguir vossas pegadas terrestres, se não vos viu na vossa Verdade. E supri a sua impotência, mostrando-vos através destas linhas como fôstes, isto é, muito reta, muito pura e muito bela, ó Preferida da Mãe de Jesus!

† Livros Católicos para Download



ÍNDICE

Prefácio	pág.	5
Abrindo caminho	"	9
Os subterfúgios dos descrentes	"	11
Episódio comprovador	"	14
As curas	"	18
Modo de pensar do Dr. Bernheim	"	20
A hipnose mística das turbas	"	21
O juízo de Jesus	"	22
O milagre espiritual de Lourdes	"	25
Razão porque a autora escreveu esta obra	"	26

CAPÍTULO I

O primeiro encontro com a Santa	"	28
---------------------------------------	---	----

CAPÍTULO II

A infância	"	35
A vida em Bartrés	"	39
O verão	"	44
Visita de Francisco Soubirous	"	45
O inverno nos Pireneus e a volta a Lourdes	"	51
O gênio complexo de Bernadette e suas origens	"	55
Vida em casa	"	56
Episódio triste de 1857	"	63
De novo em Bartrés	"	65
O que pensam de Bernadette	"	68

CAPÍTULO III

Aparições	"	76
A primeira aparição	"	77
Reflexos sobre a aparição	"	82
Como se deu esta primeira aparição	"	83
Reflexões da autora sobre o fato	"	84
Depois da primeira aparição	"	88
Segunda aparição	"	92
Terceira aparição	"	98
Promessa misteriosa	"	103
Quarta aparição	"	106
Quinta aparição	"	110
Sexta aparição	"	113
Atitude de Bernadette	"	114
O interrogatório do procurador	"	116
O delegado Jacomet na presença do Sr. Estrade	"	118
Sétima aparição	"	123
Oitava aparição	"	127
As lágrimas e o pranto de Bernadette	"	128
Chegada do sargento e da polícia	"	129
Nona aparição	"	132
Narração de Bernadette	"	134
A fonte	"	136
Primeiro milagre da água de Lourdes	"	138
Décima aparição	"	140
Décima primeira aparição	"	142
Décima segunda aparição	"	144
Décima terceira aparição	"	145

Décima quarta aparição	"	147
Décima quinta aparição	"	147
Décima sexta aparição	"	152
Relatório dos médicos	"	155
Décima sétima aparição	"	159
Primeira Comunhão de Bernadette	"	162
Décima oitava e última aparição	"	168

CAPÍTULO IV

Adolescência	"	170
Interrogatório eclesiástico	"	174
Entrevistas com a Vidente	"	176
A pensionista	"	179
Juízo doutrinal da Igreja	"	190
Traquinices da Vidente	"	193
Novo rumo	"	196
Última visita a Massabielle	"	204

CAPÍTULO V

Vida monástica	"	207
A jovem noviça	"	212
A morte da mãe	"	215
Profissão religiosa	"	218
A dedicada enfermeira	"	221
O pai Soubirous	"	223
Novas entrevistas	"	224
Temperamento ardente	"	228
A sacristã	"	231
A paixão dolorosa	"	234
Morte de Irmã Maria Bernarda	"	243